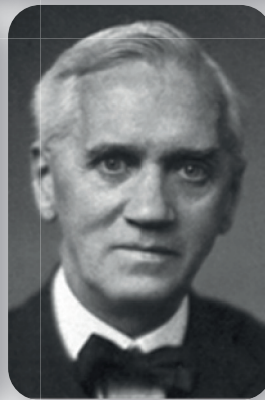
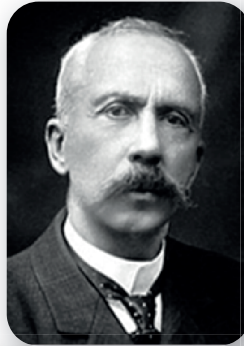


Nobel e Prêmios Nobel da Academia de Medicina de São Paulo



Helio Begliomini

A capa contém, ao centro, o anverso e o verso da medalha do Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina concedida a Linus Pauling. Acima e abaixo, da esquerda para a direita, respectivamente, as fotografias de Charles Richet, Marie Curie, Egas Moniz e Alexander Fleming.

Este livro foi publicado obedecendo ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, implementado, no Brasil, em janeiro de 2009.

B364n

Begliomini, Helio

Nobel e Prêmios Nobel da Academia de Medicina de São Paulo /
Helio Begliomini – São Paulo: Expressão & Arte Editora, 2021.

144 p.; 17x24 cm.

ISBN: 978-65-5833-012-7

1.Prêmio Nobel. 2.Academia de Medicina de São Paulo – Prêmio Nobel. 3.Prêmio Nobel - Brasil. I. Título.

CDD 929.8

CDU 06.068:172.4

Ficha Catalográfica elaborada por Renata Lopes Mariano dos Santos –
CRB8-7615.

Obras publicadas pelo autor:

1. Contribuição ao Estudo dos Tumores do Testículo, 1984
Tese de Mestrado
2. Pelo Avesso, 1998
Crônicas, Ensaios e Cartas
3. Ementário da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, 1999
Cadastro Nacional
4. Tributo à Sobrames Nacional, 1965-2000
Ensaio e História
5. Ultrapassando com Humildade os Umbrais da Academia Cristã de Letras, 2000
Discursos de saudação e do recipiendário como membro titular da Academia Cristã de Letras
6. Galeria Fotográfica dos Presidentes da Sobrames Nacional, 2001 (Coautoria)
História e Documentário
7. A Sobrames Nacional e Seus Presidentes, 2001
História e Biografias
8. Contraponto, 2002
Crônicas, Ensaios e Cartas
Prêmio Clio de História – 27ª edição (2004) da Academia Paulistana da História
9. Alvissaras, 2003
Pensamentos, Reflexões, Apotegmas, Provérbios e Orações
10. Mistura Fina, 2004
Crônicas, Ensaios e Cartas
11. Juscelino Kubitschek de Oliveira – Patrono da Sociedade Brasileira de Urologia, 2005

Biografia e Documentário

Prêmio Clio de História – 29ª edição (2006) da Academia Paulistana da História

12. Urologia, Vida e Ética, 2006

Ensaio, Crônicas, Cartas e Desenvolvimento de Doutrina sobre Ética Médica, particularmente em Urologia

13. Sonhar é Preciso, 2007

Discursos de saudação e do recipiendário como membro correspondente, assim como fragmentos históricos da Academia Nacional de Medicina

14. Academia Cristã de Letras – Tributo aos Quarenta Anos de História, 2007

História e Documentário

Prêmio Clio de História – 30ª edição (2007) da Academia Paulistana da História

15. Alçando Novos Ares, 2007

Discursos de saudação e do recipiendário como sócio-efetivo do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, assim como dados de atuação desse sodalício

16. Academia Brasileira de Médicos Escritores – Vinte Anos de História, 2007

História e Documentário

Prêmio Clio de História – 31ª edição (2008) da Academia Paulistana da História.

Obra selecionada dentre os “Livros do Ano” de 2008 pela Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias – categoria medalha de ouro

17. Dissecando a Vida, 2008

Ensaio

18. Sobrames Paulista – Compêndio dos seus Vinte Anos de História – 1988-2008 (Coautoria), 2008

História e Documentário

19. Sobrames do Estado de São Paulo – Editoriais Presidenciais (Biênio 2007-2008) – Volume I, 2009

Ensaio, Crônicas e Discursos

20. Asclepíades da Academia Paulista de Letras, 2009
História, Documentário e Biografias
Obra selecionada dentre os “Livros do Ano” de 2009 pela Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias – categoria medalha de ouro
21. Entressafra, 2010
Ensaaios, Crônicas, Cartas e Prefácios
Obra selecionada dentre os “Livros do Ano” de 2010 pela Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias – categoria medalha de ouro
22. Imortais da Abrames, 2010
História, Documentário e Biografias
23. Sobrames do Estado de São Paulo – Editoriais Presidenciais (Biênio 2009-2010) – Volume II, 2011
Ensaaios, Crônicas e Discursos
24. Rotarismo: Fundamentos Ilustrados de uma Magnífica Instituição Centenária, 2011
História, Documentário e Biografias
Obra selecionada dentre os “Livros do Ano” de 2011 pela Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias – categoria medalha de ouro
25. 7 de Março (Coautoria), 2012
História e Biografias
26. Esculápios da Casa de Machado de Assis, 2012
História, Documentário e Biografias
27. Prógonos da Academia de Medicina de São Paulo, 2014
História e Biografias
28. Matéria-Prima, 2014
Ensaaios, Crônicas, Cartas, Necrológios, Discursos, Biografias e Prefácios
29. Rotary Club de São Paulo Tremembé - Dezesesseis Anos de Interação e Serviços, Transformando a Vida Comunitária (Coautoria), 2015
Documentário e História

30. Presidentes da Casa de Luiz Pereira Barreto em seus 120 Anos (1895-2015) de Existência, 2015
História, Documentário e Biografias
31. Um Escritor que Virou Cidade, 2016
Biografia e Documentário
32. Rugas, 2017
Crônicas, Cartas, Necrológios, Discursos, Biografias e Memórias
33. Helio Begliomini em Prosa e Verso, 2018 – editor Marcos Gimenes Salun
Coletânea de textos selecionados pelo editor em prosa e verso
34. Um Médico Entre Historiadores – Agradecendo a um Especial Convite de Clio, 2018
Discursos do presidente, de saudação e do recipiendário como membro titular da Academia Paulista de História
35. Entrelinhas, 2018
Crônicas, Cartas, Ensaios, Discursos, Necrológios e Biografias
36. Memórias de um Caríssimo Ambulatório, 2019
Documentário e História
37. Antigos Membros da Centenária Academia de Medicina de São Paulo, 2021
História, Documentário e Biografias
38. Mulheres Notáveis e Pioneiras na Área da Saúde do Brasil do Século XIX, 2021
História e Biografias
39. Nobel e Prêmios Nobel da Academia de Medicina de São Paulo, 2021
História, Documentário e Biografias
40. Marie Rennotte – Professora, Feminista, Médica, Humanista e Empreendedora – Primeira Mulher a Ingressar na Academia de Medicina de São Paulo!, 2021
História e Biografia

Sumário

Dedicatória I.....	9
Dedicatória II.....	11
Agradecimento.....	13
Prefácio I.....	15
Prefácio II.....	19
Introdução.....	21
Parte I – Origem e Particularidades do Prêmio Nobel	25
Quem foi o Mecenas do Prêmio Nobel?.....	27
A Fundação Nobel.....	30
Curiosidades	34
Prêmios Nobel da América Latina.....	70
O Brasil e o Prêmio Nobel.....	74
Parte II – Sumário Biográfico dos Membros da Academia de Medicina de São Paulo que Receberam o Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina	85
Charles Robert Richet.....	87
Marie Skłodowska Curie.....	90
Antônio Caetano de Abreu Freire Egas Moniz.....	92
Alexander Fleming.....	95
Parte III – Sumário Biográfico dos Membros da Academia de Medicina de São Paulo que Foram Indicados ao Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina.	99
Carlos Justiniano Ribeiro das Chagas.....	101
Marcel Labbé.....	103
Mariano Luigi Patrizi.....	104
Manoel Dias de Abreu.....	106
Pierre Delbet.....	109
Antônio Cardoso Fontes.....	111
Anatole Marie Émile Chauffard.....	113
Jacques Charpy.....	115

Nicola Pende	116
Ugo Cerletti.....	118
Roberto Caldeyro-Barcia	120
Jose Froimovich Schejter	123
Bernhard Zondek.....	124
Adolpho Lutz.....	126
Referências	129
Dados do autor.....	130

Dedicatória I

*Este livro é dedicado, de modo mui particular, à memória do ilustre acadêmico **Luiz Celso Mattosinho França** (1931-2017), renomado patologista brasileiro, que foi titular e emérito da cadeira nº 4, sob a patronímica de Mário Rubens Guimarães Montenegro, e ex-presidente (1999-2000) da ínclita Academia de Medicina de São Paulo.*



Luiz Celso Mattosinho França

***Mattosinho** não somente estimou, vibrou e muito se dedicou a este sodalício, como também pesquisou, fotocopiou, encadernou e doou os Boletins da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo de 1895 a 1940, onde constam atas, matérias, estudos de casos, trabalhos e relações de antigos membros do silogeu; fascículos dos Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia (de 1924 a 1956) e da Revista de Medicina e Cirurgia de São Paulo (do volume I de 1941, ao volume XIV de 1954), onde constam boletins, atas, artigos e discursos de antigos membros; além de diversos outros livros e documentos de historiografia, coligindo um preciosíssimo acervo que tornou abreviado e facilitado o exaustivo e meticuloso trabalho de pesquisa desta obra.*

Helio Begliomini

Dedicatória II

Este livro é também dedicado:

À memória da ínclita Academia de Medicina de São Paulo...

Aos seus confrades e confreriras passados, presentes e futuros...

que nela sempre habitarão, pois, juntos, constituem

a riqueza imaterial e imperecível desse querido sodalício.

Helio Begliomini

Agradecimento

“A gratidão é uma dentre tantas virtudes que diferenciam os racionais dos irracionais, apesar de nem sempre ser naqueles cultivada e, nestes, por vezes esboçada.”

Agradeço, mui sensibilizado, pela honra de prefaciarem este livro¹,
duas ilustres e jovens acadêmicas da veneranda
Academia de Medicina de São Paulo,
o que muito contribuiu para valorizar este empreendimento.

Emilia Inoue Sato

Nelci Zanon Collange

Helio Begliomini

¹ Os textos encontram-se, a seguir, por ordem cronológica de recebimento.

Prefacio I

Todas as descobertas e invenções da humanidade podem ser usadas para o Bem ou para o Mal. O que decide o destino é o livre-arbítrio. As escolhas que fazemos com nossos pensamentos geram ações e produzem energia, e delas advêm os progressos e os revezes da humanidade. Alfred Nobel sintetizou a dinamite, que pode proporcionar rapidamente novas estradas, construções e viadutos, mas também facilita a destruição humana numa guerra.

Helio Begliomini, como diretor de comunicação da Academia de Medicina de São Paulo, poderia apenas usufruir do cargo de diretor de comunicação e colher os louros, mas escolheu produzir em benefício não só dos Acadêmicos, mas de todos os que prezam a história e os anais dos arautos da Academia. Depois dos excelentes livros “Presidentes da Casa de Luiz Pereira Barreto em seus 120 Anos (1895-2015) de Existência” e “Prógonos da Academia de Medicina de São Paulo”, nos brinda com mais esta pérola de fácil leitura e muito conhecimento seletivo e direcionado aos que buscam as mudanças em sua vida e no planeta Terra.

Ler o livro “Nobel e Prêmios Nobel da Academia de Medicina de São Paulo” é uma viagem no tempo e um encontro memorável com os nossos antecessores, que deram seu melhor para a evolução da humanidade. Realmente, um privilégio ter acesso a esses conhecimentos condensados. Só algumas pérolas para antever a viagem dessa prazerosa leitura: a mentora da mudança de paradigma para Alfred Nobel foi Bertha Kinsky, uma grande amiga. Alfred criou muitos explosivos militares e chegou a ser descrito como “o mercador da morte”. Sozinho e sem descendentes, Bertha conseguiu incutir nele ideias pacifistas, que influenciaram a criação de uma fundação com seu nome, com a finalidade de reconhecer os pesquisadores que promovem o bem-estar e a evolução da humanidade.

Outro detalhe interessante que a história se encarrega de corroborar, Mahatma Ghandi (Mohandas Karamchand Gandhi, 1869-1948), que foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz três vezes e nunca ganhou descrito como a maior omissão da história da Fundação: No ano do falecimento de Ghandi, não houve um ganhador do Nobel da Paz, “por não ter ninguém vivo adequado para aquele prêmio”. Foi uma maneira elegante de reconhecer o valor póstumo, quando em vida não foi possível, por circunstâncias nem sempre tão evidentes.

Como curiosidade saliento que os Prêmios Nobel de Medicina, Física e Química tiveram como ganhadores homens em 97% das vezes. Compreensí-

vel numa sociedade patriarcal que aos poucos está mudando. Com as escolas de medicina tendo mais de 50% de alunos da graduação mulheres (algumas escolas com até 75%), provavelmente essa realidade vai ser mudada naturalmente nos próximos 100 anos. Se, entre 1901 e 2019, dos 213 laureados em Medicina ou Fisiologia, apenas 12 foram mulheres, para 2120 essa proporção não deverá ser invertida, mas muito provavelmente mais equilibrada. Essa disparidade também se evidencia entre os cinco continentes: inicialmente os prêmios eram mais focados no continente Europeu, provavelmente pela sede da Fundação e pela história da humanidade.

Na América Latina, apenas 17 pessoas entre os 923 foram laureados, correspondendo apenas a 1,8% do total. Apenas duas mulheres laureadas: pela Literatura, a chilena Gabriela Mistral; e pela Paz, a guatemalteca Rigoberta Menchú. E o Brasil ainda não está entre os que mereceram a honrosa distinção, embora vários tivessem tido indicação.

Como a mulher mais jovem entre as Acadêmicas de Medicina de São Paulo, não poderia deixar de enfatizar a jovem paquistanesa que, na sua determinação de lutar para que ela e suas colegas tivessem acesso à educação, foi ferida e continua sua luta de forma planetária: Malala Yousafzai, de apenas 17 anos, ganhou o prêmio Nobel da Paz, em 2014.

Pessoalmente, talvez pelo interesse em Neurociências, interessante foi Charles Robert Richet (1850-1935), francês, que trabalhou com o neurologista e psiquiatra Jean-Martin Charcot, no Hospital Salpêtrière. Richet foi pioneiro na imunologia, muito necessária nos tempos atuais da Pandemia do Covid – 19, e cunhou o termo “anafilaxia”. Ele abriu portas para novos estudos, cunhando o termo “Metapsíquica”, definindo como a “ciência que tem por objeto os fenômenos mecânicos ou psicológicos, devido a forças que parecem inteligentes, ou a poderes desconhecidos, latentes na inteligência humana”. Ele também definiu o termo “ectoplasma”, como sendo substâncias difusas que emanavam do corpo de um indivíduo e responsável pela viabilidade dos fenômenos mediúnicos. No Brasil, o cirurgião oncológico carioca dr. Paulo Cesar Frutuoso, em seu livro “A Face Oculta da Medicina”, descreve fenômenos mediúnicos e materializações, com a presença do ectoplasma. Podemos antever uma medicina do futuro onde os médicos atuarão energeticamente, antes de as doenças se materializarem, permitindo uma vida saudável, feliz, harmônica onde uns apoiam os outros em prol de uma Paz mais duradoura e coletiva.

Gratidão pelo privilégio de prefaciá-la essa obra! O ilustríssimo Acadêmico dr. Helio Begliomini já foi inspirador nos primeiros dois livros da Academia e, agora, com o “Nobel e Prêmios Nobel da Academia de Medicina de

São Paulo”. Boa leitura a todos. Usando uma palavra da moda 2020, para não ofertar um “*spoiler*”, deixo aos leitores o suspense de descobrir o que está por trás do “Brasil e o Prêmio Nobel”.

Gratidão por pertencer a esse seletivo grupo de 130 imortais da Academia de Medicina de São Paulo e ser escolhida para prefacionar esta obra maravilhosa do dr. Helio Begliomini.



Nelci Zanon Collange¹

¹ Neurocirurgiã da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp); coordenadora da equipe Cenepe – Centro de Neurocirurgia Pediátrica e das mulheres na neurocirurgia da Sociedade Brasileira da Neurocirurgia; vice-presidente do Comitê de Educação da Sociedade Internacional de Neurocirurgia Pediátrica – ISPN; presidente do Comitê de Neurocirurgia Pediátrica da Federação Mundial das Sociedades de Neurocirurgia – WFNS; e presidente eleita da Associação Brasileira de Mulheres Médicas – ABMM.

Prefácio II

É um imenso prazer e honra prefaciá-lo livro **“Nobel e Prêmios Nobel da Academia de Medicina de São Paulo”**, de autoria do acadêmico Helio Begliomini, ocupante da cadeira nº 21 deste sodalício, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Após árduo e perseverante trabalho, pesquisando antigos documentos e atas da Academia de Medicina de São Paulo, o autor nos apresenta surpreendentes dados que engrandecem esta prestigiosa Instituição, como o fato de que, dentre os confrades, havia quatro que tinham sido homenageados com cinco Prêmios Nobel!

Esta obra traz também ao conhecimento público que outros 14 membros desta Academia haviam sido indicados a este consagrado prêmio internacional, que é concedido em razão da importância de suas pesquisas e descobertas.

Dividido em três partes, este livro traz um pouco da história e particularidades do Prêmio Nobel, um sumário dos membros correspondentes e honorários da Academia de Medicina de São Paulo que receberam o Prêmio Nobel e, na última parte, mas não menos interessante, o acadêmico Helio Begliomini nos brinda com o sumário bibliográfico de 13 membros correspondentes ou membros honorários e o patrono da cadeira nº 81, Adolpho Lutz, que tiveram seus nomes indicados para o Prêmio Nobel.

Estas informações, que eram desconhecidas da maioria dos próprios membros desta casa, foram resgatadas através do trabalho sempre primoroso do acadêmico Helio Begliomini, e foi uma grande honra ter tido a oportunidade de ler antecipadamente este trabalho.



Emilia Inoue Sato¹

¹ Emilia Inoue Sato é professora titular de reumatologia da Escola Paulista de Medicina (EPM) – Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Médica, pesquisadora clínica e professora, atua na área de doenças reumáticas autoimunes, sobretudo com lúpus eritematoso sistêmico, miopatias inflamatórias autoimunes e vasculites sistêmicas. Tem mais de uma centena de artigos publicados em periódicos internacionais de impacto e com revisão por pares. Ocupou diversos cargos na Unifesp, como o de chefe do Departamento de Medicina, vice-diretora do *Campus* São Paulo e de diretora da EPM (2015-2019). Teve grande atuação societária, tendo sido presidente da Sociedade Paulista de Reumatologia, e foi a primeira mulher a ocupar o cargo de presidente da Sociedade Brasileira de Reumatologia (1998-2000). Recebeu o título de *Master in Rheumatology*, concedido pela Panlar, em 2019. É membro da Academia Brasileira de Reumatologia e membro titular da Academia de Medicina de São Paulo, ocupando a cadeira nº 109, cujo patrono é Antônio Bernardo de Oliveira.

Introdução

“O último esforço da razão é reconhecer que existe uma infinidade de coisas que a ultrapassam.”

Blaise Pascal (1623-1662), matemático, físico, filósofo e escritor francês.

Este livro – **“Nobel e Prêmios Nobel da Academia de Medicina de São Paulo”** (2021), bem como outro anterior que inspirou este, intitulado **“Antigos Membros da Centenária Academia de Medicina de São Paulo”** (2021), só foram possíveis de serem feitos porque, alguns anos antes de falecer, o acadêmico **Luiz Celso Mattosinho França** (1931-2017), membro titular e emérito da cadeira nº 4 da colenda Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Mário Rubens Guimarães Montenegro (1923-2005), não somente pesquisou obstinadamente documentações, livros e revistas antigas com informações desse centenário sodalício, bem como os fotocopiou, os encadernou – tudo às suas expensas! –, assim como os doou ao acervo da entidade, constituindo-se em seu conjunto um importantíssimo documentário histórico que estava disperso, ignorado, para não dizer “perdido”.



Dentre as preciosidades que **Luiz Celso Mattosinho França** jungiu encontram-se: Boletins da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (de 1895 a 1940), onde constam atas, matérias, estudos de casos, trabalhos e relações de antigos membros do silogeu; fascículos dos Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia (de 1924 a 1956) e da Revista de Medicina e Cirurgia de São Paulo (do volume I de 1941, ao volume XIV de 1954), onde constam boletins, atas, artigos e discursos de antigos membros; além de diversos outros livros e documentos de historiografia, coligindo um preciosíssimo acervo que tornou abreviado e facilitado o exaustivo e meticuloso trabalho de pesquisa desta obra.

Assim, parte substancial do rico passado da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, por se encontrar espalhada em revistas de antanho, em bibliotecas e fora de sua sede, estava literalmente sepultada e, por conseguinte, desconhecida de seus membros que têm pertencido a esse vetusto silogeu, ao menos nos seus últimos 60 anos!

Tive três fortes momentos de indelével aproximação com o estimado acadêmico **Luiz Celso Mattosinho França**. O primeiro deles foi no Hospital do Servidor Público Estadual – Francisco Morato de Oliveira (HSPE – FMO), onde tive o privilégio de realizar minha especialização e, posteriormente, tornei-me assistente e responsável pelo Departamento de Endourologia do Serviço de Urologia.

Lembro-me de que enquanto era um simples residente, ávido por conhecimentos (1979-1982), **Mattosinho França**, que já tinha defendido sua tese de doutorado na Escola Paulista de Medicina, hoje, Universidade Federal de São Paulo, já havia também não somente estruturado o Serviço de Anatomia Patológica do HSPE – FMO, tradicional hospital de ensino, como era o seu diretor, e cuja fama e competência ecoavam além-fronteiras estaduais.

O segundo momento ocorreu aproximadamente quatro anos e meio após findada minha residência. Foi precisamente no dia 8 de agosto de 1986, no anfiteatro do Instituto Oscar Freire, quando tive a inefável alegria e honra de ombrear com destacados médicos paulistas que tomavam posse como titulares da ínclita Academia de Medicina de São Paulo – e, dentre eles, estava **Luiz Celso Mattosinho França**.

O terceiro momento e o mais intenso começou a ocorrer pouco mais de 23 anos após, quando fui convidado, pela primeira vez, a participar da diretoria da Academia de Medicina de São Paulo, na chapa encabeçada pela acadêmica **Yvonne Capuano** (2009-2010), mister que tenho exercido desde então. Assim, tive o extraordinário privilégio de estar com **Mattosinho França**, ex-presidente do sodalício (1999-2000), durante seis anos, em três diferentes presidências. Sentávamos lado a lado, na lateral direita da mesa, diametralmente oposta ao assento do presidente. Embora provento, ele era assíduo às reuniões, muito lúcido e, apesar de crítico e questionador, sempre esboçava em seus comentários grande zelo e amor à Academia de Medicina de São Paulo. Percebia também que ele tinha uma atenção e carinho especial por mim, esboçando-os discretamente, sem alarde a ninguém. Isso talvez fosse devido, em parte, ao meu interesse pela história da entidade e de seus membros de prístinos tempos. Certa feita, percebendo que eu vibrava

com os feitos de grandes personalidades que habitaram a egrégia Casa de Luiz Pereira Barreto, enaltecendo-os e quase que os divinizando, disse-me, surpreendentemente, algo assim: “*Não pense que eles foram muito superiores a nós e fizeram muito mais do que nós. Foram como nós, só que viveram em outras épocas!*”.

Luiz Celso Mattosinho França foi um dos mais renomados anatomopatologistas brasileiros da contemporaneidade, amalhando ao longo de sua vida profissional uma experiência colossal. Ele é autor de uma avultada obra, única no gênero, no mundo (!), o livro “**Patologia Cirúrgica e Epidemiologia: Relato de 1.187.380 Casos**”, que contém o acervo de seu laboratório particular, com análises de todos os casos que examinou em sua profícua carreira.

Não posso deixar também de mencionar que experienciei a imensa honra de ter **Luiz Celso Mattosinho França** como coautor de trabalhos científicos que publiquei.

Estas considerações – breves e singelas, mas necessárias e oportunas – servem não somente para evidenciar a interação salutar que tive com **Luiz Celso Mattosinho França**, como também referenciar um pouco de sua grande dedicação à querida Academia de Medicina de São Paulo e, particularmente, seu denodo na recuperação de seu passado, pois, sem o acervo historiográfico que ele coligiu – reitero enfaticamente! –, os dois livros que encimam esta apresentação dificilmente teriam sido fecundados, gestados, enfim, vindos a lume!

Se por um lado estas palavras servem para tributar os devidos encômios a **Luiz Celso Mattosinho França**, por outro, contribuem para restringir ou ajustar os possíveis méritos – se os tiver! – ao autor desta obra. Aliás, estes dizeres foram inspirados no pensamento de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), escritor, poeta e dramaturgo alemão: “*O homem que sabe reconhecer os limites da sua própria inteligência está mais perto da perfeição*”.

Este singelo e sintético livro está dividido em três partes: A **Parte I** destina-se a sumariar a “Origem e Particularidades do Prêmio Nobel”; A **Parte II** contém um “Sumário Biográfico dos Quatro Membros da Academia de Medicina de São Paulo, que Receberam Cinco Prêmios Nobel de Fisiologia ou Medicina”; e, na **Parte III**, encontra-se um “Sumário Biográfico de 14 Membros da Academia de Medicina de São Paulo, que Foram Indicados ao Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina”.

Oxalá esta obra – “**Nobel e Prêmios Nobel da Academia de Medicina de São Paulo**” – possa não somente resgatar do desconhecimento coletivo

uma parcela esquecida de seu precioso lastro – sepultada em seus alfarábios –, a fim de evidenciar e divulgar uma fração significativa do áureo patrimônio imaterial e humano desse querido cenáculo da medicina bandeirante, mas também acrescentar motivos de orgulho e de honra a todos aqueles que pertencem ou que virão a ter o inefável gáudio de pertencer a tão respeitável silogeu.



Helio Begliomini

Parte I

Origem e Particularidades
do Prêmio Nobel

Quem foi o Mecenas do Prêmio Nobel?

Alfred Bernard Nobel, mais conhecido por **Alfred Nobel** ou simplesmente **Nobel**, nasceu em Estocolmo, Suécia, aos 21 de outubro de 1833. Foram seus pais **Immanuel Nobel**, engenheiro civil e inventor, e **Andrietta Ashlsell**, proveniente de rica família sueca. **Alfred Nobel** teve mais cinco irmãos e duas irmãs: **Ludvig**, **Emil Oskar**, **Robert**, **Henrietta**, **Betty Karolina**, **Rolf** e **Emanuel**.

Quando **Alfred Nobel** tinha quatro anos, a empresa de seu pai foi à falência, fato que obrigou sua mãe e irmãos a residirem na Finlândia, onde **Andrietta** abriu uma mercearia para sustento dos filhos, e seu pai dirigiu-se a São Petersburgo, na tentativa de montar um negócio. **Immanuel** galgou sucesso com uma oficina de equipamento para o exército russo, o que fez com que toda a família mudasse para São Petersburgo, cidade onde **Alfred** e seus irmãos estudaram.

Inteligente e com grande capacidade inventiva, **Alfred** aos 16 anos já atuava com competência como químico e, além de dominar sua língua mãe – o sueco –, falava inglês, francês, alemão e russo. Percebendo esses dons, **Immanuel** incentivou **Alfred Nobel** (Figuras 1 a 3) a se aperfeiçoar em outros países, estando na França, Alemanha e Estados Unidos da América (EUA). Em Paris, conheceu **Ascanio Sobrero** (1812-1888, Figura 4), jovem químico italiano, que houvera criado a nitroglicerina três anos antes. Esse invento fascinou **Alfred Nobel** devido à sua grande aplicabilidade na engenharia civil. Nos EUA trabalhou com o engenheiro mecânico e também inventor sueco **Johan Ericsson** (1803-1889, Figura 5).

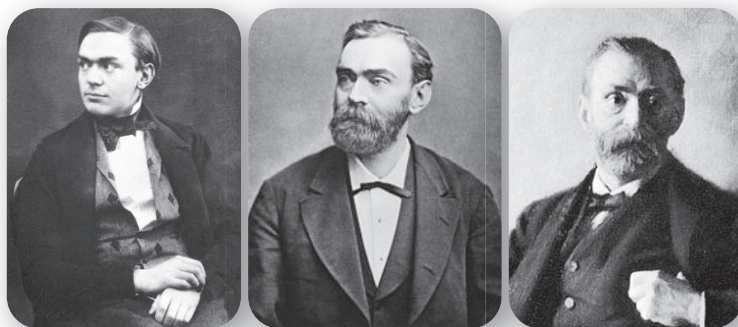


Figura 1 a 3 – Alfred Nobel enquanto jovem; na idade madura e início da velhice.

Em 1852, trabalhando com seus irmãos na empresa de seu pai, em São Petersburgo, tentou, debalde, experimentos, a fim de conseguir a utilização segura da nitroglicerina. Com a falência da fábrica de seu pai, em 1859, toda a família regressou à Suécia, e, juntamente com seu pai, montou um laboratório em Helenborg, uma cidade próxima de Estocolmo. Ali continuou trabalhando na pesquisa de explosivos à base de nitroglicerina líquida. Contudo, uma explosão destruiu todo o laboratório e diversas pessoas morreram, dentre elas **Emil**, seu irmão.

Alfred Nobel chegou a ser estigmatizado como “cientista louco”. Obstinado em seus propósitos, mas cauteloso e apreensivo, em 1863, numa região isolada da Suécia, realizou novas experiências. Após diversos testes, em 1866, conseguiu juntar vários compostos à nitroglicerina, tornando-a uma pasta moldável – a dinamite –, que viria facilitar muitíssimo a engenharia civil na construção de túneis e canais.

Esse portentoso invento deu-lhe a oportunidade de instalar novas fábricas. Em 1875, já era proprietário de várias empresas produtoras de dinamite em vários países da Europa e nos Estados Unidos da América.

Enquanto a dinamite conquistava grande aceitação e aplicabilidade mundial, **Alfred Nobel** dedicava-se a outras pesquisas em seus laboratórios, descobrindo novos produtos, tais como a borracha sintética. Não restam dúvidas de que a dinamite foi sua maior criação, mas, devido à sua mente engenhosa e brilhante, produziu 355 invenções (!!!), dentre as quais o balistite, precursor de muitos outros explosivos militares sem fumaça, especialmente o cordite.

Ainda em 1894, **Alfred Nobel** adquiriu uma empresa siderúrgica de ferro e aço, a Bofors, que se tornou uma grande fabricante de armas.

Contudo, dois fatores iriam estimulá-lo a se decidir por um nobre ideal póstumo, destinando sua ciclópica fortuna amealhada das patentes de seus inventos. Um deles foi a influência de **Bertha Kinsky** (1843-1914, Figura 6)¹, uma grande amiga que teve e que lhe influenciaria em ideais pacifistas. Aliás, salienta-se que devido ao obstinado e diuturno trabalho que empreendeu ao longo de sua existência, **Alfred Nobel** não reservou tempo para sua vida pessoal. Permaneceu solitário e sem descendentes. **Bertha Kinsky** abria sua mente para que criasse uma fundação com seu nome, que tivesse por objetivo promover o bem-estar da humanidade.

¹ Bertha Kinsky tinha como nome de solteira Bertha Felicie Sophie von Suttner. Destacou-se como escritora e pacifista. Estudou música com especialização em óperas e línguas. Foi a primeira mulher a receber o Prêmio Nobel da Paz, em 1905.



Figuras 4 a 6 – Da esquerda para a direita: Ascanio Sobrero, Johan Ericsson e Bertha Kinsky.

Outro fato que lhe foi muito significativo ocorreu por engano, ao ler com surpresa num jornal francês, seu próprio obituário, intitulado “O Mercador da Morte Morreu”. Na verdade, quem havia morrido fora seu irmão **Ludvig**, sendo confundido pelo periódico com o **Alfred Nobel**. Contudo, esse texto publicado por engano, oito anos antes de sua morte, deixou-o surpreso, desconcertado, apreensivo, reflexivo e muito triste pela forma como poderia ser lembrado. Essa infeliz confusão também foi-lhe benéfica, visto que o inspiraria na criação de uma entidade, associando seu nome e sua imagem póstuma aos de um mecenas, pelo bem-estar e o desenvolvimento da humanidade.

Alfred Nobel veio a falecer em 10 de dezembro de 1896, aos 63 anos, de hemorragia cerebral, em sua propriedade, na cidade de San Remo, na Itália.

Em seu último testamento deixava expresso seu desejo para que se criasse uma fundação que premiasse, anualmente, pessoas que tivessem contribuído para o desenvolvimento da humanidade. E como ele determinou foi feito.

Alfred Bernard Nobel foi sepultado no *Norra begravningsplatsen*² (Figuras 7 a 9), no município de Solna, um dos maiores cemitérios da área metropolitana de Estocolmo.



Figuras 7 a 9 – Vista parcial da capela; do cemitério e do túmulo de Alfred Nobel, no *Norra begravningsplatsen*, em Solna, próximo de Estocolmo.

² *Norra begravningsplatsen*, em sueco, significa literalmente em português: “O Cemitério do Norte”.

A Fundação Nobel

Alfred Nobel escreveu vários testamentos em vida, sendo o último pouco mais de um ano antes de seu falecimento, que foi assinado no Clube Sueco-Norueguês de Paris, em 27 de novembro de 1895. Causando surpresa, determinou que sua fortuna seria usada para criar uma série de prêmios para aqueles que realizam “o maior benefício para a humanidade”, nas áreas de **Química, Física, Fisiologia ou Medicina, Literatura e Paz Mundial**.

Assim, consignou:

“A totalidade do que resta da minha fortuna será organizada da seguinte forma: o capital, investido em valores seguros por meus testadores, constituirá um fundo cuja participação será distribuída a cada ano, na forma de prêmios, entre aqueles que durante o ano anterior fizeram o maior benefício para a humanidade. Esse interesse será dividido em cinco partes iguais, que serão distribuídas da seguinte forma: uma parte para a pessoa que fez a descoberta ou a invenção mais importante dentro do campo da física; uma parte para a pessoa que fez a descoberta ou melhoria mais importante em química; uma parte para a pessoa que fez a descoberta mais importante dentro do campo da fisiologia ou medicina; uma parte para a pessoa que produziu o trabalho mais notável de tendência idealista dentro do campo da literatura; e uma parte para a pessoa que trabalhou mais ou melhor em favor da fraternidade entre as nações, a abolição ou redução de exércitos existentes e para a celebração e promoção de congressos pela paz. Os prêmios de física e química serão concedidos pela Academia Sueca de Ciências; Fisiologia e Medicina serão concedidos pelo Instituto Karolinska, em Estocolmo; o de literatura, pela Academia de Estocolmo; e a dos defensores da paz, por uma comissão formada por cinco pessoas escolhidas pelo Parlamento Norueguês. É meu desejo expresso que, ao conceder estes prêmios, a nacionalidade dos candidatos não seja levada em consideração, mas que aqueles que recebem o prêmio, sejam escandinavos ou não, sejam os mais merecedores.”

Alfred Nobel deixou 94% de seus ativos totais – 31 milhões de coroas suecas (!!!) – para estabelecer os cinco prêmios. A fim de tomar conta dessa fortuna e organizar a entrega dos prêmios, seus executores **Ragnar Sohlman** (1870-1948, Figura 1), engenheiro químico, e **Rudolf Liljequist** (1855-1930), engenheiro civil, ambos suecos, formaram a Fundação Nobel.

A homologação do testamento de **Alfred Nobel** ocorreu em abril de 1897. Logo após, foram nomeados os membros do comitê norueguês, designado pelo Parlamento desse país (Figura 2), para a concessão do Prêmio da Paz, seguindo-se a nomeação do **Instituto Karolinska de Medicina** (Figura 3), em 7 de junho, que avalia os candidatos ao prêmio de fisiologia ou medicina; a **Academia Sueca** (Figura 4), em 9 de junho, que avalia os candidatos de literatura; e a **Academia Real das Ciências da Suécia** (Figura 5), em 11 de junho, que avalia os candidatos aos prêmios de química e física.

A **Fundação Nobel** (Figura 6) chegou a um acordo sobre as diretrizes de como os prêmios deveriam ser concedidos. Assim, em 29 de junho de 1900, foi criada a **Fundação Nobel** como uma organização privada, sendo seus estatutos promulgados pelo **Rei Óscar II**¹ (1829-1907, Figura 7).



Figuras 1 e 2 – Ragnar Sohlman e o Parlamento Norueguês.



Figuras 3 e 4 – À esquerda, Instituto Karolinska de Medicina e, à direita, Academia Sueca.

¹ Óscar II era filho do rei Óscar I e da rainha Josefina de Leuchtenberg. Foi o rei da Suécia, de 1872 até sua morte, e também Rei da Noruega, de 1872 até ser deposto em 1905, quando houve a separação definitiva entre os estados da Suécia e da Noruega.



Figuras 5 a 7 – Da esquerda para a direita: Academia Real das Ciências da Suécia, Fundação Nobel e o rei Óscar II.

As finalidades precípua da **Fundação Nobel** são: gerir a fortuna deixada por **Alfred Nobel** com o objetivo de investir esse patrimônio, a fim de suprir o valor concedido anualmente aos premiados e aos gastos com as atividades administrativas; gerenciar as finanças e coordenar os trâmites dos prêmios, embora não se envolva no processo de seleção dos vencedores.

A **Fundação Nobel** tem isenção de todos os impostos da Suécia, desde 1946, e, desde 1953, dos impostos sobre investimentos nos Estados Unidos da América. Desde os anos de 1980, os investimentos da **Fundação Nobel** têm gerado bons dividendos, e, em 2007, seus ativos atingiram 3.628 milhões de coroas suecas, que equivaliam a cerca de 560 milhões de dólares.

Estatutariamente, a **Fundação Nobel** é constituída por um conselho de cinco cidadãos suecos ou noruegueses, com sede em Estocolmo. O presidente desse conselho era nomeado pelo monarca da Suécia, e os outros quatro membros nomeados pelos curadores das instituições premiadoras. O conselho escolhia um diretor executivo, e o vice-diretor era nomeado pelo rei. Contudo, desde 1995, todos os membros do conselho são escolhidos pelos curadores, e o diretor executivo e o diretor adjunto são nomeados pelos membros do conselho. Além do conselho, a **Fundação Nobel** é formada pelas instituições premiadoras e seus curadores: **Academia Real das Ciências da Suécia, Instituto Karolinska de Medicina, Academia Sueca** e o **Comitê Norueguês do Nobel** (Figura 8), além de auditores.

Os prêmios de química, física, fisiologia ou medicina, literatura e da paz começaram a ser concedidos, em 1901.

Muitos anos depois, precisamente em 1968 – ano do tricentenário do **Sveriges Riksbank** –, foi criado um novo prêmio na área de **Ciências Econômicas**, que recebeu o nome Prêmio Nobel de Economia, apenas em memória e homenagem a **Alfred Nobel**, pois não tem ligação com a **Fundação Nobel**. Seu patrocínio advém do **Banco Central da Suécia** – o **Sveriges Riksbank** (Figuras 9 e 10), embora os ganhadores sejam também escolhidos

pela **Academia Real das Ciências da Suécia**. O Prêmio Nobel de Economia foi concedido, pela primeira vez, em 1969.



Figuras 8 a 10 – Da esquerda para a direita: Edifício onde fica o Comitê Norueguês do Prêmio Nobel da Paz; brasão e o edifício do *Sveriges Riksbank* – Banco Central da Suécia.

As premiações acontecem em cerimônias solenes realizadas, anualmente, na Sala de Concertos de Estocolmo (*Konserthuset Stockholm*), na Suécia, incluindo o Prêmio Nobel de Economia, excetuando-se apenas o Prêmio da Paz, que acontece em Oslo, na Noruega, no dia 10 de dezembro, aniversário da morte de **Alfred Nobel**.

Curiosidades

Número de Premiados

Em levantamento realizado entre 1901 e 2019, os prêmios Nobel, incluindo a área de ciências econômicas, foram concedidos 597 vezes para 923 pessoas e 27 organizações. Em 350 premiações houve apenas um laureado; em 141 premiações, a láurea foi compartilhada por dois premiados; e, em 106 premiações, a láurea foi compartilhada por três premiados.

Atributos do Prêmio

O laureado recebe um **diploma**; uma **medalha de ouro**; e uma apreciável **quantia em dinheiro**, deliberada pela **Fundação Nobel** em decorrência das receitas obtidas, e que, a partir de 2017, tem se situado em aproximadamente US\$ 1.110.000,00 ou cerca de € 944.000,00!!! Esse elevado montante tem a finalidade de servir à melhoria do trabalho realizado pelo ganhador do prêmio, predispondo-o a um melhor desenvolvimento da cultura, ciência e tecnologia em todo o mundo. Entretanto, não é incomum que os beneficiários escolham doar o dinheiro do prêmio para causas científicas, culturais ou humanitárias.

Embora o número de laureados por prêmio tenha aumentado substancialmente no curso de século XX, o prêmio em cada área não pode ser dividido entre mais de três pessoas, fazendo exceção o Prêmio Nobel da Paz, visto que pode ser concedido a organizações com mais de três pessoas.

Irregularidades

Embora a Suécia fosse oficialmente neutra durante a II Guerra Mundial, **Adolf Hitler** (1889-1945) proibiu que **Gerhard Johannes Paul Domagk** (1895-1964, Figura 1), mais conhecido **Gerhard Domagk**, Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina de 1939, aceitasse a premiação, tendo recebido, anos mais tarde, o diploma e a medalha.

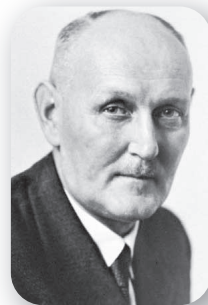


Figura 1 - Gerhard Domagk.

Em 1939, não houve premiado para o Nobel da Paz. Também não houve concessão do Prêmio Nobel em quaisquer categorias nos anos de 1940, 1941 e 1942, devido à ocupação da Noruega pela Alemanha, retornando a premiação no ano seguinte, excetuando-se o de Literatura e o da Paz.

Processo de Premiação

Normalmente, no mês de setembro do ano anterior ao da entrega dos prêmios, são enviados formulários pelo **Comitê do Nobel** para cerca de três mil profissionais de relevância, a fim de obter indicações de candidatos. Tais formulários são devolvidos até 31 de janeiro do ano da entrega dos prêmios. O **Comitê do Nobel** seleciona cerca de 300 candidatos. Os indicados não são revelados publicamente nem são informados que foram considerados para o prêmio. As nomeações e o conteúdo das deliberações são mantidos em segredo por 50 anos!

Com relação ao Prêmio Nobel da Paz, os formulários também são enviados para governos, antigos ganhadores do prêmio, bem como para antigos e atuais membros do Comitê Norueguês, o que facilita o vazamento para a imprensa de nomes indicados antes de ter passado meio século da indicação.

Seleção

O **Comitê do Nobel** prepara um relatório e a lista preliminar de candidatos, que são analisados e escolhidos por votação majoritária dos membros que compõem as instituições pertinentes julgadoras. Não há possibilidade de recurso à decisão, que é anunciada imediatamente após a votação.

São premiados no máximo três pessoas e até dois trabalhos diferentes para cada prêmio. Premiam-se indivíduos, excetuando-se o Nobel da Paz, que pode contemplar instituições.

Nomeações Póstumas

A partir de 1974, não se pôde mais indicar falecidos para receber a premiação. Antes dessa data ocorreram algumas poucas exceções. Em 1931, o Prêmio Nobel de Literatura contemplou **Erik Axel Karlfeldt** (1864-1931, Figura 2), antigo secretário perpétuo da **Academia Sueca**, que houvera morrido seis meses antes do anúncio oficial do vencedor. Em 1961, o Prêmio Nobel da Paz foi atribuído ao sueco **Dag Hjalmar Agne Carl Hammarskjöld** (1905-1961, Figura 3), mais conhecido por **Dag Hammarskjöld**, secretário-geral das Nações Unidas, que houvera falecido menos de um mês antes da votação final.

Contudo, a premiação não é cancelada quando o laureado falece depois do anúncio e antes da entrega solene. Tem-se como exemplo **William Vickrey** (1914-1996, Figura 4), economista canadense, anunciado como vencedor do Prêmio de Economia de 1996 e falecido antes da entrega. Da mesma forma, em 2011, **Ralph Marvin Steinman** (1943-1911, Figura 5), outro canadense, laureado com o Prêmio Nobel de Medicina, faleceu três dias antes de sua nomeação, sem que o Conselho do Nobel soubesse. Discutida essa questão foi resolvido conceder-lhe a láurea.



Figuras 2 a 5 – Da esquerda para a direita: Erik Axel Karlfeldt, Dag Hammarskjöld, William Vickrey e Ralph Marvin Steinman.

Reconhecimento Frustrado e Reconhecimento Tardio

Alfred Nobel desejava que os prêmios fossem concedidos em reconhecimento a descobertas recentes, particularmente no ano anterior. Entretanto, algumas dessas descobertas foram desacreditadas posteriormente. Como ilustração tem-se o caso de **Johannes Andreas Grib Fibiger** (1867-1928, Figura 6), médico dinamarquês que ganhou o Prêmio Nobel de Medicina, em 1926, devido à “descoberta de um parasita que causaria o câncer”, pesquisa que, posteriormente, não foi confirmada. A fim de se evitar dissabores

similares, passou-se a premiar descobertas científicas reconhecidas e mantidas pelo tempo.

Esse tempo é variável na dependência da área. Assim, os prêmios de física, química e medicina passaram a ser concedidos após a descoberta ser amplamente aceita, o que pode levar até décadas! Tem-se como exemplo **Subrahmanyan Chandrasekhar** (1910-1995, Figura 7), indiano naturalizado estadunidense, que recebeu o Prêmio Nobel de Física, em 1983, por seus estudos sobre evolução e estrutura estelar, feitos na década de 1930!!! Infelizmente, nem todos os cientistas conseguem viver o suficiente para ter o seu trabalho reconhecido.



Figuras 6 e 7 – Da esquerda para a direita: Johannes Andreas Grib Fibiger e Subrahmanyan Chandrasekhar.

Para o Prêmio Nobel de Literatura, geralmente se leva em consideração o valor do conjunto da obra do escritor durante sua vida. Esse critério também serve para o candidato ao Nobel da Paz. Contudo, nessa área, o galardão pode também ser concedido por finalidades específicas. **Yasser Arafat** (1929-2004, Figura 8), **Yitzhak Rabin** (1922-1995, Figura 9) e **Shimon Peres** (1923-2016, Figura 10) receberam o Prêmio Nobel da Paz de 1994, cerca de um ano após terem concluído de forma bem sucedida os Acordos de Oslo. Outro exemplo é o de **Kofi Atta Annan** (1938-2018, Figura 11), ganense, que recebeu o Prêmio Nobel da Paz, em 2001, tão somente quatro anos depois de galgar a condição de secretário geral das Nações Unidas.



Figura 8 a 11 – Da esquerda para a direita: Yasser Arafat, Yitzhak Rabin, Shimon Peres e Kofi Annan.

Diploma

Cada diploma tem um desenho feito de modo particular pelas instituições que o concedem, contendo uma imagem e um texto, onde o nome do laureado está mencionado, bem como o motivo da concessão (Figura 12). Fazem exceção os diplomas do Prêmio Nobel da Paz, que nunca incluíram justificativa. Assim, cada diploma Nobel é uma obra de arte única, criada pelos principais artistas e calígrafos da Suécia e da Noruega.

Os vencedores recebem o diploma diretamente das mãos do rei da Suécia ou, no caso do Prêmio Nobel da Paz, do presidente do Comitê Nobel Norueguês, na presença do rei da Noruega.



Figura 12 – Diploma do Prêmio Nobel de Química recebido por Fritz Haber, em 1918, por ter desenvolvido um método para sintetizar a amônia.

Medalha

As medalhas do Prêmio Nobel são cunhadas pela empresa privada sueca **AB Myntverket**, bem como na Casa da Moeda da Noruega, desde 1902, constituindo-se marcas registradas da **Fundação Nobel**.

Na Suécia, são produzidas as medalhas referentes aos prêmios de física, química, fisiologia ou medicina, e de literatura. Foram desenhadas pelo escultor e gravador **Erik Lindberg** (1873-1966, Figura 13) e possuem o mesmo anverso: uma imagem de **Alfred Nobel** no perfil esquerdo, com datas de nascimento e morte em algarismos romanos. No verso há a mesma inscrição em latim: “*Inventas Vitam Juvat Excoluisse Per Artes*” ou “*Descobertas Para Ajudar a Melhorar o Conhecimento*”. No verso também há imagens que representam os símbolos de cada uma das instituições julgadoras (Figura 14).



Figuras 13 e 14 – Erik Lindberg e medalha do Prêmio Nobel com seu anverso e verso, que pertenceu a Linus Pauling¹, referente ao Prêmio Nobel de Química de 1954.

A medalha do Prêmio Nobel da Paz foi desenhada pelo escultor norueguês **Gustav Vigeland** (1869-1943, Figura 15), e a do Prêmio em Ciências Econômicas em memória de **Alfred Nobel** foi desenhada pelo escultor sueco **Gunvor Svensson-Lundkvist** (1916-2009, Figura 16). Ambas também têm no anverso uma imagem de **Alfred Nobel** com desenho diferente e, no verso, a medalha do Nobel da Paz tem a inscrição em latim: “*Pro Ritmo et Fraternitate Gentium*” ou “*Para Ritmo e Fraternidade das Nações*”, enquanto que a medalha de economia não tem inscrição.

¹ Linus Carl Pauling (1901-1994), químico quântico, bioquímico, biólogo molecular e cristalógrafo, também recebeu o Prêmio Nobel da Paz, em 1962, por sua campanha contra testes com armas nucleares. Foi o único a receber dois Prêmios Nobel individualmente!



Figuras 15 e 16 – Gustav Vigeland e Gunvor Svensson-Lundkvist.

Em 1901, na primeira edição da premiação, essas medalhas forjadas em ouro não puderam ser entregues no tempo aprazado, sendo doadas outras, feitas com um metal menos valioso. Contudo, desde 1902, as medalhas mantêm seu mesmo padrão artístico. Até o ano de 1980, as medalhas eram forjadas em ouro 23 quilates e, daí em diante, em ouro verde de 18 quilates, com revestimento em ouro 24 quilates; possuem diâmetro de 66 milímetros e pesam aproximadamente 200 gramas.

Cerimonial

Os laureados do Prêmio Nobel são convidados a fazer uma conferência aberta ao público sobre o assunto relacionado ao tema de sua distinção, em Estocolmo, em dias que antecedem a premiação solene, e os contemplados com o Nobel da Paz a fazem na solenidade de premiação em Oslo, na Noruega. A cerimônia de premiação do Prêmio Nobel da Paz foi realizada no **Instituto Nobel Norueguês**² (1905-1946, Figura 17), no auditório da **Universidade de Oslo** (1947-1989, Figura 18) e, atualmente, desde 1990, é realizada na **Prefeitura de Oslo** (Figura 19).



Figuras 17 a 19 – Da esquerda para a direita: Instituto Nobel Norueguês, Universidade de Oslo e Prefeitura de Oslo.

² De 1901 a 1904 a decisão dos vencedores foi anunciada pelo Parlamento Norueguês, em 10 de dezembro, e os contemplados foram informados por escrito.

As conferências são organizadas pela mesma entidade que selecionou os laureados. Na verdade, estatutariamente, o ganhador do Nobel é obrigado a fazer sua conferência dentro de seis meses após ter recebido a premiação, algo que nem sempre foi assim. Tem-se com exceção **Theodore Roosevelt** (1858-1919, Figura 20), 26ª presidente dos Estados Unidos da América e ganhador do Prêmio Nobel da Paz, em 1906, que fez seu discurso somente em 1910, após o término de seu mandato (1901-1909).

Destaca-se na cerimônia de premiação, em Estocolmo³, o momento solene quando cada ganhador do Prêmio Nobel dá um passo à frente para receber o galardão das mãos do rei da Suécia. Após a cerimônia é servido um banquete no Salão Azul da **Prefeitura de Estocolmo** (Figura 21).

Já, em Oslo, o presidente do Comitê Norueguês do Nobel apresenta o ganhador do Prêmio Nobel da Paz e lhe entrega a premiação, na presença do rei na Noruega. Após a solenidade é servido um banquete no **Grand Hotel Oslo** (Figura 22) para cerca de 250 convidados, incluindo dentre outros o primeiro-ministro sueco e, desde 2006, o rei e a rainha da Noruega.



Figuras 20 a 22 – Theodore Roosevelt, Prefeitura de Estocolmo e Grand Hotel Oslo.

Países Laureados

Até 2019, o Prêmio Nobel da Paz havia sido distribuído a 23 organizações internacionais.

Considerando-se o conjunto do Prêmio Nobel, 76 países já receberam esse galardão. Os 15 países que mais foram premiados em decorrência de seus cidadãos foram, em ordem decrescente: 1. **Estados Unidos da América** (379); 2. **Reino Unido** (130); 3. **Alemanha** (110); 4. **França** (70); 5. **Suécia** (31); 6. **Japão** (28); 7. **Suíça** (28); 8. **Rússia** (27); 9. **Canadá** (24); 10. **Itália** (20); 11. **Holanda** (20); 12. **Áustria** (19); 13. **Dinamarca** (14); 14. **Noruega** (14); e 15. **Hungria** (12).

³ A cerimônia de premiação em Estocolmo ocorreu na *Old Royal Academy of Music*, durante os anos de 1901-1925. Desde 1926, a cerimônia ocorre na Sala de Concertos de Estocolmo, com poucas exceções: Em 1971, na Igreja da Filadélfia; em 1972 e 1975, na Feira Internacional St. Erik, hoje conhecida como Feiras Internacionais de Estocolmo, no distrito de Älvsjö; e, em 1991, na Arena Globo de Estocolmo.

Tem-se, a seguir, todos os 76 países por ordem alfabética, e o número de vezes em que receberam o Prêmio Nobel: 1. **África do Sul** (10); 2. **Albânia** (2); 3. **Alemanha** (110); 4. **Argentina** (5); 5. **Austrália** (13); 6. **Áustria** (19); 7. **Azerbaijão** (1); 8. **Bangladesh** (2); 9. **Bélgica** (11); 10. **Bielorrússia** (5); 11. **Birmânia – Myanmar** (1); 12. **Bósnia e Herzegovina** (2); 13. **Bulgária** (1); 14. **Canadá** (24); 15. **Chile** (2); 16. **China** (10); 17. **Chipre** (1); 18. **Colômbia** (2); 19. **Coréia do Sul** (1); 20. **Costa Rica** (1); 21. **Croácia** (2); 22. **Dinamarca** (14); 23. **Egito** (4); 24. **Eslovênia** (1); 25. **Espanha** (7); 26. **Estados Unidos da América** (379); 27. **Finlândia** (5); 28. **França** (70); 29. **Gana** (1); 30. **Grécia** (2); 31. **Guatemala** (2); 32. **Holanda** (20); 33. **Hong Kong** (1); 34. **Hungria** (12); 35. **Iêmen** (1); 36. **Ilhas Faroé** (1); 37. **Índia** (9); 38. **Irã** (1); 39. **Iraque** (1); 40. **Irlanda** (8); 41. **Islândia** (1); 42. **Israel** (12); 43. **Itália** (20); 44. **Japão** (28); 45. **Letônia** (1); 46. **Libéria** (2); 47. **Lituânia** (2); 48. **Luxemburgo** (2); 49. **México** (3); 50. **Nigéria** (1); 51. **Noruega** (14); 52. **Nova Zelândia** (3); 53. **Palestina** (1); 54. **Paquistão** (2); 55. **Peru** (1); 56. **Polônia** (15); 57. **Portugal** (2); 58. **Quênia** (1); 59. **Reino Unido** (130); 60. **República Checa** (5); 61. **República Democrática do Congo** (1); 62. **Romênia** (4); 63. **Rússia** (27); 64. **Santa Lúcia** (2); 65. **Sérvia** (1); 66. **Suécia** (31); 67. **Suíça** (28); 68. **Taiwan** (1); 69. **Tibete** (1); 70. **Timor Leste** (2); 71. **Trinidad e Tobago** (1); 72. **Tunísia** (1); 73. **Turquia** (3); 74. **Ucrânia** (5); 75. **Venezuela** (1); e 76. **Vietnam** (1).

Anos sem Premiação

Ao longo de mais de um século, os Prêmios Nobel não foram concedidos em suas diversas áreas 49 vezes, sendo a maioria delas durante a I Guerra Mundial (1914-1918) e II Guerra Mundial (1939-1945). Os estatutos da Fundação Nobel assim se expressam: “*Se nenhum dos trabalhos avaliados for considerado da importância indicada no primeiro parágrafo, o prêmio em dinheiro será reservado até o ano seguinte. Se, mesmo assim, o prêmio não puder ser concedido, o valor será adicionado aos fundos restritos da Fundação*”.

Os anos em que não houve a concessão dos Prêmios Nobel nas diversas áreas são:

Física: 1916, 1931, 1934, 1940, 1941 e 1942.

Química: 1916, 1917, 1919, 1924, 1933, 1940, 1941 e 1942.

Medicina: 1915, 1916, 1917, 1918, 1921, 1925, 1940, 1941 e 1942.

Literatura: 1914, 1918, 1935, 1940, 1941, 1942 e 1943.

Paz: 1914, 1915, 1916, 1918, 1923, 1924, 1928, 1932, 1939, 1940, 1941, 1942, 1943, 1948, 1955, 1956, 1966, 1967 e 1972.

Ciências Econômicas: Nenhum ano.

Primeiros Laureados

Os primeiros que receberam o Prêmio Nobel, em 1901, nas cinco áreas foram: **Jacobus Henricus Van't Hoff** (1852-1911, Figura 23), químico holandês, Prêmio Nobel de Química; **Wilhelm Conrad Röntgen** (1845-1923, Figura 24), físico e engenheiro mecânico alemão, Prêmio Nobel de Física; **Emil Adolf von Behring** (1854-1917, Figura 25), microbiologista alemão, Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina; **René Armand François Prudhomme** (1839-1907, Figura 26), mais conhecido por **Sully Prudhomme**, Prêmio Nobel de Literatura; e **Jean-Henri Dunant** (1828-1910, Figura 27), filantropo suíço e fundador da Cruz Vermelha Internacional, e **Frédéric Passy** (1822-1912, Figura 28), político francês, fundador da União Interparlamentar e fundador e presidente da Sociedade Francesa para a Paz, ambos, Prêmio Nobel da Paz.



Figuras 23 a 25 – Da esquerda para a direita: Jacobus Henricus Van't Hoff, Wilhelm Conrad Röntgen e Emil Adolf von Behring.



Figuras 26 a 28 – Da esquerda para a direita: Sully Prudhomme, Jean-Henri Dunant e Frédéric Passy.

Descobertas *Versus* Invenções

Alfred Nobel almejou premiar anualmente “*aqueles que, no ano anterior, teriam conferido o maior benefício à humanidade*”. Referiu que os Prêmios de Física deveriam ser dados “à pessoa que tiver feito a ‘descoberta’ ou ‘invenção’ mais importante dentro do campo da física”. Embora **Alfred Nobel** não tenha enfatizado as “descobertas”, elas têm sido historicamente priorizadas pelo Comitê do Prêmio Nobel em detrimento das “invenções”. Assim, cerca de 77% dos Prêmios de Física foram dados às descobertas, comparados com apenas 23% das invenções.

Essa tendência, a se dar ênfase a descobertas, já foi criticada por professores e intelectuais, pois acham que afasta a premiação da intenção original de **Alfred Nobel**, de recompensar a maior contribuição para a humanidade. Não resta a menor dúvida de que, neste particular, pode-se incluir como exemplo a não designação do Prêmio Nobel de Física ao genial brasileiro **Alberto Santos Dumont** (1873-1932, Figura 29), que não somente projetou, construiu e voou nos primeiros balões dirigíveis com motor a gasolina, mas que também, em 23 de outubro de 1906, foi o primeiro a decolar a bordo de um avião – *Oiseau de Proie* (Ave de Rapina) –, decolagem autopropulsada por um motor a gasolina, que voou cerca de 60 metros, a uma altura de dois a três metros no Campo de Bagatelle, em Paris.



Figura 29 – Alberto Santos Dumont.

Homens *Versus* Mulheres

Com raríssimas exceções, os Prêmios Nobel nas áreas de física, química e medicina tiveram como ganhadores homens, em cerca de 97% das vezes. Essa grande disparidade se deve, em boa parte, ao preconceito e à pressão que a mulher sofreu durante décadas ou séculos – e ainda tem sofrido em

várias nações! –, quer dificultando, quer desestimulando ou até proibindo de atuar em igualdade de condições com o homem no trabalho e, particularmente, na ciência.

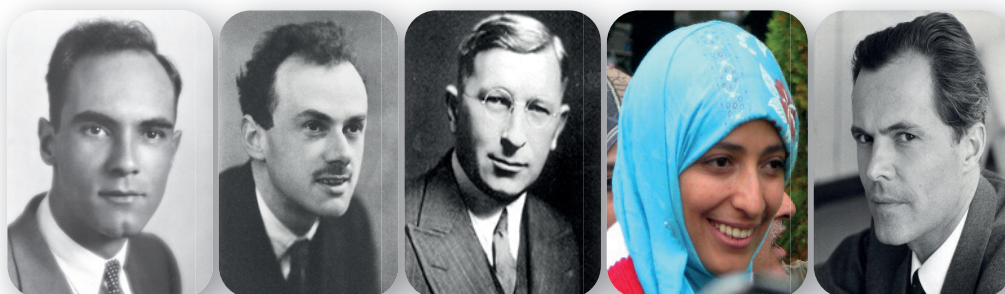
Até 2019, dos 919 indivíduos que foram contemplados com o Prêmio Nobel, apenas 54 eram mulheres, sendo de pouca monta nas áreas científicas. Assim, num levantamento entre 1901 a 2019, dos 213 laureados em física, apenas três foram mulheres; dos 184 laureados em química, apenas cinco foram mulheres; dos 219 laureados em medicina ou fisiologia, apenas 12 foram mulheres!!! Complementando, duas mulheres de 84 contemplados receberam o Prêmio Nobel de Ciências Econômicas; 15 mulheres de 116 contemplados receberam o Prêmio Nobel de Literatura; e outras 17 mulheres de 107 contemplados receberam o Prêmio Nobel da Paz.

Os Mais Jovens Premiados

Quatorze dos agraciados com o Prêmio Nobel tinham, ao ser indicados, menos de 35 anos: 1. **Malala Yousafzai** (1997-, Figura 30), paquistanesa, Prêmio Nobel da Paz de 2014, aos 17 anos; 2. **William Lawrence Bragg** (1890-1971, Figura 31), mais conhecido por **Lawrence Bragg**, australiano, Prêmio Nobel de Física de 1915, aos 25 anos; 3. **Nadia Murad Basee Taha** (1993-, Figura 32), mais conhecida por **Nadia Murad**, iraniana, Prêmio Nobel da Paz de 2018, aos 25 anos; 4. **Werner Karl Heisenberg** (1901-1976, Figura 33), mais conhecido por **Werner Heisenberg**, alemão, Prêmio Nobel de Física de 1932, aos 31 anos; 5. **Tsung-Dao Lee** (1926-, Figura 34), chinês, Prêmio Nobel de Física de 1957, aos 31 anos; 6. **Carl David Anderson** (1905-1991, Figura 35), mais conhecido por **Carl Anderson**, estadunidense, Prêmio Nobel de Física de 1936, aos 31 anos; 7. **Paul Adrien Maurice Dirac** (1902-1994, Figura 36), britânico, mais conhecido por **Paul Dirac**, Prêmio Nobel de Física de 1933, aos 31 anos; 8. **Frederick Grant Banting** (1891-1941, Figura 37), mais conhecido por **Frederick Banting**, canadense, Prêmio Nobel de Medicina de 1923, aos 32 anos; 9. **Tawakkol Karman** (1979-, Figura 38), iemenita, Prêmio Nobel da Paz de 2011, aos 32 anos; 10. **Rudolf Ludwig Mössbauer** (1929-2011, Figura 39), mais conhecido por **Rudolf Mössbauer**, alemão, Prêmio Nobel de Física de 1961, aos 32 anos; 11. **Mairéad Corrigan** (1944-, Figura 40), britânica, Prêmio Nobel da Paz de 1976, aos 32 anos; 12. **Joshua Lederberg** (1925-2008, Figura 41), estadunidense, Prêmio Nobel de Medicina de 1958, aos 33 anos; 13. **Betty Williams** (1943-2020, Figura 42), britânica, Prêmio Nobel da Paz de 1976, aos 33 anos; e 14. **Rigoberta Menchú Tum** (1959-, Figura 43), guatemalteca, Prêmio Nobel da Paz de 1992, aos 33 anos.



Figuras 30 a 34 – Da esquerda para a direita: Malala Yousafzai, Lawrence Bragg, Nadia Murad, Werner Heisenberg e Tsung-Dao Lee.

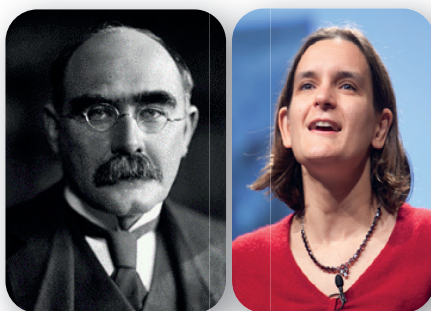


Figuras 35 a 39 – Da esquerda para a direita: Carl Anderson, Paul Dirac, Frederick Banting, Tawakkol Karman e Rudolf Mössbauer.



Figuras 40 a 43 – Da esquerda para a direita: Mairead Corrigan, Joshua Lederberg, Betty Williams e Rigoberta Menchú Tum.

Em complemento às áreas não citadas acima, o mais jovem que recebeu o Prêmio Nobel de Literatura foi **Joseph Rudyard Kipling** (1865-1936, Figura 44), indiano-britânico, mais conhecido por **Rudyard Kipling**, no ano de 1907, quando contava com 41 anos; o mais jovem que recebeu o Prêmio Nobel de Química foi **Frédéric Joliot-Curie** (1900-1958, Figura 74), francês, em 1935, quando contava com 35 anos; e **Esther Duflo** (1972-, Figura 45), francesa-estadunidense, a mais jovem que recebeu o Prêmio Nobel de Ciências Econômicas, em 2019, quando tinha 46 anos.



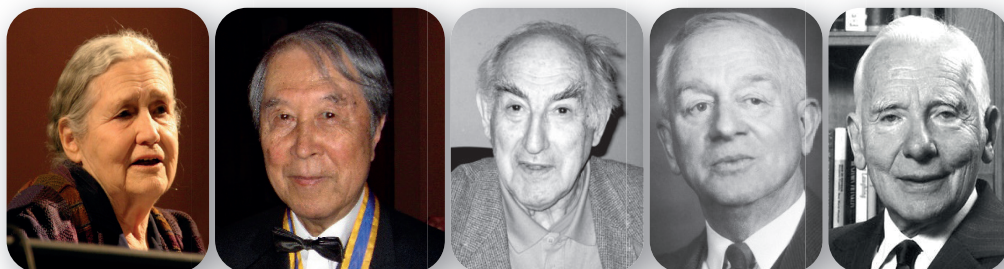
Figuras 44 e 45 – Rudyard Kipling e Esther Duflo.

Os mais Longevos Premiados

Quinze dos que foram laureados com o Prêmio Nobel tinham, ao serem indicados, 85 ou mais anos: 1. **John Bannister Goodenough** (1922-, Figura 46), mais conhecido por **John Goodenough**, estadunidense, Prêmio Nobel de Química de 2019, aos 97 anos; 2. **Arthur Ashkin** (1922-, Figura 47), estadunidense, Prêmio Nobel de Física de 2018, aos 96 anos; 3. **Leonid Hurwicz** (1917-2008, Figura 48), russo-estadunidense, Prêmio Nobel de Ciências Econômicas de 2007, aos 90 anos; 4. **Lloyd Stowell Shapley** (1923-2016, Figura 49), mais conhecido por **Lloyd Shapley**, estadunidense, Prêmio Nobel de Ciências Econômicas de 2012, aos 89 anos; 5. **Raymond Davis Jr.** (1914-2006, Figura 50), estadunidense, Prêmio Nobel de Física de 2002, aos 88 anos; 6. **Doris Lessing** (1919-2013, Figura 51), iraniana-britânica, Prêmio Nobel de Literatura de 2007, aos 88 anos; 7. **Yoichiro Nambu** (1921-2015, Figura 52), japonês-estadunidense, Prêmio Nobel de Física de 2008, aos 87 anos; 8. **Vitaly Lazarevich Ginzburg** (1916-2009, Figura 53), mais conhecido por **Vitaly Ginzburg**, russo, Prêmio Nobel de Física de 2003, aos 87 anos; 9. **Francis Peyton Rous** (1879-1970, Figura 54), mais conhecido por **Peyton Rous**, Prêmio Nobel de Medicina de 1966, aos 87 anos; 10. **Joseph Rotblat** (1908-2005, Figura 55), polonês-britânico, Prêmio Nobel da Paz de 1995, aos 87 anos; 11. **Karl Ritter von Frisch** (1886-1982, Figura 56), mais conhecido por **Karl von Frisch**, Prêmio Nobel de Medicina de 1973, aos 87 anos; 12. **Ferdinand Édouard Buisson** (1841-1932, Figura 57), mais conhecido por **Ferdinand Buisson**, francês, Prêmio Nobel da Paz de 1927, aos 85 anos; 13. **John Bennett Fenn** (1917-2010, Figura 58), mais conhecido por **John Fenn**, estadunidense, Prêmio Nobel de Química de 2002, aos 85 anos; 14. **Christian Matthias Theodor Mommsen** (1817-1903, Figura 59), mais conhecido por **Theodor Mommsen**, alemão, Prêmio Nobel de Literatura de 1902, aos 85 anos; e 15. **Willard Sterling Boyle** (1924-2011, Figura 60), mais conhecido por **Willard Boyle**, canadense, Prêmio Nobel de Física de 2009, aos 85 anos.



Figuras 46 a 50 – Da esquerda para a direita: John Goodenough, Arthur Ashkin, Leonid Hurwicz, Lloyd Shapley e Raymond Davis Jr.



Figuras 51 a 55 – Da esquerda para a direita: Doris Lessing, Yoichiro Nambu, Vitaly Ginzburg, Peyton Rous e Joseph Rotblat.



Figuras 56 a 60 – Da esquerda para a direita: Karl von Frisch, Ferdinand Buisson, John Fenn, Theodor Mommsen e Willard Boyle.

Duplamente Laureados

Pouquíssimos intelectuais ou cientistas tiveram a honra de receber o Prêmio Nobel, desde a sua concessão, em 1901, e raríssimos foram os que receberam esse augusto galardão duas vezes. Esses quatro notáveis foram:

1. **Marie Skłodowska Curie** (1867-1934, Figura 61), mais conhecida por **Marie Curie**, cientista e química polonesa naturalizada francesa, foi a primeira mulher a ser laureada com um Prêmio Nobel, além de ser a pri-

meira pessoa e única mulher a ganhar o prêmio duas vezes!!! Ademais, foi a única pessoa que recebeu essa dupla premiação em áreas distintas da ciência! Assim, foi galardoada com o Prêmio Nobel de Física, em 1903, que foi dividido com **Pierre Curie** (1859-1906, Figura 62), físico francês e seu esposo; e **Antoine-Henri Becquerel** (1852-1908, Figura 63), físico francês. **Marie Curie** também recebeu sozinha o Prêmio Nobel de Química de 1911.



Figuras 61 a 63 – Marie Curie, Pierre Curie e Antoine-Henri Becquerel.

2. **Linus Carl Pauling** (1901-1994, Figura 64), mais conhecido por **Linus Pauling**, químico quântico estadunidense, foi o primeiro e único na história que recebeu duas vezes a premiação não compartilhada. Em 1954, foi laureado com o Prêmio Nobel de Química e, em 1962, recebeu o Prêmio Nobel da Paz, pela sua campanha contra os testes nucleares.

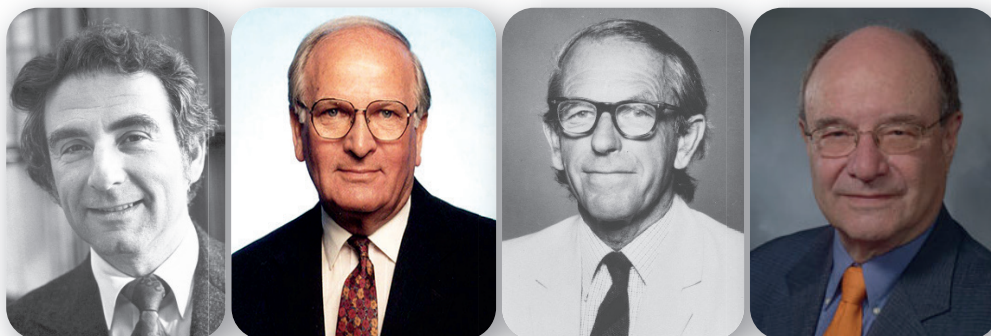
Os outros dois ilustres cientistas que receberam duas vezes o Prêmio Nobel foram:

3. **John Bardeen** (1908-1991, Figura 65), ambos em Física, em 1956, juntamente com **William Bradford Shockley** (1910-1989, Figura 66) e **Walter Houser Brattain** (1902-1987, Figura 67) e, em 1972, juntamente com **Leon Neil Cooper** (1930-, Figura 68) e **John Robert Schrieffer** (1931-2019, Figura 69), todos, físicos estadunidenses.

4. **Frederick Sanger** (1918-2013, Figura 70), bioquímico inglês, ambos em Química, em 1958 e novamente em 1980, desta vez ao lado de **Walter Gilbert** (1932-, Figura 71), bioquímico norte-americano.



Figuras 64 a 67 – Da esquerda para a direita: Linus Pauling, John Bardeen, William Bradford Shockley e Walter Houser Brattain.



Figuras 68 a 71 – Da esquerda para a direita: Leon Neil Cooper, John Robert Schrieffer, Frederick Sanger e Walter Gilbert.

Por oportuno deve-se salientar que, além dos quatro gênios acima, que receberam dois Prêmios Nobel cada um, há duas instituições que foram laureadas mais de uma vez com o Prêmio Nobel da Paz:

1. **Acnur – Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados** – duas vezes, respectivamente, em 1954 e 1981; e
2. **Cruz Vermelha**, organização humanitária internacional, que tem por objetivo a proteção da vida – três vezes, respectivamente em 1917, 1944 e 1963.

Família Nobel

Já foi mencionado anteriormente que **Marie Curie** (Figura 61) recebeu dois prêmios Nobel: o de Física, em 1903, que foi dividido com seu esposo **Pierre Curie** (Figura 62) e **Antoine-Henri Becquerel** (Figura 63); e o de Química, em 1911. O casal Curie teve duas filhas: **Irène Joliot-Curie** (1897-1956, Figura 72) e **Ève Denise Curie Labouisse**⁴ (1904-2007, Figura 73).

⁴ Ève Denise Curie Labouisse destacou-se como escritora, jornalista, pianista e humanista. Escreveu a biografia de sua mãe, que se transformou num filme, em 1943.

Irène Joliot-Curie, como seus pais, destacou-se na ciência, sendo laureada com o Prêmio Nobel de Química, em 1935, galardão que foi dividido com seu esposo **Jean Frédéric Joliot-Curie** (1900-1958, Figura 74), também químico francês. Assim, quatro membros de uma mesma família receberam cinco Prêmios Nobel, fato igualmente único na história dessa premiação!!!



Figuras 72 a 74– Irène Joliot-Curie, Ève Denise Curie Labouisse e Jean Frédéric Joliot-Curie.

Casais Nobel

Seis foram os casais que receberam o Prêmio Nobel. Além dos dois cônjuges já citados: 1. **Marie Curie** (Figura 61) e **Pierre Curie** (Figura 62), Prêmio Nobel de Física de 1903; e 2. **Irène Joliot-Curie** (Figura 72) e **Jean Frédéric Joliot-Curie** (Figura 74), Prêmio Nobel de Química de 1935, têm-se:

3. **Gerty Theresa Radnitz Cori** (1896-1957, Figura 75), mais conhecida por **Gerty Cori**, e **Carl Ferdinand Cori** (1896-1984, Figura 76), mais conhecido por **Carl Cori**, ambos tcheco-estadunidenses, Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina de 1947;

4. **Alva Reimer Myrdal** (1902-1986, Figura 77), mais conhecida por **Alva Myrdal**, sueca, Prêmio Nobel da Paz de 1982, e seu marido **Gunnar Myrdal** (1898-1987, Figura 78), sueco, Prêmio Nobel de Ciências Econômicas de 1974;

5. **May-Britt Moser** (1963-, Figura 79) e **Edvard Ingjald Moser** (1962-, Figura 80), mais conhecido por **Edvard Moser**, ambos noruegueses, Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina de 2014; e

6. **Esther Duflo** (1972-, Figura 45), francesa-estadunidense, e seu marido **Abhijit Vinayak Banerjee** (1961-, Figura 81), mais conhecido por **Abhijit Banerjee**, indiano-estadunidense, ambos Prêmio Nobel de Ciências Econômicas de 2019.



Figuras 75 a 78 – Da esquerda par a direita:
Gerty Cori e Carl Cori; Alva Myrdal e Gunnar Myrdal.



Figuras 79 a 81 – Da esquerda par a direita:
May-Britt Moser e Edvard Moser; e Abhijit Banerjee.

Mãe e Filha Nobel

Tem-se como ocorrência única **Marie Curie** (Figura 61), polonesa-francesa, Prêmio Nobel de Física de 1903 e Prêmio Nobel de Química de 1911, e sua filha **Irène Joliot-Curie** (Figura 72), francesa, Prêmio Nobel de Química de 1935.

Pai e Filha Nobel

Tem-se também como ocorrência única **Pierre Curie** (Figura 62), Prêmio Nobel de Física de 1903, e sua filha **Irène Joliot-Curie** (Figura 72), Prêmio Nobel de Química de 1935, ambos franceses.

Pai e Filho Nobel

Tem-se seis ocorrências onde pai e filho foram premiados:

1. **Joseph John Thomson** (1856-1940, Figura 82), mais conhecido por **J.J. Thomson**, britânico, recebeu o Prêmio Nobel de Física de 1906, e seu filho **George Paget Thomson** (1892-1975, Figura 83), britânico, recebeu o Prêmio Nobel de Física de 1937;

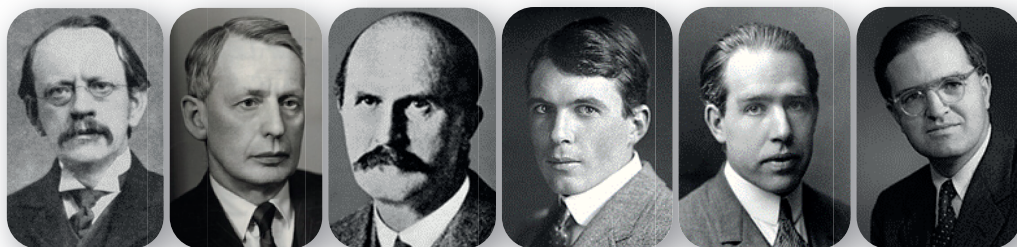
2. **William Henry Bragg** (1862-1942, Figura 84), mais conhecido por **William Bragg**, britânico e residente na Austrália, recebeu, juntamente com seu filho **William Lawrence Bragg** (1890-1971, Figura 85), mais conhecido por **Lawrence Bragg**, australiano, o Prêmio Nobel de Física de 1915;

3. **Niels Henrik David Bohr** (1885-1962, Figura 86), mais conhecido por **Niels Bohr**, dinamarquês, recebeu o Prêmio Nobel de Física de 1922, e seu filho **Aage Niels Bohr** (1922-2009, Figura 87), mais conhecido por **Aage Bohr**, dinamarquês, recebeu o Prêmio Nobel de Física de 1975;

4. **Karl Manne Georg Siegbahn** (1886-1978, Figura 88), mais conhecido por **Manne Siegbahn**, sueco, recebeu o Prêmio Nobel de Física de 1924; e seu filho **Kai Manne Börje Siegbahn** (1918-2007, Figura 89), mais conhecido por **Kai Siegbahn**, sueco, recebeu o Prêmio Nobel de Física de 1981;

5. **Hans Karl August Simon von Euler-Chelpin** (1873-1964, Figura 90), mais conhecido por **Hans von Euler-Chelpin**, sueco, recebeu o Prêmio Nobel de Química de 1929, e seu filho **Ulf Svante von Euler** (1905-1983, Figura 91), mais conhecido por **Ulf von Euler**, sueco, recebeu o Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina de 1970; e

6. **Arthur Kornberg** (1918-2007, Figura 92), estadunidense, recebeu o Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina de 1959, e seu filho **Roger David Kornberg** (1947-, Figura 93), mais conhecido por **Roger Kornberg**, estadunidense, recebeu o Prêmio Nobel de Química de 2006.



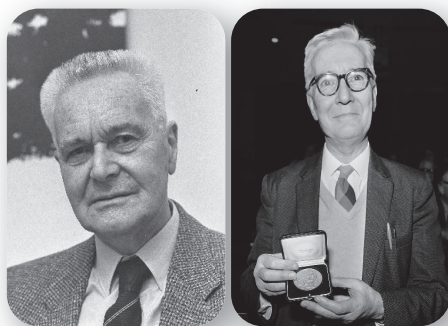
Figuras 82 a 87 – Da esquerda par a direita: J.J. Thomson e George Paget Thomson; William Bragg e Lawrence Bragg; e Niels Bohr e Aage Bohr.



Figuras 88 a 93 – Da esquerda para a direita: Manne Siegbahn e Kai Siegbahn; Hans von Euler-Chelpin e Ulf von Euler; e Arthur Kornberg e Roger Kornberg.

Irmãos Nobel

Tem-se igualmente como ocorrência única **Jan Tinbergen** (1903-1994, Figura 94), holandês, o primeiro a ser agraciado, em 1969, com o Prêmio Nobel de Ciências Econômicas, e **Nikolaas Tinbergen** (1907-1988, Figura 95), holandês-britânico, galardoado com o Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina de 1973.



Figuras 94 e 95 – Da esquerda para a direita Jan Tinbergen e Nikolaas Tinbergen.

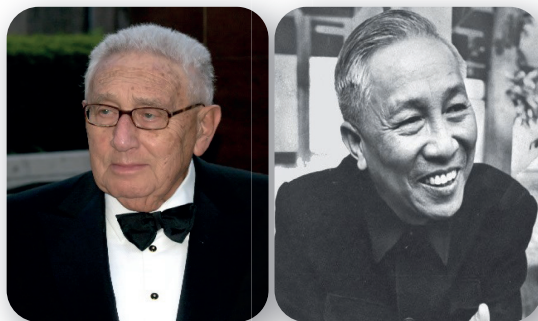
Fatos Polêmicos

Em tão cobiçada premiação, que se consolidou ao longo de mais de uma centúria, não faltariam críticas, boatos e controvérsias aos critérios de escolha, assim como a alguns dos escolhidos. Assim, os comitês das entidades que concedem o Nobel são, vez por outra, acusados de escolhas políticas em detrimento de candidatos mais merecedores, particularmente ao Prêmio Nobel da Paz. Com relação ao Nobel de Literatura, a **Academia Sueca** já foi acusada de eurocentrismo.

Com relação do Prêmio Nobel da Paz têm-se como exemplos:

1. **Henry Alfred Kissinger** (1923-, Figura 96), diplomata estadunidense, e **Lê Dúc Tho** (1911-1990, Figura 97), chefe do Comitê Central do Partido Co-

munista vietnamita (1976-1982), receberam o Nobel da Paz, em 1973, pela negociação de um cessar-fogo entre os Estados Unidos da América e o Vietnã. Entretanto, quando o prêmio foi anunciado, ambos os países estavam envolvidos em hostilidades, e nem todos consideraram os premiados merecedores da honrosa láurea. Aliás, **Lê Dúc Tho** se recusou a receber a premiação.



Figuras 96 e 97 – Henry Kissinger e Lê Dúc Tho.

2. **Yasser Arafat** (1929-2004, Figura 8), presidente da Organização para a Libertação da Palestina; **Yitzhak Rabin** (1922-1995, Figura 9), general e primeiro-ministro israelense (1974-1977 e 1992-1995), e **Shimon Peres** (1923-2016, Figura 10), presidente de Israel (2007-2014), receberam o Prêmio da Paz, em 1994, por seus esforços em conquistar a paz entre Israel e a Palestina. Contudo, logo após o anúncio do prêmio, um dos cinco membros do Comitê Nobel norueguês denunciou **Yasser Arafat** como terrorista e renunciou ao seu cargo. Igualmente, outras manifestações sobre **Yasser Arafat** foram amplamente expressas em diversos jornais.

3. Outra controvérsia surgiu quando **Barack Hussein Obama** (1961-, Figura 98), 44º presidente dos Estados Unidos da América (2009-2017), foi indicado a receber o Prêmio Nobel da Paz, em 2009, apenas 11 dias depois de ter assumido o cargo de presidente de seu país. Embora o próprio **Obama** tenha declarado que não se sentia merecedor desse galardão, nem mesmo digno de ser incluído na mesma posição que os ganhadores anteriores, ele foi contemplado. Similares situações e indicações questionáveis como políticas receberam **Jimmy Earl Carter Jr.** (1924-, Figura 99), 39º presidente dos Estados Unidos da América (1977-1981), e **Albert Arnold Jr.** (1948-, Figura 100), mais conhecido pela alcunha de **Al Gore**, 45º vice-presidente dos Estados Unidos da América (1993-2001), que receberam, respectivamente, o Prêmio Nobel da Paz de 2002 e 2007.



Figuras 98 a 100 – Da esquerda para a direita: Barack Obama, Jimmy Carter e Al Gore.

Ω

Com relação ao Prêmio Nobel de Literatura têm-se como exemplos de contrariedades:

1. **Elfriede Jelinek** (1946-, Figura 101), polêmica romancista austríaca, pois explora temas da violência e do poder na sociedade de consumo, da opressão feminina e da sexualidade, recebeu o Nobel de Literatura de 2004, o que atraiu protesto de **Knut Ahnlund** (1923-2012, Figura 102), historiador, escritor e membro da **Academia Sueca**, que renunciou ao cargo, alegando que a escolha de **Jelinek** “*havia causado danos irreparáveis a todas as forças progressistas, mas também confundiu a visão geral da literatura como uma arte*”. Ademais, alegou que suas obras eram “*uma massa de texto unida sem estrutura artística*” e que sua escolha era “*um dano irreparável no prestígio do prêmio*”. **Elfriede Jelinek** recusou-se a receber a premiação na capital sueca.

2. **Herta Müller** (1953-, Figura 103), escritora, romancista, ensaísta, tradutora e poetisa romeno-germânica, recebeu o Nobel de Literatura de 2009. Segundo o jornal *The Washington Post*, suas obras eram ignoradas por muitos críticos e professores literários norte-americanos, o que fazia a eles crer que tais prêmios tinham uma forte tendência eurocêntrica.



Figuras 101 a 103 – Da esquerda para a direita:
Elfriede Jelinek, Knut Ahnlund e Herta Müller.

Ω

Com relação à regra contra a concessão de um prêmio a mais de três pessoas também há controvérsias, pois quando se tem por objetivo reconhecer uma conquista de uma equipe de mais de três colaboradores, uma ou mais não receberão a láurea.

1. Tem-se como exemplo o Prêmio Nobel de Química de 2002, concedido a **Koichi Tanaka** (1959-, Figura 104), químico japonês, e **John Bennett Fenn** (1917-2010, Figura 105), químico estadunidense, pelo desenvolvimento da espectrometria de massa química de proteínas. Contudo, segundo críticos, essa premiação não reconheceu as conquistas nesse campo dos cientistas alemães **Franz Hillenkamp** (1936-2014, Figura 106) e **Michael Karas** (1952-, Figura 107), do Instituto de Química Física e Teórica da Universidade de Frankfurt.



Figuras 104 a 107 – Da esquerda para a direita:
Koichi Tanaka, John Bennett Fenn, Franz Hillenkamp e Michael Karas.

2. Da mesma forma, os ganhadores do Prêmio Nobel de Física de 2013 foram o britânico **Peter Ware Higgs** (1929-, Figura 108) e o belga **François Englert** (1932-, Figura 109), que publicaram artigos, em 1964, sobre o início do cosmos. Contudo, três cientistas norte-americanos **Carl Richard Hagen** (1937-, Figura 110), **Gerald Stanford Guralnik** (1936-2014, Figura 111) e **Thomas Walter Bannerman Kibble** (1932-2016, Figura 112), mais conhecido por **Tom Kibble**, publicaram também trabalho, em 1964, sobre o mesmo tema e não foram contemplados nessa premiação. Na realidade, todos os cinco físicos chegaram à mesma conclusão, embora de diferentes ângulos. **Carl Hagen** chegou a dizer que uma solução equitativa seria abandonar a restrição do limites de três pessoas, ou expandir o período de tempo de reconhecimento de uma dada realização para dois anos.



Figuras 108 a 110 – Da esquerda para a direita: Peter Ware Higgs, François Englert e Carl Richard Hagen.



Figuras 111 e 112 – Da esquerda para a direita: Gerald Stanford Guralnik e Tom Kibble.

Ω

Com relação ao Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina tem-se como exemplo:

Antônio Caetano de Abreu Freire Egas Moniz (1874-1955, Figura 113), mais conhecido simplesmente por **Egas Moniz**, médico português responsável pelo desenvolvimento da angiografia cerebral, em 1927, feito que revolucionou a neurocirurgia, possibilitando o diagnóstico de tumores cerebrais, bem como o diagnóstico e tratamento do aneurisma e das malformações arteriovenosas, recebeu três vezes indicação ao Prêmio Nobel por esta façanha (1928, 1929 e 1930). Todavia, **Egas Moniz** foi também o responsável pela técnica da leucotomia pré-frontal, que possibilitou o início da psicocirurgia e, em decorrência, recebeu o Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina, em 1949. Contudo, alguns críticos atribuem a invenção da angiografia cerebral muito mais significativa à medicina do que fora leucotomia pré-frontal.



Figura 113 – Egas Moniz.

Escândalo Sexual

Tudo iniciou quando o jornal sueco *Dagens Nyheter* noticiou que 18 mulheres teriam sido assediadas e abusadas sexualmente pelo fotógrafo franco-sueco **Jean-Claude Arnault** (1946-, Figura 114), em imóveis de propriedade da **Academia Sueca** durante 20 anos! **Arnault** é figura importante no meio cultural sueco, além de possuir relações muito próximas com a **Academia Sueca**, visto que é casado com a poetisa e dramaturga sueca **Katarina Frostenson** (1953-, Figura 115), uma de seus membros. Ademais, **Arnault** foi acusado de vazar informações sobre os ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura sete vezes, desde 1996.

Tais fatos fizeram com que a **Academia Sueca** cortasse relações com **Arnault**, bem como instituisse uma auditoria sobre suas relações com o sodalício. O escândalo foi tamanho, que resultou na renúncia de sete dos 18 mem-

bros da **Academia Sueca**, incluindo sua secretária permanente, a professora e escritora **Sara Danius** (1962-, Figura 116), em 26 de fevereiro de 2019, sendo substituída na função pelo escritor e poeta **Anders Olsson** (1949-, Figura 117). **Katarina Frostenson** também renunciou em janeiro desse ano, pois ficou comprovado em sindicância que ela também havia vazado nomes dos vencedores do Nobel de Literatura. Em 12 de fevereiro de 2019, foi indicada para substituí-la a poetisa e escritora finlandesa, que também escreve em sueco, **Tua Birgitta Forsström** (1947-, Figura 118).



Figuras 114 a 116 – Da esquerda para a direita: Jean-Claude Arnault, Katarina Frostenson e Sara Danius.



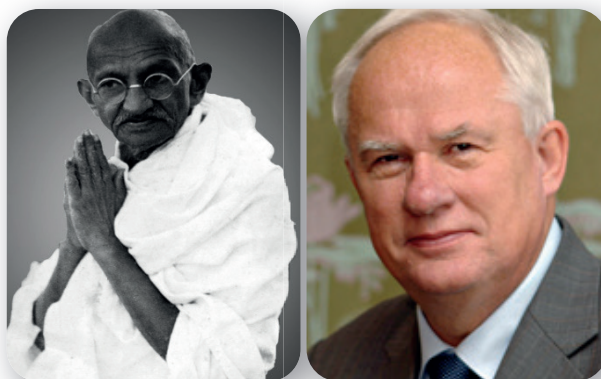
Figuras 117 e 118 – Anders Olsson e Tua Birgitta Forsström.

Premiações Negligenciadas

Dentre os que tinham muitos predicados para o Prêmio Nobel da Paz e não receberam, têm-se:

Mohandas Karamchand Gandhi (1869-1948, Figura 119), mais conhecido por **Mahatma Gandhi**, foi indicado pelo **Comitê Norueguês do Nobel**

ao Prêmio da Paz, em 1937, 1938, 1939 e em 1947, poucos dias antes de ser assassinado, em 30 janeiro de 1948. Mais tarde, membros do **Comitê Norueguês do Nobel** expressaram pesar por **Gandhi** não ter recebido o prêmio. **Geir Lundestad** (1945 -, Figura 120), historiador norueguês e secretário do **Comitê Nobel**, em 2006, assim se expressou: “A maior omissão em nossos 106 anos de história é, sem dúvida, que Mahatma Gandhi nunca recebeu o prêmio Nobel da Paz. Gandhi poderia prescindir do prêmio Nobel da Paz. Se o comitê do Nobel não pode prescindir de Gandhi, é a questão”. Em 1948, o ano da morte de **Gandhi**, o **Comitê do Nobel** se recusou a conceder um prêmio, alegando que “não havia nenhum candidato vivo adequado naquele ano”.



Figuras 119 e 120 – Mahatma Gandhi e Geir Lundestad.

Muitas décadas depois, quando o monge tibetano **Jetsun Jamphel Ngawang Lobsang Yeshe Tenzin Gyatso** (1935-, Figura 121), o 14º **Dalai Lama**, recebeu o Prêmio da Paz, em 1989, o presidente do comitê disse que “isso era, em parte, um tributo à memória de Mahatma Gandhi”.

Dentre diversos outros que muito fizeram pela paz e que poderiam ter recebido tão cobiçado galardão e não receberam, citam-se: **Anna Eleanor Roosevelt** (1884-1962, Figura 122), foi primeira-dama dos Estados Unidos (1933-1945) e grande defensora dos direitos humanos; **Václav Havel** (1936-2011, Figura 123), escritor, intelectual e dramaturgo checo, foi o último presidente da Checoslováquia e o primeiro presidente da República Checa. Firme defensor da resistência não violenta, tornou-se um ícone da Revolução de Veludo em seu país, em 1989; **Kenule Beeson Saro-Wiwa** (1941-1995, Figura 124), mais conhecido por “**Ken**” **Beeson**, foi um escritor, produtor e ativista ambiental da Nigéria; **Sari Nusseibeh** (1949-, Figura 125); palestino, professor de filosofia e ex-presidente da Universidade Al-Quds, em Jerusalém, e, nessa cidade, até dezembro de 2002, foi o representante da Autori-

dade Nacional Palestina; e **María Corazón Cojuangco-Aquino** (1933-2009, Figura 126), mais conhecida por **Corazón Aquino** ou **Cory Aquino**, líder e heroína do movimento que derrubou a ditadura nas Filipinas, tornou-se a primeira mulher a ocupar a chefia de estado de um país asiático.



Figuras 121 a 123 – Da esquerda para a direita: Dalai Lama, Anna Eleanor Roosevelt e Václav Havel.

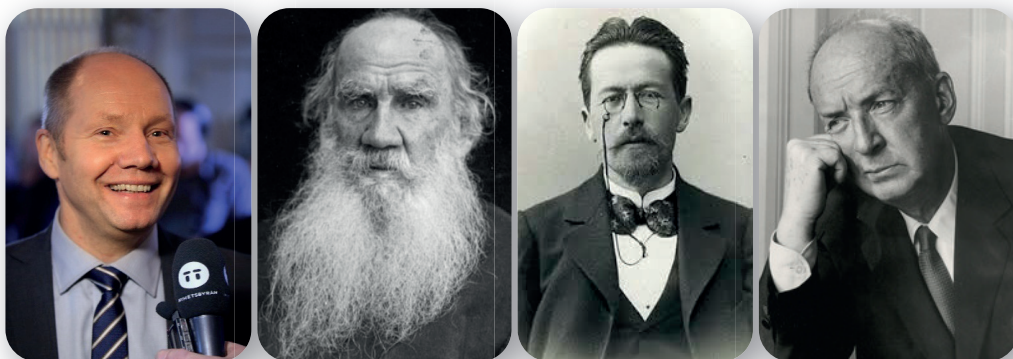


Figuras 124 a 126 – Da esquerda para a direita: Ken Beeson, Sari Nusseibeh e Corazón Aquino.

Ω

Com relação ao Prêmio Nobel de Literatura também há objeções na omissão de diversos autores, que não foram contemplados, quer por razões políticas quer por motivos não relacionados à literatura. Na verdade, a premiação de autores europeus e, particularmente de suecos, tem sido o alvo de críticas. O eurocentrismo desse prêmio foi reconhecido, em 2009, pelo historiador **Peter Englund** (1957-, Figura 127), secretário permanente da **Academia Sueca**, que atribuiu essa tendência a um relacionamento maior com autores europeus.

Mesmo assim, há diversos escritores notáveis desse continente, que não receberam a premiação, tais como os literatos russos: **Liev Nikoláievich Tolstói** (1828-1910, Figura 128), mais conhecido por **Leo Tolstói**; **Anton Pavlovich Chekhov** (1860-1904, Figura 129) e **Vladimir Vladimirovich Nabokov** (1899-1977, Figura 130), mais conhecido pelo pseudônimo de “**Vladimir Sirin**”; o irlandês **James Augustine Aloysius Joyce** (1882-1941, Figura 131), mais conhecido por **James Joyce**; o britânico nascido na África do Sul, **John Ronald Reuel Tolkien** (1892-1973, Figura 132), mais conhecido por **J.R.R. Tolkien**; os franceses: **Émile Zola** (1840-1902, Figura 133) e **Valentin Louis Georges Eugène Marcel Proust** (1871-1922, Figura 134), mais conhecido simplesmente por **Marcel Proust**; o sueco **Johan August Strindberg** (1849-1912, Figura 135); o holandês **Simon Vestdijk** (1898-1971, Figura 136); e o checo **Karel Čapek** (1890-1938, Figura 137).



Figuras 127 a 130 – Da esquerda para a direita:
Peter Englund, Leo Tolstói, Anton Pavlovich Chekhov e Vladimir Sirin.

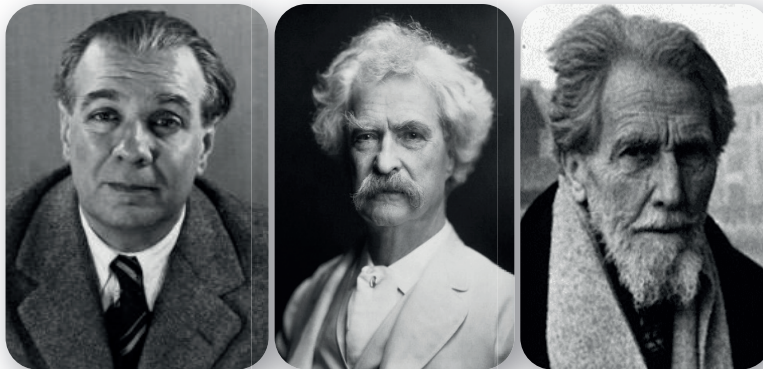


Figuras 131 a 134 – Da esquerda para a direita:
James Joyce, John Ronald Reuel Tolkien, Émile Zola e Marcel Proust.



Figuras 135 a 137 – Da esquerda para a direita:
Johan August Strindberg, Simon Vestdijk e Karel Čapek.

Entre os renomados escritores do Novo Mundo negligenciados ao Prêmio Nobel de Literatura são citados pela crítica especializada: o argentino **Jorge Francisco Isidoro Luis Borges Acevedo** (1899-1986, Figura 138), mais conhecido por **Jorge Luis Borges**; os estadunidenses: **Samuel Langhorne Clemens** (1835-1910, Figura 139), mais conhecido pelo pseudônimo de “**Mark Twain**”; **Ezra Weston Loomis Pound** (1885-1972, Figura 140), mais conhecido simplesmente por **Ezra Pound**; **John Hoyer Updike** (1932-2009, Figura 141); e **Arthur Asher Miller** (1915-2005, Figura 142), mais conhecido por **Arthur Miller**; e o nigeriano **Albert Chinualumogu Achebe** (1930-2013, Figura 143), mais conhecido por **Chinua Achebe**.



Figuras 138 a 140 – Da esquerda para a direita:
Jorge Luis Borges, Mark Twain e Ezra Pound.



Figuras 141 a 143 – Da esquerda para a direita:
John Hoyer Updike, Arthur Miller e Chinua Achebe.

Ω

Com relação ao Prêmio Nobel de Física citam-se os seguintes cientistas como exemplos de dificuldade na compreensão da lógica da concessão da láurea: **Arnold Johannes Wilhelm Sommerfeld** (1868-1951, Figura 144), mais conhecido por **Arnold Sommerfeld**, físico alemão, não recebeu a premiação apesar de ter tido 84 indicações (!!!); e **Otto Stern** (1888-1969, Figura 145), físico estadunidense, recebeu 79 indicações entre 1925 e 1943, antes de ser premiado em 1943.



Figuras 144 e 145 – Da esquerda para a direita: Arnold Sommerfeld e Otto Stern.

Ω

Com relação ao Prêmio Nobel de Química tem-se que **Otto Hahn** (1879-1968, Figura 146), químico alemão e estudioso da radiação, recebeu a premiação em 1944. Contudo, **Lise Meitner** (1878-1968, Figura 147), física austríaca e sua colega, e **Otto Robert Frisch** (1904-1979, Figura 148), físico

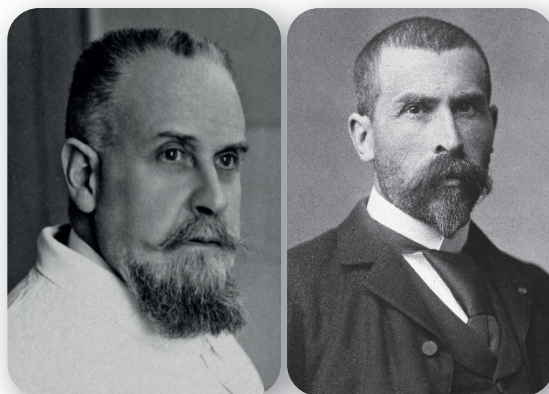
austríaco e sobrinho de **Lise**, publicaram trabalhos sobre a fissão nuclear, tornando-se codescobridores ao lado de **Otto Hahn**. Ademais, **Fritz Strassmann** (1902-1980, Figura 149), químico alemão e também tido como um dos descobridores da fissão nuclear, ficou igualmente fora da premiação. Esse não reconhecimento a esses outros três cientistas deveu-se à pressão política e ideológica do então regime nazista.



Figuras 146 a 149 – Da esquerda para a direita: Otto Hahn, Lise Meitner, Otto Robert Frisch e Fritz Strassmann.

Ω

Com relação ao Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina têm-se os renomados pesquisadores franceses, dentre outros, que não foram contemplados: **Gaston Ramon** (1886-1963, Figura 150), veterinário e biólogo, recebeu 155 indicações (!!!) entre os anos de 1930 e 1953; e **Pierre Paul Émile Roux** (1853-1933, Figura 151), mais conhecido por **Émile Roux**, bacteriologista e imunologista, recebeu 115 indicações!!!



Figuras 150 e 151 – Da esquerda para a direita: Gaston Ramon e Émile Roux.

A não premiação de colaboradores póstumos também negligenciou a merecida honra a profissionais notáveis. Assim, **Myron Samuel Scholes** (1941-, Figura 152), economista canadense-estadunidense, recebeu o Prêmio Nobel de Economia de 1997, juntamente com o economista norte-americano **Robert C. Merton** (1944-, Figura 153). Contudo, o economista norte-americano **Fischer Sheffey Black** (1938-1995, Figura 154), grande colaborador de **Myron Scholes** no reconhecimento desse galardão, falecido em 1995, foi simplesmente ignorado na referida contribuição.



Figuras 152 a 154 – Da esquerda para a direita:
Myron Samuel Scholes, Robert C. Merton e Fischer Sheffey Black.

Recusas e Restrições

Por incrível que possa parecer, alguns dos que foram galardoados com o Prêmio Nobel não o receberam. Dois deles recusaram voluntariamente a premiação: **Jean-Paul Charles Aymard Sartre** (1905-1980, Figura 155), mais conhecido por **Jean-Paul Sartre**, escritor francês, foi laureado com o Prêmio Nobel de Literatura de 1964, e assim se manifestou: “*Um escritor deve se recusar a se transformar em instituição, mesmo que seja da forma mais honrosa*”; **Lê Dúc Thọ** (1911-1990, Figura 97), político vietnamita, escolhido para o Prêmio da Paz de 1973, por seu papel nos Acordos de Paz de Paris, recusou, afirmando, “*que não havia paz no Vietnã*”.

Por sua vez, durante o período nazista em que reinou na Alemanha, o ditador **Aldof Hitler** (1889-1945, Figura 156) impediu que os alemães **Richard Kuhn** (1900-1967, Figura 157) e **Adolf Friedrich Johann Butenandt** (1903-1995, Figura 158), mais conhecido por **Adolf Butenandt**, recebessem, respectivamente, o Prêmio Nobel de Química de 1938 e de 1939; bem como que **Gerhard Johannes Paul Domagk** (1895-1964, Figura 1), mais

conhecido por **Gerhard Domagk**, recebesse o Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina de 1939. Salienta-se que os três receberam, após a II Guerra Mundial, seus diplomas e medalhas de ouro, mas não a premiação em dinheiro, que faz jus ao galardão.



Figuras 155 a 158 – Da esquerda para a direita:
Jean-Paul Sartre, Adolf Hitler, Richard Kuhn e Adolf Butenandt.

Em 1958, **Boris Leonidovitch Pasternak** (1890-1960, Figura 159), poeta e romancista russo, recusou seu prêmio de literatura, em decorrência do medo que sentiu de possíveis consequências nefastas que o governo da então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS, 1922-1991) pudesse lhe infligir, caso viajasse a Estocolmo para a cerimônia de premiação. Nesse caso, a **Academia Sueca** compreendeu sua recusa e assim se expressou: “*Essa recusa, é claro, de forma alguma altera a validade do prêmio*”. Assim, a **Academia Sueca** anunciou pesarosamente que a apresentação do Prêmio de Literatura não poderia ocorrer naquele ano. Esse prêmio foi finalmente concedido em 1989, quando o filho de **Pasternak** o recebeu em seu nome.

Salientam-se que três personalidades foram laureadas enquanto prisioneiras: **Aung San Suu Kyi** (1945-, Figura 160), política birmanesa, recebeu o Prêmio Nobel da Paz, em 1991, mas seus filhos aceitaram o prêmio em seu nome, visto que ela foi colocada em prisão domiciliar em Mianmar. **Suu Kyi** proferiu seu discurso duas décadas depois, em 2012. Ela foi a única laureada a quem foi aceito o direito de um representante receber o prêmio em seu nome! Os outros dois que não puderam receber o prêmio em vida são: **Carl von Ossietzky** (1889-1938, Figura 161), jornalista e pacifista alemão, que recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1935, enquanto estava, desde 1933, como prisioneiro político na Alemanha; e **Liu Xiaobo** (1955-2017, Figura 162), escritor, professor e ativista pelos direitos humanos na República Popular da China, que recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 2010, enquanto ele e sua esposa estavam em prisão na China.



Figuras 159 a 162 – Da esquerda para a direita:
Boris Leonidovitch Pasternak, Aung San Suu Kyi, Carl von Ossietzky e Liu Xiaobo.

IgNobel

Trata-se de uma sátira ao Prêmio Nobel. Seu nome é composto pela união do início do vocábulo anglófono “*ignoble*” (ignóbil, que não é nobre, que é vil ou que causa horror) com o honroso nome próprio “Nobel”. Criado, em 1991, por **Marc Abrahams** (1956-, Figura 163), jornalista e ex-editor do *Journal of Irreproducible Reults*, além de editor e cofundador do *Annals of Improbable Research*, visa a distinguir trabalhos que “*primeiro fazem as pessoas rir, e depois as fazem pensar*”. A cerimônia de premiação acontece anualmente, no mês de setembro, na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos da América, e reúne, além de grandes cientistas e intelectuais, alguns que foram laureados com Prêmio Nobel.

Curiosamente, **Andre Geim** (1958-, Figura 164) físico holandês nascido na Rússia, descobridor do grafeno e conhecido por demonstrações concretas da levitação magnética, foi o único até agora (!) que recebeu, em 2000, o Prêmio IgNobel e, em 2010, o Prêmio Nobel de Física.



Figuras 163 e 164 – Da esquerda para a direita: Marc Abrahams e Andre Geim.

Prêmios Nobel da América Latina

De 1901 a 2019, 923 pessoas e 27 organizações foram agraciadas com o Prêmio Nobel. Desse montante, tão-somente 17 pessoas (1,8%) com nacionalidade de algum país latino-americano receberam tão honrosa láurea, que, em ordem decrescente foram: **Argentina** (5); **México** (3); **Chile** (2); **Colômbia** (2); **Guatemala** (2); **Costa Rica** (1); **Peru** (1); e **Venezuela** (1).

Assim, têm-se por áreas:

Os laureados com o Prêmio Nobel de Literatura foram: 1. **Lucila de María del Perpetuo Socorro Godoy Alcayaga** (1889-1957, Figura 1), chilena, mais conhecida pelo pseudônimo de **“Gabriela Mistral”**, premiada em 1945; 2. **Miguel Ángel Asturias Rosales** (1899-1974, Figura 2), guatemalteco, mais conhecido por **Miguel Asturias**, premiado em 1967; 3. **Ricardo Eliécer Neftalí Reyes Basoalto** (1904-1973, Figura 3), chileno, mais conhecido pelo pseudônimo de **“Pablo Neruda”**, premiado em 1971; 4. **Gabriel José García Márquez** (1927-2014, Figura 4), colombiano, mais conhecido por **García Márquez**, premiado em 1982; 5. **Octavio Paz Lozano** (1914-1998, Figura 5), mexicano, mais conhecido por **Octavio Paz**, premiado em 1990; e 6. **Jorge Mario Pedro Vargas Llosa** (1936-, Figura 6), peruano, mais conhecido por **Vargas Llosa**, premiado em 2010.



Figuras 1 a 3 – Da esquerda para a direita:
Gabriela Mistral, Miguel Asturias e Pablo Neruda.



Figuras 4 a 6 – Da esquerda para a direita: García Márquez, Octavio Paz e Vargas Llosa.

Ω

Os laureados com o Prêmio Nobel da Paz foram: 1. **Carlos Saavedra Lamas** (1878-1959, Figura 7), argentino, mais conhecido por **Saavedra Lamas**, premiado em 1936; 2. **Alfonso Garcia Robles** (1911-1991, Figura 8), mexicano, mais conhecido por **Garcia Robles**, premiado em 1982; 3. **Adolfo Perez Esquivel** (1931-, Figura 9), argentino, mais conhecido por **Perez Esquivel**, premiado em 1980; 4. **Oscar Rafael de Jesús Arias Sánchez** (1940-, Figura 10), costarrriquenho, mais conhecido por **Oscar Arias**, premiado em 1987; 5. **Rigoberta Manchu Tum** (1959-, Figura 11), guatemalteca, mais conhecida por **Rigoberta Manchu**, premiada em 1992; e 6. **Juan Manuel Santos Calderón** (1951-, Figura 12), colombiano, mais conhecido por **Juan Manuel Santos**, premiado em 2016.



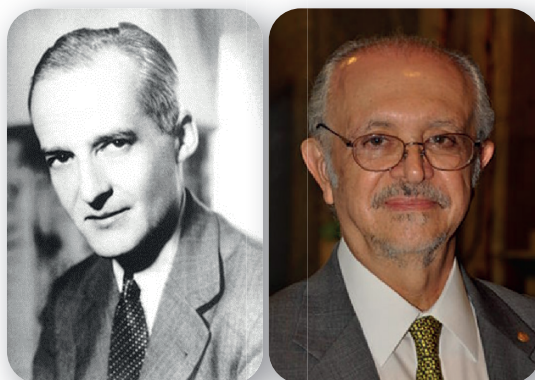
Figuras 7 a 9 – Da esquerda para a direita: Saavedra Lamas, Garcia Robles e Perez Esquivel.



Figuras 10 a 12 – Da esquerda para a direita:
Oscar Arias, Rigoberta Manchu e Juan Manuel Santos.

Ω

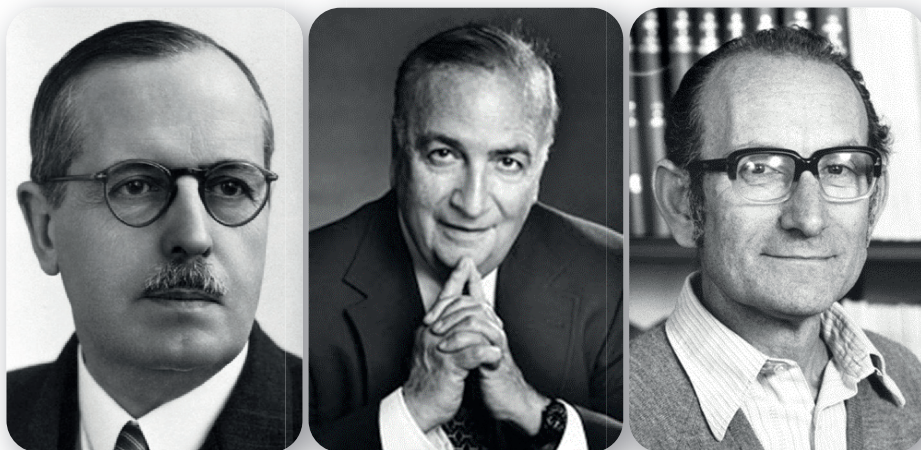
Os laureados com o Prêmio Nobel de Química foram: 1. **Luis Frederico Leloir** (1906-1987, Figura 13), franco-argentino, mais conhecido por **Frederico Leloir**, premiado em 1970; e 2. **Mario Jose Molina** (1943-, Figura 14), mexicano, mais conhecido por **Mario Molina**, premiado em 1995.



Figuras 13 e 14 – Da esquerda para a direita: Frederico Leloir e Mario Molina.

Ω

Os laureados com o Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina foram: 1. **Bernardo Alberto Houssay** (1887-1971, Figura 15), argentino, mais conhecido por **Bernardo Houssay**, premiado em 1947; 2. **Baruj Beuacerraf** (1920-2011, Figura 16), venezuelo-estadunidense, premiado em 1980; e 3. **Cesar Milstein** (1927-2002, Figura 17), argentino-britânico, premiado em 1984.



Figuras 15 a 17 – Da esquerda para a direita:
Bernardo Houssay, Baruj Beucerraf e Cesar Milstein.

O Brasil e o Prêmio Nobel

O Brasil é o quinto país maior do mundo, atrás da Rússia, Canadá, China, Estados Unidos da América. Com extensão territorial de 8.516.000 km² tinha, em 2020, uma população de 211.482.342 habitantes, considerada a sexta maior do mundo, somente atrás da China, Índia, Estados Unidos da América, Indonésia e Paquistão. Ademais, o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro estava estimado, para 2020, em US\$ 1,89 trilhão, colocando a economia do país dentre as 10 maiores do mundo!

Se se levar em conta a quantidade de Prêmios Nobel alcançada por países que compõem o Brics – conjunto das nações de mercado emergente em relação ao seu desenvolvimento econômico, têm-se: **Brasil** (zero), **Rússia** (27), **Índia** (9), **China** (10) e **África do Sul** (10).

Diante desses dados, como explicar que, em mais de um século, o Brasil não tenha tido sequer um reconhecimento em uma das áreas do Prêmio Nobel?! Certamente há várias explicações para isso, e divagações não faltarão. Contudo, apesar de até o presente momento nenhum brasileiro tenha conquistado tão honrosa láurea, deve-se ressaltar que, nesta nação, não somente houve e há diversos cientistas, inventores, literatos e humanistas que teriam o *status* de um Nobel, como poder-se-ia dizer que, até alguns deles, foram “injustiçados” por não terem sido reconhecidos. Neste rol de “injustiçados”, seguramente têm-se os nomes de **Alberto Santos Dumont** (1873-1932, Figura 1), mais conhecido por **Santos Dumont**, e **Carlos Justiniano Ribeiro das Chagas** (1879-1934, Figura 2), mais conhecido por **Carlos Chagas**, dentre outros.



Figuras 1 e 2 – Da esquerda para a direita: Santos Dumont e Carlos Chagas.

Este capítulo tem a finalidade de mostrar os brasileiros que foram indicados ao Prêmio Nobel, bem como apontar alguns outros com *status* Nobel, que sequer foram indicados nas diversas áreas dessa láurea.

Curiosidade – Prêmio Nobel Nascido no Brasil e não Brasileiro

Peter Brian Medwar (1915-1987, Figura 3), prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina de 1960¹, nasceu em Petrópolis (RJ) e teve por pais Nicholas Medawar, empresário brasileiro de origem libanesa, e Edith Muriel Dowling, cidadã britânica. Dada a prerrogativa de sua mãe, **Peter Medwar** foi registrado na Embaixada do Reino Unido como cidadão britânico e viveu no Brasil até os 15 anos, quando ele com sua família se mudaram para a Inglaterra, onde se radicaram. Estudou no *Marlborough College* e, posteriormente, no *Magdalen College* da Universidade de Oxford.

Peter Medwar dedicou-se à carreira universitária e à pesquisa, galgando, em 1947, a condição de professor titular da cadeira de zoologia na *Birmingham University*.

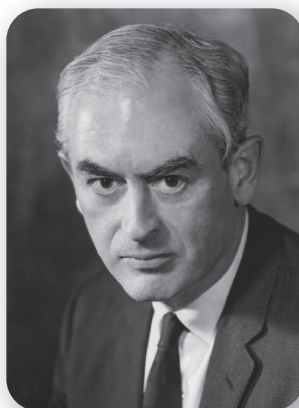


Figura 3 - Peter Brian Medwar.

Os **Brasileiros Indicados ao Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina** foram: **Carlos Chagas**² (Figura 2), indicado em 1913 e 1921; **Antônio Cardoso Fontes**³ (1879-1943, Figura 4), mais conhecido por **Cardoso Fontes**, indicado em 1934; **Adolpho Lutz**⁴ (1855-1940), indicado em 1938; e **Ma-**

¹ Peter Briam Medwar dividiu o Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina de 1960 com o médico e virologista australiano Frank Macfarlane Burnet (1899-1985).

² Carlos Chagas atuou como médico sanitário, infectologista, cientista e bacteriologista. Foi, até os dias atuais, o único cientista na história da medicina (!) a descrever completamente o ciclo de uma doença infecciosa: o patógeno, o vetor (*Triatominæ*), os hospedeiros, as manifestações clínicas e a epidemiologia.

³ Cardoso Fontes, grande microbiologista e cientista brasileiro, atuou como professor da Faculdade de Ciências Médicas do Rio de Janeiro e como diretor do Instituto Oswaldo Cruz.

⁴ Adolpho Lutz, grande microbiologista e cientista, foi pioneiro na área de epidemiologia e na pesquisa de doenças

noel Dias de Abreu⁵ (1891-1962, Figura 6), mais conhecido por **Manoel de Abreu**, indicado em 1946, 1951 e 1953.



Figuras 4 a 6 – Da esquerda para a direita:
Cardoso Fontes, Adolpho Lutz e Manoel de Abreu.

Dentre vários outros cientistas brasileiros na área médica que não foram indicados, mas que teriam *status* de um Nobel, têm-se: **Oswaldo Gonçalves Cruz**⁶ (1872-1917, Figura 7), mais conhecido por **Oswaldo Cruz**; **Emílio Marcondes Ribas**⁷ (1862-1925, Figura 8), mais conhecido por **Emílio Ribas**; **Vital Brazil Mineiro da Campanha**⁸ (1865-1950, Figura 9), mais conhecido por **Vital Brazil**; **Antonio Carini**⁹ (1872-1950, Figura 10); **Manuel Augusto Pirajá da Silva**¹⁰ (1873-1961, Figura 11), mais conhecido por **Pirajá da Silva**; **Henrique da Rocha Lima**¹¹ (1879-1956, Figura 12), mais

infecciosas. É considerado o pai da medicina tropical e da zoologia médica no Brasil. Em 2017, seu sobrenome foi homenageado a partir da nomeação da espécie de perereca *Aplastodiscus lutzorum*.

⁵ Manoel de Abreu, grande estudioso do radiodiagnóstico em doenças pulmonares, particularmente da tuberculose, foi o descobridor de um método barato e rápido para a realização de rastreamento populacional no diagnóstico de doenças do pulmão. Seu método passou a ser chamado de “abreugrafia”, em honra de seu nome.

⁶ Oswaldo Cruz, médico, bacteriologista, epidemiologista e grande sanitarista brasileiro, foi pioneiro no estudo das moléstias tropicais e da medicina experimental no Brasil. É honrado como patrono da cadeira nº 99 da insigne Academia de Medicina de São Paulo.

⁷ Emílio Ribas, grande sanitarista, trabalhou no combate de epidemias, particularmente da febre amarela e da tuberculose, tendo criado o Instituto Butantã, entre outros órgãos públicos de saúde pública. É honrado como patrono da cadeira nº 56 da insigne Academia de Medicina de São Paulo.

⁸ Vital Brazil foi um renomado imunologista e pesquisador. Como médico sanitarista participou das brigadas de combate à febre amarela e à peste bubônica, bem como no combate do tifo e da varíola. No Instituto Butantã, com escassos recursos, desenvolveu o soro antiofídico, assim como o soro antitetânico e antidiatélico, além do tratamento da picada do escorpião, tornando-se afamado e mundialmente conhecido. É honrado como patrono da cadeira nº 62 da insigne Academia de Medicina de São Paulo.

⁹ Antonio Carini, professor da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e grande microbiologista, dirigiu o Instituto Pasteur de São Paulo e foi o descobridor do micro-organismo *Pneumocystis carini*.

¹⁰ Pirajá da Silva, médico e grande pesquisador, foi o responsável pela identificação do *Schistosoma mansoni* (ou *Shistosoma americanum*), agente patogênico da esquistossomose intestinal, bem como do ciclo fisiopatológico dessa doença.

¹¹ Rocha Lima foi um renomado sanitarista, patologista e bacteriologista, descobridor do agente etiológico do tifo, a bactéria *Rickettsia prowazekii*. Foi membro correspondente nacional da insigne Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo.

conhecido por **Rocha Lima**; **Evandro Serafim Lobo Chagas**¹² (1905-1940, Figura 13), mais conhecido por **Evandro Chagas**; **Maurício Oscar da Rocha e Silva**¹³ (1910-1983, Figura 14), mais conhecido por **Rocha e Silva**; e **Sergio Henrique Ferreira**¹⁴ (1934-2016, Figura 15), mais conhecido por **Sergio Ferreira**, dentre diversos outros.



Figuras 7 a 9 – Da esquerda para a direita: Oswaldo Cruz, Emílio Ribas e Vital Brazil.



Figura 10 a 12 – Da esquerda para a direita: Antonio Carini, Pirajá da Silva e Rocha Lima.

¹² Evandro Chagas foi um destacado cientista e sanitarista. Realizou estudos sobre febre amarela, malária, ancilostomose e, principalmente, sobre a leishmaniose, descobrindo os primeiros casos humanos dessa doença e realizando investigações clínicas e epidemiológicas em diversos estados do Brasil e também na Argentina.

¹³ Rocha e Silva, trabalhando em experimentos com o veneno da jararaca, descobriu a bradiginina, potente vasodilatador, feito que possibilitou o desenvolvimento de medicamentos anti-hipertensivos. Também fez pesquisas com a histamina, utilizada em medicamentos cardiovasculares.

¹⁴ Sergio Ferreira, médico e farmacologista, tornou-se notável pela descoberta do fator de potenciação da bradiginina, um peptídeo extraído do veneno da *Bothrops jararaca*, o que possibilitou o desenvolvimento do captopril, medicamento utilizado no tratamento da hipertensão arterial.



Figuras 13 a 15 – Da esquerda para a direita:
Evandro Chagas, Rocha e Silva, e Sergio Ferreira.

Ω

Os **Brasileiros Indicados ao Prêmio Nobel de Física** foram: **Cesare (Cesar) Mansueto Giulio Lattes** (1924-2005, Figura 16), mais conhecido por **Cesar Lattes**, foi indicado em 1949, 1951, 1952, 1953 e 1954; e **David Joseph Bohm**¹⁵ (1917-1992, Figura 17), mais conhecido por **David Bohm**, foi indicado em 1958.



Figuras 16 e 17 – Da esquerda para a direita: Cesar Lattes e David Bohm.

Dentre outros brasileiros que tiveram o *status* de um Prêmio Nobel de Física e que sequer foram indicados têm-se: **Alberto Santos Dumont** (Figura 1); **Mario Schenberg** (1914-1990, Figura 18) e **José Leite Lopes** (1918-2006, Figura 19).

¹⁵ David Joseph Bohm tinha cidadania estadunidense, brasileira e britânica. Atuou como professor e pesquisador da Universidade de São Paulo, entre 1951 a 1955.

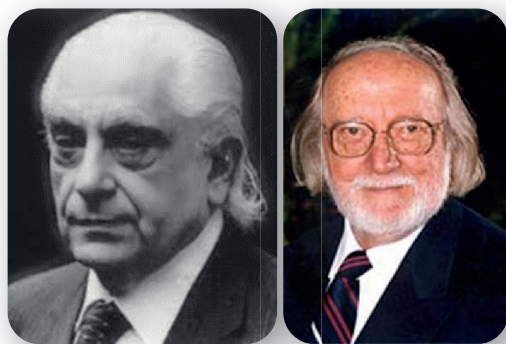


Figura 18 e 19 – Da esquerda para a direita: Mario Schenberg e José Leite Lopes.

Ω

O austríaco-brasileiro **Fritz Feigl**¹⁶ (1891-1971, Figura 20), teve indicação ao Prêmio Nobel de Química em 1955, 1957, 1962, 1963 e 1966.



Figura 20 – Fritz Feigl.

Ω

Os **Brasileiros Indicados ao Prêmio Nobel da Paz** foram: **José Maria da Silva Paranhos Júnior** (1845-1912, Figura 21), mais conhecido por **Barão do Rio Branco**, foi indicado em 1911; **Afrânio Camorim Jacaúna de Otingi de Melo Franco** (1870-1943, Figura 22), mais conhecido por **Afrânio de Melo Franco**, foi indicado em 1935, 1937 e 1938; **Oswaldo Euclides de Souza Aranha** (1894-1960, Figura 23), mais conhecido por **Oswaldo Aranha**, foi indicado em 1948; **Raul Fernandes** (1877-1968, Figura 24) foi indicado em 1953 e 1954; **Cândido Mariano da Silva Rondon** (1865-1958,

¹⁶ Fritz Feigl teve a cidadania austríaca e a brasileira. Atuou como pesquisador e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

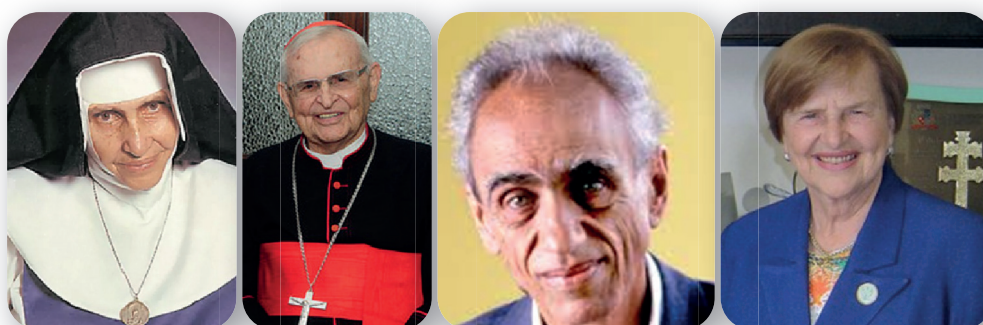
Figura 25), mais conhecido por **Marechal Rondon**, foi indicado em 1953 e 1957; **Josué Apolônio de Castro** (1908-1973, Figura 26), mais conhecido por **Josué de Castro**, foi indicado em 1953, 1963, 1964 e 1965; **Dom Hélder Pessoa Câmara** (1909-1999, Figura 27), mais conhecido por **Dom Hélder Câmara**, foi indicado em 1970, 1971, 1972 e 1973; **Francisco de Paula Cândido Xavier** (1910-2002, Figura 28), mais conhecido por **Chico Xavier**, foi indicado em 1981 e 1982; **Maria Rita de Sousa Brito Lopes Pontes** (1914-1992, Figura 29), mais conhecida por **Irmã Dulce**, foi indicada em 1988; **Dom Paulo Evaristo Arns** (1921-2016, Figura 30) foi indicado em 1989; **Helbert José de Souza** (1935-1997, Figura 31), mais conhecido por **Betinho**, foi indicado em 1994; **Zilda Arns Neumann** (1934-2010, Figura 32), mais conhecida por **Zilda Arns**, foi indicada em 2000, 2001 e 2003; **Gaetano Brancati Luigi** (italo-brasileiro, 1937-, Figura 33), indicado em 2015; **Maria da Penha Maia Fernandes** (1945-, Figura 34), mais conhecida por **Maria da Penha**, indicada em 2017; **Luiz Gabriel Tiago** (1979-, Figura 35), indicado em 2018; **Luiz Inácio Lula da Silva** (1945-, Figura 36), mais conhecido por **Presidente Lula**, e **Cacique Raoni Metuktire** (1930-, Figura 37), mais conhecido por **Cacique Raoni**, ambos indicados em 2019.



Figuras 21 a 24 – Da esquerda para a direita:
Barão do Rio Branco, Afrânio de Melo Franco, Oswaldo Aranha e Raul Fernandes.



Figuras 25 a 28 – Da esquerda para a direita:
Marechal Rondon, Josué de Castro, Dom Hélder Câmara e Chico Xavier.



Figuras 29 a 32 – Da esquerda para a direita:
Irmã Dulce, Dom Paulo Evaristo Arns, Betinho e Zilda Arns.



Figuras 33 a 37 – Da esquerda para a direita: Gaetano Brancati Luigi,
Maria da Penha, Luiz Gabriel Tiago, Presidente Lula e Cacique Raoni.

Ω

Os **Brasileiros Indicados ao Prêmio Nobel de Literatura** foram: **Henrique Maximiano Coelho Netto** (1864-1934, Figura 38), mais conhecido por **Coelho Netto**, foi indicado em 1933; **Flávio Rezende de Carvalho** (1899-1973, Figura 39), mais conhecido por **Flávio de Carvalho**, foi indica-

do em 1939; **Manoel Wanderley**, indicado em 1941; **Alceu Amoroso Lima** (1893-1983, Figura 40), também conhecido pelo pseudônimo de "**Tristão de Ataíde**", foi indicado em 1965; **Jorge Leal Amado de Faria** (1912-2001, Figura 41), mais conhecido por **Jorge Amado**, foi indicado em 1967 e 1968; **Carlos Drummond de Andrade** (1902-1987, Figura 42), indicado em 1968; **Érico Veríssimo** (1905-1975, Figura 43), foi indicado em 1968; **Ariano Vilar Suassuna** (1927-2014, Figura 44), mais conhecido por **Ariano Suassuna**, foi indicado em 2012; **Luiz Alberto de Vianna Moniz Bandeira** (1935-2017, Figura 45), mais conhecido por **Moniz Bandeira**, foi indicado em 2014; **Lygia Fagundes Telles** (1923-, Figura 46) foi indicada em 2015; e **Luís Carlos Verzoni Nejar** (1939-, Figura 47), mais conhecido por **Carlos Nejar**, foi indicado em 2017.



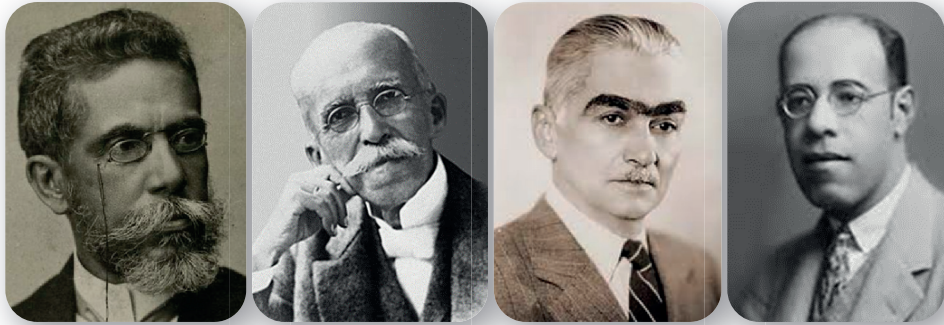
Figuras 38 a 42 – Da esquerda para a direita: Coelho Netto, Flávio de Carvalho, Alceu Amoroso Lima, Jorge Amado e Carlos Drummond de Andrade.



Figuras 43 a 47 – Da esquerda para a direita: Érico Veríssimo, Ariano Suassuna, Moniz Bandeira, Lygia Fagundes Telles e Carlos Nejar.

Dentre diversos outros literatos brasileiros que não foram indicados, mas que teriam *status* de um Prêmio Nobel de Literatura, encontram-se: **Joaquim Maria Machado de Assis** (1839-1908, Figura 48), mais conhecido por **Machado de Assis**; **Ruy Barbosa de Oliveira** (1849-1923, Figura 49), mais conhecido por **Ruy Barbosa**; **José Bento Renato Monteiro Lobato** (1882-1948, Figura 50), mais conhecido por **Monteiro Lobato**; **Mário Raul**

Morais de Andrade (1893-1945, Figura 51), mais conhecido por **Mário de Andrade**; **Gilberto de Mello Freyre** (1900-1987, Figura 52), mais conhecido por **Gilberto Freyre**; **Sérgio Buarque de Holanda** (1902-1982, Figura 53); **João Guimarães Rosa** (1908-1967, Figura 54), mais conhecido por **Guimarães Rosa**; e **Clarice Lispector** (1920-1977, Figura 55).



Figuras 48 a 51 – Da esquerda para a direita:
Machado de Assis, Ruy Barbosa, Monteiro Lobato e Mário de Andrade.



Figuras 52 a 55 – Da esquerda para a direita:
Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Guimarães Rosa e Clarice Lispector.

Parte II

Sumário Biográfico
dos
Membros da Academia de
Medicina de São Paulo
que
Receberam o Prêmio Nobel
de Fisiologia ou Medicina

Academia de Medicina de São Paulo



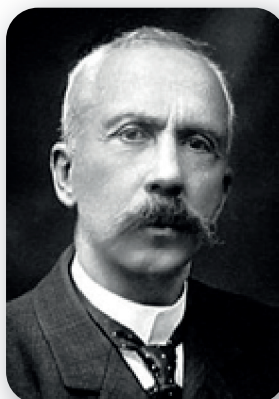
Prêmio Nobel de Medicina de 1913

Indicado em 1904, 1907, 1911, 1912, 1913, 1924, 1927, 1929, 1931, 1932, 1933, 1934 e 1935

Membro correspondente estrangeiro

Ingresso antes de 1918

Charles Robert Richet



1850-1935

Charles Robert Richet, mais conhecido por **Charles Richet** ou simplesmente **Richet**, nasceu em Paris, aos 26 de agosto de 1850, e graduou-se em medicina na Universidade de Paris. Nessa cidade fez estágio no Hospital Salpêtrière, onde acompanhou pacientes histéricos sob a orientação do renomado neurologista e psiquiatra Jean-Martin Charcot (1825-1893).

Richet dedicou-se ao estudo da fisiologia, sendo, aos 37 anos, nomeado lente catedrático de fisiologia da renomada Faculdade de Medicina de Paris. Investigou temas diversos como neuroquímica, digestão, respiração e termorregulação em animais homeotérmicos.

Estudou também as reações alérgicas e cunhou o termo “anafilaxia”, destinado às graves reações alérgicas, por vezes fatais, num indivíduo já sen-

sibilizado e submetido a uma segunda injeção de antígeno, ainda que em pequenas doses. Suas pesquisas colaboraram na elucidação da febre do feno e da asma, dentre outras reações alérgicas, cujas explicações, à época, eram atribuídas à intoxicação. Descobriu também a “cloralose”, uma droga anestésica e sedativa utilizada em veterinária.

Curiosamente, no campo da aviação, **Charles Richet** desenvolveu, juntamente com o engenheiro Louis Charles Breguet (1880-1955), em 1907, um giroplano.

Richet tornou-se membro da insigne Academia Nacional de Medicina, em 1898, e, em 1914, da veneranda Academia Francesa de Ciências.

Pioneiro na imunologia e pelos seus estudos sobre anafilaxia, foi galardoado com o Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina de 1913. Aliás, é de sua lavra a obra “*L Anaphylaxie*” (1912).

Dedicou-se também ao estudo dos acontecimentos paranormais, tentando desvendar o desconhecido mundo dos fenômenos anímicos. Em 1905, então presidente da Sociedade de Investigações Psíquicas, em Londres, propôs o nome de “Metapsíquica” a esse conjunto de conhecimentos, tornando-se o fundador da Metapsíquica, termo definido por ele como sendo uma “*ciência que tem por objeto fenômenos mecânicos ou psicológicos, devido a forças que parecem inteligentes, ou a poderes desconhecidos, latentes na inteligência humana*”.

A propósito, sua obra mais famosa, “*Traité de Métapsychique*” (1922), é uma coletânea de descrições e fatos pormenorizados de experiências psíquicas; descrições históricas e classificatórias que muito colaboraram para o seu desenvolvimento.

Charles Richet definiu também o termo “ectoplasma”, como sendo substâncias difusas que emanavam do corpo de um indivíduo e responsáveis pela viabilidade dos fenômenos objetivos mediúnicos. Embora seus estudos nesse campo chegassem a fazer interface com o espiritismo, ele nunca se declarou espírita, mas sim, um estudioso dos fenômenos metapsíquicos.

Paradoxalmente, envolveu-se no movimento pacifista francês e era também um árduo entusiasta da eugenia, teoria muito em voga em sua época. Assim, defendia a esterilização e a proibição de casamento entre pessoas com deficiência mental. Tornou-se presidente da Sociedade Francesa de Eugenia (1920-1926) e expressou suas ideias eugenistas no seu livro “*La Sélection Humaine*” (1919).

Além de artigos científicos escreveu sobre história, sociologia, filosofia, psicologia, poesia e teatro. Entre outros livros de sua autoria têm-se: “*L’Homme et L’Intelligence*” (1887); “*Essai de Psychologie Generale*” (1907);

“Dictionnaire de Physiologie” (1909, em quatro volumes); *“L’Homme Stupide”* (1919); *“Abrégé D’Histoire Générale”* (1922); *“L’Oeuvre de Pasteur”* (1923); *“Le Savant”* (1923); *“Initiation a L’Histoire de La France et de La Civilisation Française”* (1924); *“La Nouvelle Zomothérapie”* (1924); *“L’Homme Impuissant”* (1927); *“Notre Sixième Sens”* (1928); *“Apologie de La Biologie”* (1929); *“L’Avenir et la Premonition”* (1931); e *“La Grande Espérance”* (1933), dentre outros.

Charles Robert Richet faleceu em sua cidade natal, em 4 de dezembro de 1935, contando com 85 anos.

Academia de Medicina de São Paulo



Prêmio Nobel de Física de 1903
Indicada em 1902 e 1903

Prêmio Nobel de Química de 1911
Membro correspondente estrangeiro
Ingresso antes de 1927

Marie Curie



1867-1934

Marie Skłodowska Curie, mais conhecida por **Marie Curie**, teve por nome de solteira **Maria Salomea Skłodowska**. Nasceu em 7 de novembro de 1867, em Varsóvia, Polônia, região que, à época, fazia parte do Império Russo. Estudou em sua cidade natal, na Universidade Floating – uma escola ilegal por desafiar as políticas da época, frequentada principalmente por mulheres proibidas de seguirem seus cursos regularmente. Aí iniciou seu treino científico. Com 24 anos, em 1891, foi com Bronislawa, sua irmã mais velha, estudar em Paris, naturalizando-se posteriormente francesa, mas sem jamais se abdicar de sua nacionalidade polonesa. Em Paris, aprimorou-se na ciência.

Marie Curie desenvolveu a teoria da radioatividade, neologismo cunhado por ela; técnicas para isolar isótopos radiativos, bem como descobriu dois elementos: o polônio, termo que criou para homenagear seu país de origem, e o rádio. Sob sua orientação foram conduzidos estudos pioneiros sobre o tratamento de neoplasias com o uso de isótopos radioativos. Ademais, fundou os Institutos Curie de Paris e de Varsóvia, renomados centros de pesquisas.

Marie Curie casou-se com o físico francês Pierre Curie (1859-1906), e conseguiu que seu marido se tornasse chefe do Laboratório de Física da Sorbonne. **Marie** doutorou-se em ciências, em 1903, e após a morte de seu esposo, em 1906, num acidente rodoviário, ocupou o seu lugar como professora de física geral na Faculdade de Ciências. Foi a primeira mulher a ocupar este cargo, bem como a primeira mulher a ser admitida como professora na Universidade de Paris. Foi também nomeada diretora do Laboratório Curie do Instituto do Radium, da Universidade de Paris, fundado em 1914.

O casal **Curie** teve duas filhas: Irène Joliot-Curie (1897-1956) e Ève Denise Curie Labouisse (1904-2007). Apesar da cidadania francesa, **Marie Curie** nunca deixou sua identidade polonesa de lado. Ensinou suas duas filhas a falar polonês e as levou em viagens para a Polônia.

Irène Joliot-Curie, sua filha mais velha, assim como seus pais, destacou-se na ciência, sendo laureada com o Prêmio Nobel de Química, em 1935, galardão que foi dividido com seu esposo Jean Frédéric Joliot-Curie (1900-1958), também químico francês. Assim, quatro membros de uma mesma família receberam cinco Prêmios Nobel, fato igualmente único na história dessa premiação!!!

Por sua vez, Ève Denise Curie Labouisse, a filha mais nova, destacou-se como escritora, jornalista, pianista e humanista. Escreveu a biografia de sua mãe, que se transformou num filme, em 1943.

Marie Curie foi a primeira mulher a ser laureada com um prêmio Nobel, e a primeira e única mulher a ganhar tão renomado galardão por duas vezes e em áreas científicas distintas!!! Em 1903, **Marie Curie** dividiu o prêmio Nobel de Física com o seu marido Pierre Curie e com o físico Antoine Henri Becquerel (1852-1908). Ela também foi laureada com o prêmio Nobel de Química, em 1911.

Marie Curie morreu em 4 de julho de 1934, aos 66 anos, em um sanatório em Sancellemoz, na França, por conta de uma leucemia causada pela exposição à radiação ao carregar testes de rádio em seus bolsos durante pesquisas, bem como, em decorrência dos serviços que prestou durante a I Guerra Mundial, quando instalou unidades móveis de raio X.

Em 1995, **Marie Curie** se tornou a primeira mulher a ser enterrada, por seus méritos, no Panteão de Paris. O elemento 96 da tabela periódica, o Cúrio, símbolo Cm, foi batizado em honra do Casal Curie.

Academia de Medicina de São Paulo



Prêmio Nobel de Medicina de 1949
Indicado em 1928, 1933, 1937, 1944, 1949 e 1950
Membro honorário ingresso antes de 1930

Egas Moniz



1874-1955

Antônio Caetano de Abreu Freire Egas Moniz (1874-1955), notabilizado como **Antônio Egas Moniz** ou simplesmente **Egas Moniz**, nasceu na freguesia portuguesa de Avanca, no pequeno município de Estarreja, aos 29 de novembro de 1874.

Era filho de uma nobre família rural. Seu nome de batismo foi **Antônio Caetano de Abreu Freire de Resende**. Seu tio paterno e padrinho, o padre Caetano de Pina Resende Abreu e Sá Freire, insistiu, por motivos históricos, para que ele adotasse o apelido de **Egas Moniz**, pois estava convencido de que a família Resende descenderia diretamente de **Egas Moniz**, o escudeiro de Dom Afonso Henriques (1109?-1185), “o Conquistador”, primeiro rei de Portugal (1139-1185).

Egas Moniz graduou-se médico na Universidade de Coimbra, e aí iniciou sua carreira universitária, sendo lente substituto de anatomia e fisiologia. Em 1911, transferiu-se para a recém-criada Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, onde ocupou a cátedra de neurologia, jubilando-se em 1944.

Em 1901, casou-se com a brasileira Elvira de Macedo Dias (1884-1965), que conheceu em Portugal, mas não tiveram filhos.

Egas Moniz tornou-se um importante neurocirurgião, pesquisador e professor português. Foi médico de afamados intelectuais, como os poetas e escritores Fernando Pessoa (1888-1935) e Mário de Sá-Carneiro (1890-1916).

A ele se deve o desenvolvimento da arteriografia ou angiografia cerebral, em 1927, descoberta que revolucionou a medicina e a neurocirurgia, permitindo o diagnóstico dos tumores cerebrais e o diagnóstico e tratamento do aneurisma cerebral e das malformações arteriovenosas (MAV). Por essa alvissareira descoberta foi três vezes indicado ao prêmio Nobel de Medicina, não sendo contemplado!

Quando contava com 64 anos, em 14 de março de 1939, sofreu um atentado em seu consultório, por um engenheiro agrônomo doente mental, em crise paranoica, que o alvejou com oito disparos, cinco dos quais atingiram a mão direita, tórax e coluna vertebral. Foi submetido a cirurgia, sendo-lhe retirados os projéteis, excetuando-se o da coluna dorsal e, apesar da gravidade, recuperou-se totalmente sem sequelas.

Egas Moniz também foi autor da técnica da leucotomia pré-frontal, procedimento neurocirúrgico que possibilitou o surgimento da psicocirurgia, descoberta pela qual foi galardoado com o Prêmio Nobel de Medicina, em 1949, partilhado com o fisiologista suíço Walter Rudolf Hess (1881-1973).

Egas Moniz dedicou-se paralelamente também à política. Foi o fundador do Partido Republicano Centrista e exerceu funções de embaixador de Portugal, em Madri (1917), e ministro dos Negócios Estrangeiros (1918). Ademais, destacou-se também como escritor e além de diversos trabalhos científicos em seu campo de atuação, publicou obras literárias, algumas delas com várias edições, tais como: **“A Vida Sexual – Fisiologia e Patologia”** (1901); **“A Neurologia na Guerra”** (1917); **“Um Ano de Política”** (1920); **“Júlio Diniz e a sua Obra”** (em dois volumes, 1924); **“O Padre Faria na História do Hipnotismo”** (1925); **“Confidências de um Investigador Científico”** (1949); e **“A Nossa Casa”** (1950). Ademais, escreveu também sobre pintura e reuniu um notável acervo de quadros naturalistas, bem como peças de louça, prata e mobiliário artístico que, hoje, se encontram na Casa-Museu Egas Moniz, em Estarreja.

Foi condecorado com a Grã-Cruz da Ordem de Benemerência (1928), bem como a Grã-Cruz da Antiga, Nobilíssima e Esclarecida Ordem Militar de Sant'Iago da Espada, do Mérito Científico, Literário e Artístico (1945).

Egas Moniz faleceu em Lisboa, em 13 de novembro de 1955, aos 81 anos. Seu nome é honrado em Portugal e no Brasil, em ruas, avenidas, escolas, hospitais, centros universitários, monumentos, museus e centro de estudos. Em 1989, o governo de Portugal o homenageou com sua efígie na nota de 10.000 escudos.

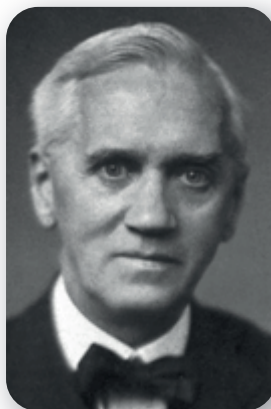


Academia de Medicina de São Paulo



Prêmio Nobel de Medicina de 1945
Indicado em 1943, 1944, 1945, 1946 e 1952
Membro honorário
Ingresso em 10/5/1954

Alexander Fleming



1881-1955

Alexander Fleming, mais conhecido simplesmente por **Fleming**, nasceu aos 6 de agosto de 1881, em Lichfield, na região de Ayrshire, no sudoeste da Escócia, e se graduou na Faculdade de Medicina da Universidade de Londres, em 1906. Dedicou-se à pesquisa na área microbiológica, particularmente ao estudo de substâncias bactericidas não tóxicas ao homem. Atuou como microbiologista do Hospital de St. Mary, em Londres, até o início da I Guerra Mundial, pois fora convocado para as frentes de batalha na França. Dessa experiência muito lhe impressionou a quantidade de mortes devidas à infecção por gangrena gasosa, em decorrência de feridas por arma de fogo.

Graças à sua grande capacidade de observação, descobriu, acidentalmente, nos anos 20 do século XX, precisamente em 1923, a lisozima, por ter

espirrado gotas de muco de seu nariz, que caíram numa placa de Petri, onde cresciam colônias bacterianas, que foram destruídas onde houvera caído o fluido nasal.

Da mesma forma, em 1928, descobriu também, ocasionalmente, as propriedades antibióticas da penicilina, ao observar que numa cultura de *Staphylococcus aureus*, numa placa de Petri, que fora contaminada acidentalmente por fungos, o *Penicillium notatum*, havia lise (morte) bacteriana. Publicou seus resultados em 1929, no *British Journal of Experimental Pathology*, mas houve pouco reconhecimento pela sua descoberta!

Alexander Fleming tornou-se notório após ter permitido que Howard Walter Florey (1898-1968), farmacêutico australiano; Ernst Boris Chain (1906-1979), bioquímico alemão; e Norman George Heatley (1911-2004), cientista da Universidade de Oxford, fizessem a extração e purificação da penicilina a fim de utilizá-la em testes clínicos, comprovando seus alvissareiros resultados no combate à infecção em humanos.

A produção industrial de penicilina iniciou nos Estados Unidos da América, no princípio da II Guerra Mundial, e teve como estímulo o fato de que a medicina militar alemã já possuía as sulfonamidas. Os méritos da industrialização da penicilina se deveram a Howard Walter Florey e Ernst Boris Chain, que descobriram um método de purificação da penicilina, que permitisse sua síntese e distribuição comercial para a população.

Em virtude da importante descoberta da penicilina, **Alexander Fleming**, Howard Walter Florey e Ernst Boris Chain foram galardoados com o Prêmio Nobel de Medicina de 1945.

Fleming não patenteou sua descoberta, pois pensava que, assim fazendo, tornava mais fácil a difusão do produto a um maior número de pessoas. Fez diversos outros trabalhos sobre bacteriologia, imunologia e quimioterapia.

Fleming foi membro do Colégio Real de Cirurgiões da Inglaterra, Colégio Real de Médicos de Londres e do *Chelsea Arts Club*. Recebeu numerosas homenagens e prêmios, entre eles a medalha Honorária de Ouro do Colégio Real de Cirurgiões (1946); a medalha John Scott (1944); o Prêmio Cameron da Universidade de Edimburgo (1945); a medalha Moxon do Colégio Real de Médicos (1945); a medalha de Ouro da Sociedade Real de Artes (1946); a medalha de Ouro da Sociedade Real de Medicina (1947); a medalha de Mérito dos Estados Unidos (1947) e a Grã-Cruz de Afonso da Espanha (1948). Também foi presidente da Socieda-



de para Microbiologia Geral e recebeu cerca de 30 diplomas honorários em universidades europeias e americanas. Foi também galardoado pela coroa britânica com a concessão do honroso título de “Sir” (Senhor). Entre 1951 e 1954 atuou como reitor da Universidade de Edimburgo.

Alexander Fleming foi vítima de infarto do miocárdio, falecendo em Londres, aos 73 anos, em 11 de março de 1955. Seu corpo foi enterrado como herói nacional na cripta da catedral de São Paulo, em Londres. Com ele se iniciou a chamada “Era dos Antibióticos”¹.

¹ Sir **Alexander Fleming** recebeu o título de membro honorário da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, das mãos do então presidente Eurico Branco Ribeiro (1902-1978), em sessão extraordinária realizada, em 10 de maio de 1954, dez meses antes de seu falecimento. Na efeméride, que contou com a presença de sua segunda esposa Amália Fleming (1912-1986), discursaram os professores: acadêmico Benedicto Augusto de Freitas Montenegro (1888-1979), exaltando os méritos do descobridor da penicilina, e Carlos Henrique Liberali, que fez uma conferência sobre “Passado, Presente e Futuro dos Antibióticos”.

Parte III

Sumário Biográfico
dos
Membros da Academia de
Medicina de São Paulo
que
Foram Indicados ao
Prêmio Nobel de
Fisiologia ou Medicina

Academia de Medicina de São Paulo



Indicado ao Nobel de Medicina em 1913 e 1921

Membro honorário

Ingresso antes de 1918

Carlos Chagas



1878-1934

Carlos Justiniano Ribeiro das Chagas, mais conhecido por **Carlos Chagas** ou simplesmente **Chagas**, nasceu no município mineiro denominado Oliveira, em 9 de julho de 1878.

Diplomou-se, em 1902, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e sua tese de graduação foi orientada pelo grande sanitarista Oswaldo Cruz (1872-1917), no Instituto Soroterápico Federal, na fazenda de Manguinhos, intitulada “**Estudo Hematológico do Impaludismo**”, na qual estudou o ciclo evolutivo da malária na corrente sanguínea. Trabalhou nesse local e, sucedendo Oswaldo Cruz, dirigiu essa renomada instituição de pesquisa de 1917 a 1934. Foi o responsável pela criação de seções científicas independentes, separando-as por áreas de conhecimento, com o intuito de estabelecer uma divisão de trabalho e uma maior especialização. Assim, foram instaladas seções de Química Aplicada, Micologia, Bacteriologia, Zoologia,

Anatomia, Protozoologia, Fisiologia, além da ampliação de Cursos de Especialização, como o de Microbiologia.

Na área de produção, **Chagas** diversificou os medicamentos e produtos fabricados no Instituto de Manguinhos, estimulando sua comercialização e gerando renda, que revertia para a instituição. Lá foram produzidas a quina contra a malária, e a vacina antivariólica.

Em 1919, **Chagas** foi nomeado pelo o presidente Epitácio Pessoa (1865-1942) para a Diretoria Geral de Saúde Pública (DGSP), órgão que, no ano seguinte, passaria a ser chamado por Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), ligado ao Ministério da Justiça de Negócios Exteriores, e não deixando de acumular a função de diretor do Instituto de Manguinhos. Como diretor do DNSP buscou a erradicação das epidemias rurais, principalmente da malária, ancilostomose e tripanossomíase americana, além de elaborar uma política de ação referente à higiene pública.

Carlos Chagas foi um grande cientista e sanitarista. Combateu a malária, a leptospirose e doenças venéreas, mas se notabilizou ao descobrir o *Trypanosoma cruzi*, nome dado em homenagem ao seu amigo Oswaldo Cruz, e a tripanossomíase americana, que passou a ser conhecida como Doença de Chagas. Ele foi o primeiro e, até os dias atuais, permanece o único cientista na história da medicina a descrever completamente uma doença infecciosa: o patógeno, o vetor (*Triatominae*), os hospedeiros, as manifestações clínicas e a epidemiologia!!! **Carlos Chagas** foi indicado duas vezes (1913 e 1921) para receber o Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina, honra que justamente merecia, mas que não obteve, infelizmente!

Contudo, foi diversas vezes laureado com prêmios por instituições do mundo inteiro, recebendo o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade de Harvard e da Universidade de Paris. Em 1910, foi eleito membro titular da vetusta Academia Nacional de Medicina, tendo, *post-mortem*, a honra de ter sido escolhido como patrono da cadeira nº 86 desse insigne sodalício, assim como foi escolhido como patrono da cadeira nº 46 da egrégia Academia de Medicina de São Paulo.

Carlos Chagas faleceu aos 55 anos, de infarto do miocárdio, na cidade do Rio de Janeiro, em 8 de novembro de 1934.

Academia de Medicina de São Paulo

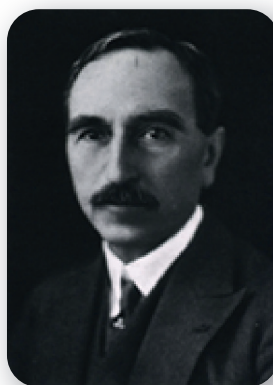


Indicado ao Nobel de Medicina em 1932

Membro correspondente estrangeiro

Ingresso antes de 1924

Marcel Labbé



1870-1939

Marcel Labbé nasceu em 4 de dezembro de 1870, em *Le Havre*, na região da Normandia, França. Foi professor de clínica médica no Hospital *Pitié* e no Hospital *Cochin*. Atuou também como professor de patologia geral, na Faculdade de Medicina de Paris (1925).

Foi eleito, em 1920, membro da Seção de Patologia da insigne Academia de Medicina da França.

Marcel Labbé foi autor de dezenas e dezenas de artigos científicos, bem como coautor, ao lado do professor da Faculdade de Medicina de Paris, Fernand Jules Félicien Bezançon (1868-1948), do “*Traité d’Hématologie*” (1904). Foi também autor do livro “*Le Sang: Physiologie Générale*” (1902) e o editor do “*Tratado de Educação Física*” (1930).

Marcel Labbé faleceu em Paris, aos 68 anos, em 29 de maio de 1939.

Academia de Medicina de São Paulo



Indicado ao Nobel de Medicina em 1928 e 1930

Membro correspondente estrangeiro

Ingresso antes de 1924

Mariano Patrizi



1866- 1935

Mariano Luigi Patrizi, mais conhecido por **Mariano Patrizi** ou simplesmente **Patrizi**, nasceu em Recanati, na província de Maserata, Itália, aos 23 de setembro de 1866.

Graduou-se em medicina, em Roma, em 1890, e tornou-se, em Turim, assistente extraordinário do laboratório de fisiologia regido pelo renomado fisiologista Angelo Mosso (1846-1910), inventor da primeira técnica de neuroimagem.

Mariano Patrizi estudou as oscilações diárias do trabalho muscular em relação à temperatura corporal (1891), bem como se dedicou à relação entre atividade cerebral e o trabalho muscular.

Lecionou nas universidades de Ferrara, Sassari e seguiu para Modena, onde atuou como professor de fisiologia e tornou-se, em 1897, diretor do

Instituto de Fisiologia. Posteriormente, retornou a Turim, onde sucedeu na universidade a Cesare Lombroso (1835-1909), renomado psiquiatra, criminologista e antropólogo.

Patrizi ficou conhecido também pelos seus estudos em psicologia do trabalho, assim como no campo da antropologia criminal e da medicina forense.

Mariano Luigi Patrizi faleceu em Bolonha, em 9 de setembro de 1935, duas semanas antes de completar 69 anos.

Academia de Medicina de São Paulo



Indicado ao Nobel de Medicina em 1946, 1951 e 1953
Membro correspondente nacional
Ingresso antes de 1926

Manoel de Abreu



1894-1962

Manoel Dias de Abreu, mais conhecido por **Manoel de Abreu**, nasceu na cidade de São Paulo, em 4 de janeiro de 1894. Matriculou-se com apenas 15 anos na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se diplomou aos 21 anos, em 1913, com a tese intitulada “**Natureza Pobre**”, que tratava da interferência do clima tropical sobre a civilização, sendo possivelmente influenciado pela obra “Os Sertões”, de Euclides da Cunha (1866-1909).

Fez diversos estágios de aprimoramento na França, com expoentes da medicina de sua contemporaneidade, onde permaneceu por oito anos. Salienta-se que foi assistente (1917-1918) do professor Maingot, chefe de radiologia do *Hôpital Laennec*, ocasião em que se aperfeiçoou na radiologia pulmonar e desenvolveu a densimetria – mensuração das diferentes densidades. Nesse mesmo hospital visualizou, pela primeira vez, na fotografia do écran fluorescente, o meio de realizar o exame do tórax em larga escala e a baixo custo para detectar a tuberculose pulmonar.

Na década de 1920, **Manoel de Abreu** desenvolveu estudos sobre a formação da imagem, que resultaram na radiogeometria. Em 1921, publicou uma obra pioneira sobre a interpretação radiológica das lesões pulmonares chamada *Le Radiodiagnostic dans la Tuberculose Pleuro-Pulmonaire*.

Ao retornar ao Brasil, em 1922, deparou-se com uma epidemia de tuberculose no Rio de Janeiro e, em 1924, realizou uma segunda tentativa de obter a fotografia do écran, mas também sem sucesso. Em 1936, em decorrência dos aprimoramentos dos aparelhos fotográficos, **Manoel de Abreu** conseguiu obter a radiofotografia do écran fluoroscópico, o que representou o surgimento da “radiologia social” – o diagnóstico precoce das moléstias torácicas longamente sonhado, sendo o primeiro aparelho instalado no Hospital Alemão do Rio de Janeiro, em maio daquele ano. O método era muito sensível, com especificidade razoável, de baixo custo operacional e permitia a realização de um grande número de exames num curto espaço de tempo.

A fluorografia foi também adotada como recurso na luta contra a tuberculose em diversas cidades do Brasil, da América do Sul, dos Estados Unidos da América (EUA) e da Europa. Em maio de 1939, foi proposto por Ary Miranda, presidente do 1º Congresso Nacional de Tuberculose, a utilização do nome “Abreugrafia” para identificar o método criado por **Manoel Dias de Abreu**. Posteriormente, em 1958, Ademar de Barros, então prefeito de São Paulo, determinou que as repartições públicas da Prefeitura adotassem o termo “Abreugrafia” e instituiu o dia 4 de janeiro, data de nascimento de **Manoel de Abreu**, como o “Dia da Abreugrafia”.

Manoel de Abreu publicou diversos artigos sobre sua técnica em periódicos nacionais e internacionais como “*Collective Fluorography*”, no *Radiology*; e “*Processus and Apparatus for Roentgenphotography*”, no *The American Journal of Roentgenology and Radium Therapy* (AJR), ambos em 1939.

Foi o primeiro presidente (1930) da Sociedade Brasileira de Radiologia e Eletrologia, tendo ocupado este cargo também em outras ocasiões (1932 e 1944). Outrossim, presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro (1940-1941) e a Sociedade Brasileira de Tuberculose.

Realizou inúmeras conferências médicas no Brasil, Argentina, Uruguai, EUA, França, Alemanha, Itália e Suécia, e foi membro de mais de 43 associações médicas e acadêmicas, brasileiras e estrangeiras. Recebeu o título de membro honorário da Sociedade Alemã de Radiologia (1940) e do *American College of Radiology* (1945).

Foi agraciado com várias homenagens e honorarias como a medalha Cardoso Fontes da Sociedade Brasileira de Tuberculose; a medalha de ouro – Médico do Ano – do *American College of Chest Physicians* (1950); o diploma

de Honra ao Mérito Médico da *Academy of Tuberculosis Physicians* (1950); a medalha de ouro do Colégio Inter-Americano de Radiologia (Peru, 1958); a de cavaleiro da Legião de Honra da França; a da Associação Argentina de Radiologia; a Clemente Ferreira; a Grã-Cruz da Ordem do Mérito Médico no Brasil; e a do Valor Cívico do Governo do Estado de São Paulo.

A importância da obra de **Manoel de Abreu** também levou à criação da Sociedade Brasileira de Abreugrafia, em 1957, e à publicação da Revista Brasileira de Abreugrafia. Além de diversos trabalhos científicos publicados em revistas estrangeiras, escreveu ensaios filosóficos, tais como: “**Não Ser**” (1924); “**Meditações**” (1936); “**Mensagem Etérea**” (1945), além de obras poéticas como “**Substância**” (1928), ilustrada por Di Cavalcanti (1897-1976), e “**Poemas sem Realidade**”, que ele mesmo ilustrou.

Manoel Dias de Abreu destacou-se por sua valiosa contribuição à profilaxia da tuberculose; revolucionou os métodos da pesquisa radiológica; criou e aperfeiçoou vários aparelhos e métodos de exames; e traçou novos caminhos para a radiografia pulmonar, do coração e do mediastino. Foi indicado três vezes ao Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina!

Faleceu em decorrência de um câncer de pulmão, aos 68 anos, na cidade do Rio de Janeiro, em 30 de janeiro de 1962, tendo sido enterrado na cidade de São Paulo.

Em 16 de abril de 1964, pouco mais de dois anos após a sua morte, foi eleito patrono da cadeira nº 84 da insigne Academia Nacional de Medicina. Seu nome é também honrado como patrono da cadeira nº 37 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

Academia de Medicina de São Paulo



Indicado ao Nobel de Medicina em 1926

Membro correspondente estrangeiro

Ingresso antes de 1927

Pierre Delbet



1861-1957

Pierre Delbet, mais conhecido apenas por **Delbet**, nasceu aos 15 de novembro de 1861, em *La Ferté-Gaucher*, uma comuna francesa localizada na região administrativa da *Île-de-France*, no departamento Sena e Marne.

Graduou-se médico em 1889, dedicou-se à cirurgia e, em 1909, tornou-se professor de clínica cirúrgica em Paris. Galgou a condição de membro da insigne Academia de Medicina da França, em 1921.

Delbet é lembrado por sua defesa do cloreto de magnésio. Durante a I Guerra Mundial, estudava uma solução que pudesse ser usada para limpar e tratar feridas sem causar os malefícios de outros antissépticos em voga. Em 1915, descobriu que o cloreto de magnésio era útil como um antisséptico e também inofensivo para os tecidos do corpo. Casualmente, descobriu que,

quando a solução de cloreto de magnésio era ministrada por via oral ou intravenosa, agia como um medicamento para outras doenças.

Também acreditava que o magnésio era benéfico para a eficiência dos glóbulos brancos, sobre os quais ele descreveu em seu tratado ***“Politique Préventive du Cancer: Cytophylaxie”*** (1944, com diversas edições).

Delbet escreveu diversos trabalhos, e são também de sua lavra os livros: ***“Des Suppurations Pelviennes chez la Femme”*** (1891); ***“Traité de Chirurgie Clinique et Opératoire”*** (em coautoria e em 30 volumes, 1896); ***“Traumatismes, Infections, Troubles Vasculaires et Trophiques Cicatrices”*** (diversas edições); ***“Affections Chirurgicales Des Artères”*** (diversas edições); ***“La Science et la Réalité”*** (diversas edições); ***“Méthode de Traitement des Fractures”*** (1916); ***“Sels Halogénés de Magnésium et Cancers”*** (1928); ***“Scenes de la Vie Medicale”*** (1942); ***“L’Agriculture et la Santé”*** (1946); e ***“Le Caractère de Pascal”*** (1947).

Pierre Delbet faleceu, em 17 de julho de 1957, aos 95 anos.

Academia de Medicina de São Paulo



Indicado ao Nobel de Medicina em 1934

Membro correspondente nacional

Ingresso antes de 1927

Antônio Cardoso Fontes



1879-1943

Antônio Cardoso Fontes, mais conhecido por **Cardoso Fontes**, nasceu aos 6 de outubro de 1879, em Petrópolis (RJ), e graduou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1902, defendendo, sob a orientação de Oswaldo Cruz (1872-1917), a tese “**Vacinação e Soroterapia Antipestosas**”. Trabalhou como inspetor sanitário dos Serviços de Profilaxia da Febre Amarela, combatendo-a em São Luiz (MA). Aí também organizou os serviços de saúde pública.

Dedicou-se à pesquisa em Manguinhos (RJ), particularmente sobre a possibilidade da existência de formas filtráveis do *Mycobacterium tuberculosis*, o agente etiológico da tuberculose. Notabilizou-se em estudos sobre a tuberculose e a forma granular do bacilo como manifestação de sua ação patogênica. Em 1934, foi nomeado diretor do Instituto Oswaldo Cruz em substituição a Carlos Chagas (1879-1934), que havia recentemente falecido. Diri-

giu esse renomado centro de pesquisas de 1934 a 1942. Em 1936, participou da criação da Faculdade de Ciências Médicas do Rio de Janeiro, tornando-se professor de microbiologia e seu primeiro diretor.

Cardoso Fontes foi eleito, em 1927, membro titular da Academia Nacional de Medicina, ocasião em que apresentou a monografia: “**Formas Filtráveis Saprofíticas e Ácido-Resistentes do Bacilo de Koch: Sua Importância na Patogenia e Profilaxia da Tuberculose**”. Seu nome é honrado *post-mortem* como patrono da cadeira nº 70 desse vetusto sodalício.

Antônio Cardoso Fontes foi indicado, em 1934, a receber o Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina. Faleceu com 63 anos, na cidade do Rio de Janeiro, em 27 de março de 1943.

Academia de Medicina de São Paulo



Indicado ao Nobel de Medicina em 1923 e 1924

Membro correspondente estrangeiro

Ingresso antes de 1929

Anatole Chauffard



1855-1932

Anatole Marie Émile Chauffard, mais conhecido por **Anatole Chauffard** ou simplesmente **Chauffard**, nasceu em 22 de agosto de 1855, em Avignon, França, e se graduou médico em 1882.

Galgou, em 1907, a condição de professor de medicina interna da renomada Faculdade de Paris e, em 1911, tornou-se catedrático de clínica no *Hospital Saint-Antoine*.

Chauffard destacou-se por seu trabalho na doença hepática e por sua pesquisa fisiopatológica na esferocitose hereditária.

Seu nome é epônimo das seguintes enfermidades: “Doença de Minkowski-Chauffard”: anemia hemolítica congênita com esferocitose, esplenomegalia e icterícia. Nesta enfermidade seu nome foi associado ao fisiologista alemão Oskar Minkowski (1858-1931); e “Síndrome de Troisier-Hanot-Chauffard”: cirrose hipertrófica com pigmentação da pele e diabetes mellitus. Esta doen-

ça também é por vezes denominada de hemocromatose primária, diabetes de bronze, cirrose pigmentar ou doença de sobrecarga de ferro. Nesta síndrome seu nome figura ao lado dos afamados franceses Victor Charles Hanot (1844-1896), clínico, e Charles Emile Troisier (1844-1919), cirurgião.

Chauffard foi membro da insigne *Académie de Médecine* e dentre os livros que deixou salientam-se: “*Clinique Médicale de Saint-Antoine*” e “*Leçons Sur La Lithiase Biliaire*”.

Anatole Marie Émile Chauffard faleceu em 1º de novembro de 1932, contando com 77 anos.

Academia de Medicina de São Paulo



Indicado ao Nobel de Medicina em 1947, 1951 e 1952

Membro correspondente estrangeiro

Ingresso antes de 1954

Jacques Charpy



1900-1957

Jacques Charpy nasceu no ano de 1900 e foi um renomado médico francês. Especializou-se em dermatologia e dedicou-se à carreira universitária, galgando a condição de professor nas Faculdades de Medicina de Marselha e de Lyon.

Pertenceu a diversas entidades. Em 1957, foi honrado pelos seus alunos e amigos com a confecção de uma medalha, na qual foi gravado, em alto relevo, o perfil de seu rosto e busto.

Foi o editor da obra "*Accidents Therapeutiques en Dermatologie*".

Jacques Charpy foi indicado três vezes a receber o Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina. Faleceu no ano de 1957.

Academia de Medicina de São Paulo



Indicado ao Nobel de Medicina em 1937, 1943 e 1951

Membro correspondente estrangeiro

Ingresso antes de 1954

Nicola Pende



1880-1970

Nicola Pende, mais conhecido simplesmente por **Pende**, nasceu aos 21 de abril de 1880, em Noicattaro, na região da Puglia, na província de Bari, na Itália. Graduou-se em medicina na Universidade de Roma e se especializou em endocrinologia, tornando-se conhecido nessa área. Investigou a importância das glândulas secretoras internas na determinação da constituição humana. Contudo, apoiou a endocrinologia para políticas eugênicas e demográficas do regime fascista, ao qual se juntou.

Dedicou-se à carreira universitária e, de 1907 a 1924, lecionou nas universidades de Bolonha, Messina e Cagliari. Em 1925, tornou-se o primeiro reitor da Universidade Adriática Benito Mussolini. Fundou, no ano seguinte, em Gênova, o Instituto de Biotipologia Individual e Ortogênese, transferido para Roma em meados da década de 1930.

Pende presidiu, em 1937, a Seção de Eugenia do Conselho Nacional de Pesquisas da Itália e, no ano seguinte, participou do desenvolvimento da política racial, na reunião anual da Sociedade Italiana para o Progresso da Ciência. Não se opunha à campanha racial, mas tencionava colocar o racismo sob a égide de suas teorias. Suas posições científicas incluíam uma expressão diferente do racismo vigente.

Com a proclamação da República Social Italiana, em 1943, de índole fascista, **Pende** foi convidado para ocupar posições de prestígio no governo, mas declinou-as, preferindo, posteriormente, se refugiar dentro da Basílica de São Paulo fora dos muros.

Findada a II Guerra Mundial, o Tribunal de Recurso de Roma excluiu a responsabilidade de **Pende** na promulgação de leis raciais. **Nicola Pende** ainda lecionou no Instituto de Patologia Médica da Universidade de Roma até 1955, quando atingiu os limites de idade.

Dentre as obras que escreveu têm-se: *“Manuale di Antropologia Pedagogica per Medici ed Educatori: Basato sull’Anatomo-Fisiologia della Crescenza, Metodo Auxologico”* (em coautoria, 1926); *“Trattado Sintetico di Patologia e Clinica Medica”* (em três volumes, 1927); *“Terapia Medica Speciale”* (1932); *“Bonifica Umana Nazionale e Biologia Politica”* (1933); *“Endocrinologia, Patologia e Clinica degli Organi a Secrezione Interna”* (em dois volumes, 1934); *“Crescenza e Ortogenesi”* (1936); *“Scienza Dell Ortogenesi”* (1939); *“Trattato di Biotipologia Umana Individuale e Sociale”* (1939); e *“La Ciencia Moderna de La Persona Humana”*.

Nicola Pende foi indicado três vezes ao Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina. Em 1961, foi agraciado com a medalha de ouro do Mérito à Saúde Pública. Faleceu com 90 anos, em Roma, em 8 de junho de 1970.

Academia de Medicina de São Paulo



Indicado ao Nobel de Medicina em 1943, 1947, 1948, 1949, 1950, 1951, 1952 e 1953

Membro honorário

Ingresso antes de 1954

Ugo Cerletti



1877-1963

Ugo Cerletti nasceu aos 26 de setembro de 1877, em Conegliano, na região de Vêneto, Itália, e estudou medicina em Roma e em Turim. Especializou-se em neurologia e neuropsiquiatria com renomados neurologistas de sua época. Em Paris, estagiou com Pierre Marie (1853-1940) e Ernest Dupré (1862-1921); na Alemanha, em Munique, com Emil Kraepelin (1856-1926), considerado o «pai» da moderna psiquiatria científica; Alois Alzheimer (1864-1915), o descobridor da demência senil, que hoje leva seu nome; e, em Heidelberg, com Franz Nissl (1860-1919), neuropatologista.

Foi diretor do Instituto Neurobiológico, no Instituto de Doenças Mentais de Milão. Contudo, dedicou-se à carreira universitária, tornando-se, em 1924, docente de neuropsiquiatria na Universidade de Bari e, em 1928, sucedeu o professor Enrico Morselli (1852-1929) na Universidade de Gênova, até que, em 1935, tornou-se catedrático do Departamento de Doenças Mentais e Neurológicas da Universidade de Roma, *La Sapienza*. Aí desenvolveu o método de choque eletroconvulsivo, inicialmente em animais e depois em humanos, para o tratamento de diversas doenças mentais, tornando-se mundialmente afamado. Ele usou um aparelho de eletrochoque para provocar de forma confiável ataques epiléticos repetidos em cães e em outros animais. A ideia de usar o eletrochoque para acalmar pacientes mentais lhe ocorreu enquanto observava porcos serem anestesiados com choques elétricos antes de serem sacrificados no matadouro de Roma.

Ugo Cerletti utilizou o eletrochoque pela primeira vez, em 1938, num paciente esquizofrênico, com alucinações e confusão mental, em colaboração com o professor de psiquiatria Lucio Bini (1908-1964). Uma série de eletrochoques foi capaz de proporcionar ao paciente um estado mental aparentemente normal. Com o tempo verificou que o eletrochoque era muito útil também na terapia de pacientes com esquizofrenia aguda, psicose maníaco-depressiva, depressão maior, dentre outras patologias mentais.

Publicou 113 artigos científicos que, em linhas gerais, abordaram sobre as seguintes áreas: patologia das placas senis observadas na Doença de Alzheimer; estrutura da neuroglia; barreira hematoencefálica e neurosífilis, dentre outras.

Ugo Cerletti recebeu inúmeros prêmios e reconhecimentos, destacando-se, em 1950, o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade de Paris (Sorbonne) e da Universidade de Montreal. Foi indicado oito vezes ao Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina.

Faleceu aos 85 anos, em 25 de julho de 1963, na cidade de Roma.

Academia de Medicina de São Paulo

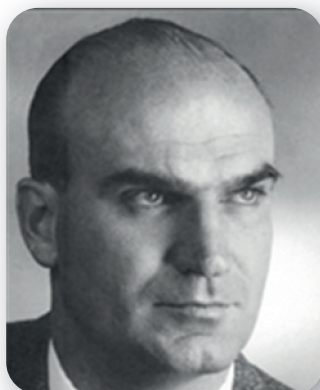


Indicado ao Nobel de Medicina três vezes¹

Membro correspondente estrangeiro

Ingresso antes de 1954

Roberto Caldeyro-Barcia



1921-1996

Roberto Caldeyro-Barcia, mais consagrado por **Caldeyro-Barcia**, nasceu aos 26 de setembro de 1921, em Montevideu, Uruguai, e se graduou, em 1947, na Faculdade de Medicina da Universidade da República do Uruguai. Aí se dedicou à pesquisa em fisiologia e à carreira universitária, galgando todos os postos: instrutor (1942-1947); professor assistente (1948); professor associado (1950); chefe do Departamento de Fisiologia Obstétrica (1959); e professor de fisiologia, cargo que exerceu até 1965.

Ainda como estudante, em 1947, trabalhou junto com seu professor de obstetrícia Hermógenes Álvarez Bengoa (1905-1984), estabelecendo juntos, pioneiramente, um sistema de rastreamento para monitorar a pressão amniótica intrauterina durante a gravidez e o trabalho de parto. Foi o pri-

¹ Nota: O arquivo oficial de indicações ao Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina está divulgado apenas de 1901 a 1953. Disponível no endereço eletrônico: <https://www.nobelprize.org/nomination/archive/>

meiro registro da quantificação da atividade uterina durante a gravidez e parto, graduando-a em “Unidades Montevideú”, padrão que se tornou mundial.

Caldeyro-Barcia registrou, em 1950, pela primeira vez, a pressão intra-amniótica em diferentes partes do útero durante o trabalho de parto, definindo o padrão de contratilidade uterina normal como um “gradiente descendente triplo”.

Em 1958, **Caldeyro-Barcia** e Hermógenes Alvarez desenvolveram um método para medir o efeito das contrações uterinas na frequência cardíaca fetal, que, posteriormente, se tornaria a base do monitoramento fetal, exame que visa prevenir danos neurológicos em decorrência da privação de oxigênio no feto.

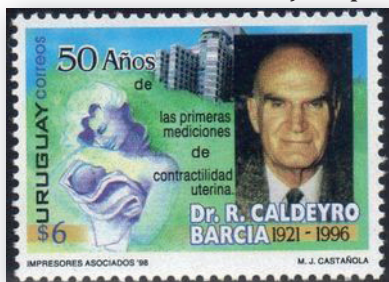
Em 1969, **Caldeyro-Barcia** e sua equipe estudaram drogas supressoras do trabalho de parto prematuro que, além de evitar cirurgias desnecessárias, superavam cerca de 70% das complicações secundárias nessas circunstâncias.

Caldeyro-Barcia foi diretor do Departamento de Fisiologia Obstétrica do Hospital Pereira Rosse e diretor do primeiro Centro Latino-Americano de Perinatologia, criado em Montevideú, pela Organização Pan-Americana da Saúde, em 1970. Essa instituição tornou-se referência no treinamento de médicos não somente latino-americanos, mas também de outros países: Estados Unidos da América, Espanha, Suíça, Suécia, Alemanha e Japão.

Juntamente com Edward Hon, Stanley James e Erich Saling fundou, em 1973, o *Journal of Perinatal Medicine*, sendo seu editor, cargo que desempenhou até o seu falecimento.

Dentre outras funções relevantes que exerceu têm-se: presidente da Federação Internacional de Ginecologia e Obstetrícia (1976-1979) e presidente do Congresso Mundial dessa entidade, em Moscou (1979); e cofundador da Associação Mundial de Medicina Perinatal (Tóquio, 1991).

Após a sua aposentadoria, como professor universitário, foi convidado pelo governo do Uruguai para dirigir um Programa de Desenvolvimento das Ciências Básicas, função que ocupou de 1984 a 1996.



Caldeyro-Barcia foi galardoado com o título de *Doutor Honoris Causa* da Universidade de Santiago de Compostela (1978) e recebeu mais de 300 prêmios, dentre os quais o Prêmio Abraham Horwitz (1984). Teve três vezes indicação ao Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina!!!

Roberto Caldeyro-Barcia faleceu em 2 de novembro de 1996, com 75 anos. Em sua homenagem, o Correio do Uruguai emitiu um selo com sua efígie, por ocasião de seu falecimento. Seu nome é honrado *post-mortem* no “Prêmio Roberto Caldeyro-Barcia em Medicina Fetal”, concedido no Congresso Global de Saúde Materna e Infantil, em Barcelona, Espanha.

Academia de Medicina de São Paulo



Indicado ao Nobel de Medicina 11 vezes¹

Membro correspondente estrangeiro

Ingresso em 1957

Jose Froimovich Schejter



Jose Froimovich Schejter, mais conhecido por **Jose Froimovich**, foi professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Valparaíso, no Chile. Dedicou-se, particularmente, à gerontologia e foi presidente da Sociedade Chilena de Gerontologia, além de ter sido indicado 11 vezes ao Prêmio Nobel de Medicina!

Renomado pesquisador, pertenceu a diversas entidades, dentre as quais a Sociedade Científica do Chile.

Dotado também da arte de escrever, **Jose Froimovich** deixou diversas obras publicadas, algumas com várias edições, dentre as quais citam-se: ***“Infección Focal: Su Aspecto Médico y Odontológico”*** (1950); ***“Arterioesclerosis: Estudio Clínico Experimental”*** (1952); ***“Lipotropismo y Vejez: Estudio Clínico-Experimental”*** (1958); ***“Tratado Integral de Gerontología”*** (dois volumes, 1973); ***“Para Vivir Toda la Vida”*** (1976); ***“Lucha Contra la Vejez”*** (1978); ***“Dar Más Años a la Vida”*** (1979); ***“Causas de la Vejez”*** (1981); ***“Aspectos Medicos y Clinicos de la Vejez”***, dentre outras.

¹ Nota: O arquivo oficial de indicações ao Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina está divulgado apenas de 1901 a 1953. Disponível no endereço eletrônico: <https://www.nobelprize.org/nomination/archive/>

Academia de Medicina de São Paulo

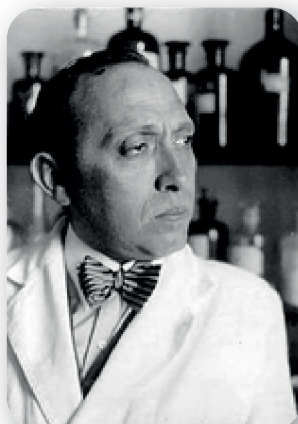


Indicado ao Nobel de Medicina em 1929, 1930, 1931, 1932, 1933, 1934, 1935, 1936, 1937, 1938, 1940, 1952 e 1953

Membro honorário

Ingresso antes de 1966

Bernhard Zondek



1891-1966

Bernhard Zondek, mais conhecido por **Zondek**, foi um judeu nascido em 29 de julho de 1891, em Wronki, cidade então pertencente à Alemanha, hoje, Polônia. Graduou-se em medicina em Berlim, em 1919, e fez estágio na clínica ginecológica do Hospital Berlin Charité, especializando-se em obstetrícia e ginecologia.

Seu irmão mais velho, Hermann Zondek (1887-1979), foi professor da Universidade de Berlim e um dos pioneiros da endocrinologia moderna.

Zondek dedicou-se ao ensino, tornando-se professor, em 1916, e, em 1929, galgou a condição de chefe da enfermagem de obstetrícia e ginecologia no Hospital Municipal de Berlim-Spandau, sendo demitido em 1933,

quando os nazistas assumiram o poder. Em 1934, emigrou para a Palestina, onde se tornou professor de obstetrícia e ginecologia na Universidade Hebraica de Jerusalém, bem como chefe de obstetrícia e ginecologia no Hospital Hadassah.

Zondek acreditava na interdependência das glândulas endócrinas sob o controle da hipófise, e seus estudos na interação hipófise-ovariana reforçaram suas suposições. Nesse campo deixou escrito o livro: “*Die Hormone des Ovariums und des Hypophysenvorderlappens: Untersuchungen zur Biologie und Klinik der Weiblichen Genitalfunktion*”. Ademais, ele descobriu que o tecido coriônico da placenta tinha capacidade de produção hormonal, sendo importante para o diagnóstico e tratamento da mola hidatiforme e do coriocarcinoma.

Juntamente com o ginecologista Selmar Aschheim (1878-1965), em trabalhos com camundongos, no estudo da gonadotrofina coriônica humana, desenvolveu pela primeira vez, em 1928, um teste de gravidez confiável. Esse teste ficou conhecido como Teste de Aschheim-Zondek ou teste A-Z, que em variações posteriores utilizou coelhos e anfíbios.

Foi galardoado com o Prêmio Solomon Bublick, da Universidade Hebraica de Jerusalém (1956), e o Prêmio Israel em Medicina (1958). Ademais, foi indicado 13 vezes ao Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina!

Zondek presidiu a Academia de Medicina de Jerusalém e aposentou-se de suas funções de professor e de médico, em 1961, falecendo alguns anos depois, em Nova Iorque, em 8 de novembro de 1966, contando com 75 anos.

Academia de Medicina de São Paulo



Indicado ao Nobel de Medicina em 1938
Patrono da cadeira nº 81

Adolpho Lutz¹



1855-1940

Adolpho Lutz, mais conhecido simplesmente por **Lutz**, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, aos 18 de dezembro de 1855. Era filho Gustav Lutz e Matilde Oberteuffer. Graduou-se em medicina, na Universidade de Berna, Suíça, em 1879, ocasião em que apresentou a tese sobre “**Os Efeitos Terapêuticos do Quebracho**”. Nessa época, publicou seu primeiro artigo num periódico de Berna sobre a “Bronquite Fibrinosa”. Aprimorou seus conhecimentos em outras universidades: Leipzig (1877-1878), Estrasburgo (1878); Praga (onde fez estágio em ginecologia e obstetrícia); Viena (1880); Londres e Paris (1881).

¹ Nota: Adolpho Lutz, embora tivesse todos os predicados necessários, não pertenceu à Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo. Seu nome está unido a esse centenário sodalício, pois, após a reforma estatutária de 2004, passou a ser honrado como patrono da cadeira nº 81. Esse Estatuto foi registrado no 2º Cartório de Registro de Títulos e Documentos, sob o nº 80.287, e Registro Civil de Pessoa Jurídica, nº 65.239, em 10 de dezembro de 2004.

Em 1882, tentou se estabelecer em Petrópolis, como clínico, mas acabou optando por Limeira (SP), para aonde mudara sua irmã Helena. Conquistou grande reputação e passou a ser chamado a lugares distantes, assim como a ser consultado por pacientes de cidades vizinhas. Aí permaneceu até 1885, quando viajou para Hamburgo, para trabalhar em uma clínica fundada por Paul Gerson Unna (1850-1929), renomado dermatologista alemão, com quem fez estudos sobre germes relacionados a doenças dermatológicas, principalmente a lepra.

Regressou ao Brasil, em 1886, e retomou a clínica na capital paulista e, em 1887, dando continuidade aos seus estudos sobre a lepra, passou uma curta temporada no Hospital de Lázaros, na cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal. Neste mesmo ano foi indicado por Unna para ir à Ilha de Molokai, no leprosário recém-instalado, e aplicar sua terapêutica. Nessa ilha conheceu Amy Marie Gertrude Fowler, enfermeira inglesa voluntária, destacada particularmente pelo destemor com que entrava em contato com os leprosos, e com quem se casou, em 1891, e de cujo matrimônio nasceram dois filhos: Bertha e Gualter. Depois disso, **Lutz** trabalhou por um período na Califórnia (EUA), antes de retornar ao Brasil, em 1892.

Em 1893, foi nomeado subdiretor do Instituto Bacteriológico de São Paulo, que, posteriormente, em sua homenagem, viria a ser chamado Instituto Adolfo Lutz². Nessa instituição tornou-se a alma, o cérebro e seu maior protagonista, galgando, ainda em 1893, a condição de diretor interino, sendo efetivado no cargo somente em 1895, função que exerceu por 15 anos.

A cidade de Santos sofreu uma severa epidemia de peste bubônica, e **Lutz** foi trabalhar com outros dois jovens médicos brasileiros, Emílio Ribas (1862-1925) e Vital Brazil (1865-1950). **Lutz** e Brazil tornaram-se amigos, sendo que **Lutz** deu suporte às pesquisas pioneiras de Vital Brazil sobre antídotos de picadas de cobra, contribuindo decisivamente para a criação de outro instituto de ciência em São Paulo (Instituto Butantan), totalmente devotado a essa linha de pesquisa. Aliás, **Lutz** idealizou um laço para captura de serpentes!

Adolpho Lutz ingressou como membro honorário da vetusta Academia Nacional de Medicina, em 13 de novembro de 1899. Era o mais qualificado dentre os bacteriologistas brasileiros; com maior experiência; trabalhos publicados e relações com a comunidade científica internacional. Entre os episódios vivenciados por ele, dois foram particularmente intensos: o da cólera e o da febre tifoide.

² Adolpho Lutz, seu prenome oficial (com “ph”) foi mudado para Adolfo (com “f”), em 1940, na inauguração do Instituto Adolfo Lutz, nome dado ao antigo Instituto Bacteriológico de São Paulo.

Em 1908, já aposentado, transferiu-se para a cidade do Rio de Janeiro, no Instituto de Manguinhos, chefiado por Oswaldo Cruz (1872-1917), onde continuou pesquisando até o seu falecimento, em 6 de outubro de 1940, aos 84 anos.

Adolpho Lutz foi o primeiro cientista latino-americano a estudar e confirmar os mecanismos de transmissão da febre amarela pelo *Aedes aegypti*, uma espécie de mosquito que é um reservatório natural e o vetor dessa doença. Também foi o responsável pela identificação da blastomycose sul-americana. Ademais, participou de várias expedições pela região do rio São Francisco, Nordeste e Sul do país, a fim de pesquisar doenças e epidemias como a cólera, peste bubônica, febre tifoide, malária, ancilostomíase, esquistossomose, hanseníase e leishmaniose.



Outras de suas maiores realizações foram seu pioneirismo sobre a entomologia médica e as propriedades terapêuticas das plantas brasileiras. Como zoologista, ele descreveu várias espécies de anfíbios e insetos, como o *Anopheles lutzii*, uma espécie de mosquito. Deixou publicados diversos trabalhos sobre sua área de atuação.

Adolpho Lutz foi indicado, em 1938, ao Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina. Por ocasião do centenário de seu nascimento (1955) foi impresso, pelos Correios, um selo em sua homenagem. Seu nome é também honrado em três avenidas, respectivamente, nas cidades de Santos, Campinas e São José do Rio Preto, e uma rua na cidade de Santo André.

Referências Bibliográficas

Banco de Dados do Prêmio Nobel. <http://www.nobelprize.org/nomination/archive/list.php>.

Begliomini, Helio. Prógonos da Academia de Medicina de São Paulo. Expressão e Arte Gráfica, São Paulo, 2014, 431 páginas.

Begliomini H. Antigos Membros da Centenária Academia de Medicina de São Paulo. Expressão e Arte Gráfica, São Paulo, 2021, 334 páginas.

Pitella, José Eymard Homem. O Banco de Dados do Prêmio Nobel como Indicador da Internacionalização da Ciência Brasileira entre 1901 e 1966. História, Ciências, Saúde-Manguinhos 25 (nº 2) – abril/junho (Rio de Janeiro): 569-590, 2018. <https://doi.org/10.1590/s0104-59702018000200015>

Dados do Autor



“Ut in omnibus glorificetur Deus.”

Para que em tudo Deus seja glorificado.

Regra de São Bento, 480-543.

Helio Begliomini nasceu em 21 de março de 1955, na cidade de São Paulo. É filho de Alfio Begliomini e Olga Begliomini. Tem dois irmãos mais novos, Pedro e Silvana. É casado com Aida Lúcia Pullin Dal Sasso Begliomini; tem três filhos: Enrico, administrador; Bruno, médico; e Giovanna, publicitária; e seis netos: Lorenzo, Paola, Antonella, Valentino, Fiorella e Catarina.

Cursou o primeiro grau no Ginásio Santa Gema das Irmãs Passionistas (1962-1969) e o segundo grau, respectivamente, na Escola Estadual Jardim França – “Professora Amenaide Braga de Queiroz” (1º e 2º anos, 1970-1971), e na Escola Estadual Albino César (3º ano, 1972). Graduou-se médico, em 1978, pela Faculdade de Medicina de Jundiaí (SP), e exerce sua profissão, desde essa época, na cidade de São Paulo.

Como aluno, participou de Projeto Rondon médico-assistencial na cidade de Itu (SP, 1974) e foi monitor das seguintes disciplinas: fisiologia (março 1975 a junho 1977); clínica médica (março 1976 a julho 1977) e urologia (março a junho de 1978). Ainda na condição de acadêmico, foi um dos dois fundadores da revista científica **Perspectivas Médicas**, órgão oficial daquela instituição de ensino e até hoje em circulação. Em 1976 ocupou o cargo de vice-diretor (editor-associado) e, no ano seguinte, de diretor (editor), como quarto e quintanista.

De 1979 a 1982 especializou-se em urologia no Hospital do Servidor Público do Estado de São Paulo – Francisco Morato de Oliveira (HSPE-FMO), cumprindo um ano em cirurgia geral e dois em urologia. Fez também, no

período noturno (1979-1980), uma segunda especialização em medicina do trabalho pela Fundacentro – Fundação Jorge Duprat de Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho. Após a conclusão da residência em urologia, serviu durante um ano como oficial o Exército Brasileiro, designado para o Hospital Geral de São Paulo e obtendo a patente de 1º tenente médico.

Realizou programa de pós-graduação durante 2,5 anos no Serviço de Urologia do Hospital São Paulo da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (EPM – Unifesp), apresentando a tese **Contribuição ao Estudo dos Tumores do Testículo**, que lhe conferiu o título de “mestre em urologia”, no ano de 1984.

No início de 1986, cumpriu estágio profissional e cultural na Austrália, obtido por concurso através de bolsa de estudos da *Rotary Foundation*. Foi o único médico, dos cinco profissionais brasileiros selecionados, que integrou o *Group Study Exange* naquela ocasião.

Conquistou o 1º lugar no concurso para assistente do Serviço de Urologia do HSPE-FMO, em 1986, sendo médico dessa renomada instituição de ensino desde então, e onde também exerce a chefia do Departamento de Litíase Urinária e Endourologia, desde 1990. Pelos serviços prestados, em março de 2019, foi homenageado como paraninfo dos residentes que concluíram a formação na especialidade.

Helio Begliomini tornou-se membro de 53 entidades, das quais se destacam: Sociedade Brasileira de Urologia, Colégio Brasileiro de Cirurgiões, Associação Paulista de Medicina, Associação Médica Brasileira, Academia de Medicina de São Paulo, Academia Nacional de Medicina, *International College of Surgeons*, *International Society of Urologic Endoscopy*, *Confederación Americana de Urología*, *International Society for Impotence Research*, Associação Brasileira para o Estudo da Inadequação Sexual, *Société Internationale D’Urologie*, *Federación Latinoamericana de Cirugía*, Sindicato dos Médicos de São Paulo, Sociedade Brasileira de História da Medicina (sócio fundador), União Brasileira Contra as Doenças Venéreas, Associação Brasileira de Educação Médica, Associação Médica do Instituto de Assistência do Hospital do Servidor Público Estadual, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana, Associação Brasileira dos Docentes de Ética Médica, Sociedade Médica Ítalo-Brasileira, Sociedade Brasileira de Reprodução Humana, Sociedade Brasileira de Educação e Integração, Associação dos Ex-Alunos da Faculdade de Medicina de Jundiaí (sócio fundador), Centro de Estudos de Urologia do Hospital do Servidor Público do Estado de São Paulo (membro fundador), Sociedade Brasileira de Estudos Municipalistas e Rotary Club de São Paulo Tremembé.

Ingressou, em 1986, com apenas 31 anos, como membro titular da Academia de Medicina de São Paulo, e, desde 2002, é membro emérito dessa insigne e secular instituição paulista. Nela também tem atuado em diversas diretorias, nos cargos de 2º tesoureiro (2009-2010); comissão de patrimônio (2013-2014 e 2015-2016); diretor de comunicação (2017-2018 e 2019-2020) e vice-presidente (2021-2022). Tornou-se também membro emérito do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, em 2020.

Foi condecorado 64 vezes pelas seguintes entidades: Colégio Brasileiro de Cirurgiões (1986); Academia de Medicina de São Paulo (1986 e 1995); Academia Brasileira de Médicos Escritores (1989, 1997, 2001, 2003, três vezes em 2005; duas vezes em 2006; uma em 2008; três vezes em 2009; duas em 2010; duas em 2013; uma em 2014; uma em 2015; quatro em 2016; três vezes em 2017 por ocasião do 30º aniversário do sodalício; uma em 2019); Sociedade Brasileira de Estudos Municipalistas (1992 e 1996); Sociedade Brasileira de Educação e Integração (1992); Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Nacional (duas vezes em 1994; uma em 2001, 2002, 2003 e 2004; duas vezes em 2010 e uma em 2012); Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Regional de São Paulo (três vezes em 1995 e uma em 1996); Associação Paulista de Medicina (duas vezes em 1998); Academia Cristã de Letras (2000); Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Regional de Minas Gerais (2006); Ordem Nacional dos Escritores (2006); Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (duas vezes em 2007); Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias (2008; duas vezes em 2009; uma em 2010, 2011, 2012 e 2013); *Rotary International* (EUA, *Paul Harris Fellow*, 2010); e Academia Brasileira de Medalhística Militar (2012).

Como profissional, Helio Begliomini recebeu dez prêmios: Jornal Brasileiro de Medicina – 1º lugar, em 1986, com o trabalho **Avaliação do Material Promocional Farmacêutico Fornecido à Classe Médica**; Academia de Medicina de São Paulo – Menções Honrosas em 1988 e 1995; Associação Paulista de Medicina – Prêmio Felipe Baeta Neves (Urologia) em 1994, com o trabalho **Avaliação Metabólica de 190 Pacientes com Litíase Urinária**; Associação Paulista de Medicina – Prêmio José Almeida Camargo (Cultura Geral) em 1995, 1996, 1998 e 2003, respectivamente, com os seguintes trabalhos: **Contribuição à História da Endoscopia Urológica** (1995); **Tributo ao Saber Urológico. Origem e Trajetória** (1996); **Contribuição à História da Sociedade Brasileira de Urologia** (1998) e **Juscelino Kubitschek de Oliveira: Médico, Literato e Presidente da República. O Urologista-Cidadão Mais Famoso do Mundo!** (2003); Associação Paulista de Medicina – Honra ao Mérito pela contribuição prestada ao engrandecimento

da urologia paulista, em 1997; Prêmio Nacional de Casos Clínicos Omnic da Eurofarma, em 2000, recebendo duas estadias em Buenos Aires – Argentina, com o trabalho **Carcinoma *In Situ* Multifocal do Pênis**.

De 1982 a 1988 prestou serviços de assessor médico a três indústrias farmacêuticas multinacionais, contribuindo para o estudo de 75 produtos novos para o mercado brasileiro. Nesse período foi coeditor do Boletim Científico da Associação Brasileira de Médicos Assessores da Indústria Farmacêutica (Abmaif, 1984-1986) e membro do Conselho Assessor Científico do Jornal de Medicina Diagnóstica (agosto 1986 a março 1987).

Helio Begliomini foi um dos idealizadores e diretor clínico do Instituto de Medicina Humanae Vitae (Imuvi) por 31,5 anos (!), desde a sua fundação, em março de 1988, até setembro de 2019. Além desse centro médico, onde tem feito seu consultório desde a sua inauguração, também tem atuado em consultório, no bairro do Imirim, desde dezembro de 1979. Entre os vários hospitais em que já atuou ou tem atuado mais amiúde, encontram-se: Hospital 9 de Julho, Hospital Santa Catarina, Hospital São Camilo – Santana (Dom Silvério Gomes Pimenta), Hospital Nossa Senhora de Lourdes, Hospital San Paolo (Hospital e Maternidade Voluntários), Hospital e Maternidade São José, Hospital Bandeirantes, Hospital Santa Paula e Hospital Presidente. Colaborou, voluntariamente, como médico, com o Abrigo de Velhinhos Frederico Ozanan (1987-1995) e com doações (2000-2015) para a Fundação Gol de Letra, ambas instituições beneficentes localizadas na Zona Norte da cidade de São Paulo.

Desde acadêmico tem se atualizado em mais de 770 encontros profissionais distribuídos entre cursos, jornadas, fóruns, simpósios e congressos, e esteve na comissão organizadora de outros 24 eventos.

Helio Begliomini publicou 203 trabalhos científicos em revistas especializadas de circulação nacional e internacional; 413 capítulos em livros, assim como 848 artigos literários em diversos periódicos relacionados à medicina e mesmo fora dela. Elaborou 88 comentários editoriais concernentes a artigos científicos. Historiógrafo e memorialista, escreveu 705 biografias e 183 ementas biográficas, resgatando e divulgando a vida e a obra de ilustres personalidades, em sua maioria de descendentes de Hipócrates. Apresentou 236 trabalhos em congressos nas modalidades de temas livres, pôsteres e vídeos, e atuou em 150 mesas-redondas ou como conferencista. Teve seu nome como referência em mais de 1.780 citações médico-científicas e litero-culturais.

Ao longo de sua vida tem exercido mais de 180 cargos e funções, sendo a imensa maioria de forma graciosa e desprendida. Destacam-se dentre

eles: membro do corpo editorial do Jornal Brasileiro de Urologia (JBU, 1990-1997); urologista-perito convocado pelo Saúde Bradesco (1992); urologista-perito convocado pelo Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (Cremesp) por indicação da SBU – SP (1992 e 1999); membro do comitê editorial do Boletim da Urologia – órgão oficial da SBU nacional (1992-1993 e 1998-1999); membro da Câmara Técnica de Urologia do Cremesp (1994-1996 e 1999-2003); revisor de artigos urológicos para a revista da Associação Médica Brasileira (1995); editor-associado da revista Urologia Contemporânea (1999); membro do corpo de revisores de artigos do JBU (1995-1998); editor (1996-1997), membro do conselho editorial (2016-2017) e editor associado (2020-2021) do Boletim de Informações Urológicas – órgão oficial da SBU – SP; membro do conselho editorial da revista Próstata News (1996-1998); membro do corpo editorial do Jornal Brasileiro de Urovideio (1998-1999); presidente da Comissão de Ética Médica e Defesa Profissional da SBU (1997-1999; maio a julho de 2003, interino; e 2003-2005); membro do *consulting editors* do *Brazilian Journal of Urology* (2000-2002); editor-associado do Boletim da Urologia (2001-2005); membro do conselho científico da revista eletrônica Urologia Virtual – Urovirt da Unicamp (2002-2010); membro do conselho de economia da SBU nacional (2006-2007); coeditor do Boletim da Abrames (2010-2011 e 2012-2013); editor do Boletim *Doctor Line* do Imuvi (2010-2019); idealizador, coordenador e realizador do Projeto “Resgate da Memória dos Membros da Academia de Medicina de São Paulo” (2010-2014); e diretor de comunicação e editor do Asclépio (2017-2018, 2019-2020 e 2021-2022), boletim da Academia de Medicina de São Paulo.

Devido à sua ponderação e imparcialidade foi escolhido, pelos seus pares, para ser o presidente da comissão eleitoral dos acirrados pleitos de 2005 da SBU nacional e de 2008 da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (Sobrames) – sede nacional. Presidiu novamente a comissão eleitoral da Sobrames nacional em 2012 e 2016. Presidiu também o Rotary Club de São Paulo Tremembé durante dois mandatos: ano rotário 2011/2012, cujo lema mundial para esse período foi “*Conheça a Si Mesmo para Envolver a Humanidade*”, e ano rotário 2017/2018, cujo lema para esse período foi “*O Rotary Faz a Diferença*”. Dentre outros cargos que exerceu no Distrito 4430 do Rotary International destacam-se: instrutor distrital da Área VI, no ano rotário 2012/2013, cujo lema mundial era “*Paz Através do Servir*”; e governador assistente da Área V, no ano rotário 2016/2017, sob o lema mundial “*Rotary a Serviço da Humanidade*”. Recebeu, em 2017, o título de membro honorário do Rotary Club de São Paulo Mandaqui.

* * *

Do ponto de vista literário, seu nome artístico se confunde com seu nome próprio. Tem publicado artigos em diversos periódicos nacionais, interessando-se mais pelo gênero prosa, nas modalidades crônicas, ensaios, memórias, biografias, historiografias, necrológios e cartas.

Helio Begliomini é sócio fundador da Sobrames – SP (1988), tendo exercido vários cargos, dos quais se destacam: vice-presidente (1988-1990 e 1990-1992) e presidente (1992-1994; 2007-2008 e 2009-2010). Foi secretário-geral da Sobrames Nacional (1994-1996) e presidente (1998-2000). Foi o mais jovem a ocupar a presidência na história da Sobrames – SP (37 anos) e na história da Sobrames Nacional (43 anos).

Participou como escritor da 18ª (2004), 19ª (2006) e 20ª (2008) Bienal Internacional do Livro de São Paulo.

Em 2005 foi agraciado com a publicação de seu nome na renomada enciclopédia “*Who’s Who in the World*” e recebeu título honorífico do Distrito 4430 do *Rotary International*.

Helio Begliomini pertence também às seguintes entidades lítero-culturais: Academia Brasileira de Médicos Escritores (Abrames – titular fundador, desde 1989, da cadeira nº 33, sob a patronímica de Edgar Roquette-Pinto. Na ocasião, tinha apenas 34 anos e constituiu-se, até hoje, no mais jovem recipiendário desse sodalício); União de Médicos Escritores e Artistas Lusófonos (Umeal – sócio fundador, em 1993); Liga Sul-Americana de Médicos Escritores (Lisame – sócio fundador, em 1998); Academia Cristã de Letras (desde 2000 – cadeira nº 10 sob a patronímica de Marie Barbe Antoinette Rutgeerts Van Langendonck), onde exerceu o cargo de 1º tesoureiro em seis biênios consecutivos (2002-2003; 2004-2005; 2006-2007; 2008-2009; 2010-2011 e 2012-2013), bem como o de presidente (2020-2021); União Brasileira de Escritores (UBE, desde 2005); Ordem Nacional dos Escritores (ONE, desde 2005); Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (IHGGS – sócio efetivo desde 2007, sob a patronímica de Carlos da Silva Lacaz); Academia Virtual Brasileira de Letras (AVBL – membro efetivo desde 2009, sob a patronímica de Luciano Gualberto); Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias (membro titular efetivo da cadeira nº 38 desde 2009, sob a patronímica de João Peregrino Júnior); Academia Brasileira de Medalhística Militar (Abrammil – comendador, membro titular e fundador, desde 2012, da cadeira nº 50 sob a patronímica de Monteiro Lobato); Academia Tupãense de Letras, Ciências e Artes (Atleca – membro correspondente fundador desde 2013); Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (membro titular desde 2014); e Academia Paulista de História (membro titular desde 2018, da cadeira nº 34 sob a patronímica de Jaime Zuarde Cortesão).

Helio Begliomini foi presidente de honra do XVIII Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores realizado em Gramado (RS), de 28 a 31 de maio de 2000. Por ocasião desse evento recebeu dois significativos títulos: “Grande Amigo da Literatura e da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Regional do Rio Grande do Sul” e “Reconhecimento pelos Relevantes Serviços Prestados à Sobrames Nacional – Biênio 1998-2000”.

Em 18 de junho de 2001, por ocasião da inauguração da Galeria Fotográfica dos Presidentes da Sobrames Nacional no Recife – PE, recebeu o título de Membro Honorário da Sobrames Nacional.

Por ocasião das comemorações do Jubileu de Ouro da Sobrames, celebrado de 17 a 18 de abril de 2015, em Aracaju (SE), recebeu o título de Sócio Benemérito e diploma de Honra ao Mérito, por ser um dos mais antigos membros da entidade em atividade.

Helio Begliomini tem desempenhado funções de editor, editor-associado, membro de conselho editorial, de conselho de revisores e congêneres de revistas científicas e lítero-culturais.

Recebeu 126 prêmios em concursos literários, destacando-se entre eles o prêmio Clio de História da Academia Paulistana da História (2004, 2006, 2007 e 2008); prêmio Manoel Antônio de Almeida, maior comenda da Academia Brasileira de Médicos Escritores (Abrames), pelo conjunto de sua obra (2007); prêmio Aldo Miletto, pelo melhor desempenho do ano na Sobrames do estado de São Paulo (Sobrames – SP: 2007, 2008, 2009, 2011, 2012, 2014, 2015, 2016, 2018); prêmio Rodolpho Civile de assiduidade na Sobrames – SP (2009); prêmio Euclides da Cunha da Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias (2009); e prêmio e cidadania José Sérgio Pattini Filho, do Rotary Club de São Paulo Tremembé (2014). Ademais, foi honrado com uma moção de louvor da Câmara Municipal de Araruama (RJ, 2011); outra moção de congratulação e louvor da Câmara Municipal do Rio de Janeiro (RJ, 2013); além do prêmio Patronesse Francisca Prager Fróes pela divulgação da Abrames sem fronteiras e sua ativa atuação na preservação da memória desse sodalício (Abrames – RJ, 2015); e troféu Seminário Internacional Encontro das Américas de personalidade literária, pela União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro (2015). Em 2017, por ocasião do 127º aniversário do bairro do Tremembé, a Câmara Municipal de São Paulo, através da Prefeitura Regional do Jaçanã – Tremembé, prestou-lhe uma homenagem pela sua “inestimável colaboração para o desenvolvimento desse Distrito da zona norte da capital paulista”. Em 13 de março de 2018, a Câmara de Vereadores da Estância Turística de Itu, por autoria da vereadora Maria do Carmo Thomaz Piunti, concedeu-lhe uma moção de congratulação concernente à sua atuação literária.

Participou em mais de 500 tertúlias; possui trabalhos publicados em 32 Antologias e teve a honra de prefaciar 29 livros, constando, entre eles, um tratado de medicina da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Professa a fé católica e desde tenra idade tem participado de movimentos relacionados à sua comunidade religiosa, destacando-se: Congregação Mariana, Legião de Maria, Pastoral da Juventude, Curso Preparatório para o Matrimônio e Pastoral da Saúde, sendo médico responsável pelo ambulatório da Paróquia Nossa Senhora de Fátima do Jardim Tremembé (SP) desde 1979.

Helio Begliomini publicou os seguintes livros: 1. **Contribuição ao Estudo dos Tumores do Testículo** (1984); 2. **Pelo Averso** (1998); 3. **Ementário da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores** (1999); 4. **Tributo à Sobrames – 1965-2000** (dezembro/1999); 5. **Ultrapassando com Humildade os Umbrais da Academia Cristã de Letras** (2000); 6. **Galeria Fotográfica dos Presidentes da Sobrames Nacional** (2001), em coautoria com Luiz Alberto Fernandes Soares; 7. **A Sobrames Nacional e Seus Presidentes** (2001); 8. **Contraponto** (2002) – Prêmio Clio de História – 27ª edição (2004); 9. **Alvíssaras** (2003); 10. **Mistura Fina** (2004); 11. **Juscelino Kubitschek de Oliveira – Patrono da Sociedade Brasileira de Urologia** (2005) – Prêmio Clio de História – 29ª edição (2006) – Disponível também na página eletrônica da Sociedade Brasileira de Urologia: www.sbu.org.br; 12. **Urologia, Vida e Ética** (2006); 13. **Sonhar é Preciso** (2007); 14. **Academia Cristã de Letras – Tributo aos Quarenta Anos de História** (2007) – Prêmio Clio de História – 30ª edição (2007); 15. **Alçando Novos Ares** (2007); 16. **Academia Brasileira de Médicos Escritores – Vinte Anos de História** (2007) – Prêmio Clio de História – 31ª edição (2008), e selecionado dentre os “Livros do Ano” de 2008, pela Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias – categoria medalha de ouro; 17. **Dissecando a Vida** (2008); 18. **Sobrames Paulista – Compêndio dos seus Vinte Anos de História – 1988-2008** (2008), em coautoria com Marcos Gimenes Salun – Disponível também na página eletrônica da Sobrames do Estado de São Paulo: www.sobramespaulista.blogspot.com.br; 19. **Sobrames do Estado de São Paulo – Editoriais Presidenciais (Biênio 2007-2008) – Volume I** (2009); 20. **Asclepiades da Academia Paulista de Letras** (2009) – selecionado dentre os “Livros do Ano” de 2009, pela Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias – categoria medalha de ouro; 21. **Entressafra** (2010) – selecionado dentre os “Livros do Ano” de 2010, pela Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias – categoria medalha de ouro; 22. **Imortais da Abrames** (2010) – Disponível também na página eletrônica da Academia Brasileira

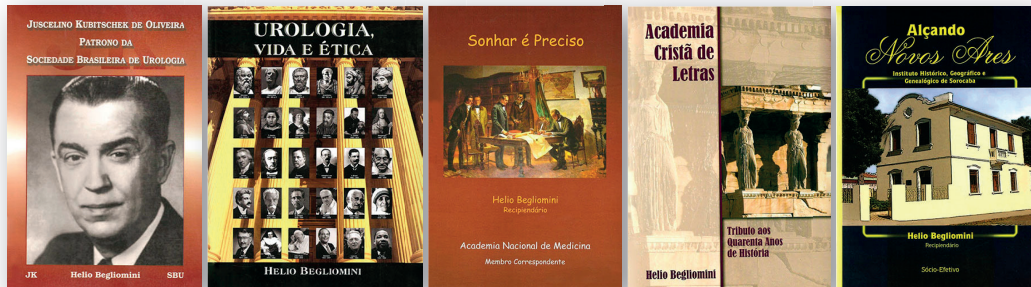
de Médicos Escritores: www.abrames.com.br; 23. **Sobrames do Estado de São Paulo – Editoriais Presidenciais (Biênio 2009-2010) – Volume II** (2011); 24. **Rotarismo: Fundamentos Ilustrados de uma Magnífica Instituição Centenária** (2011) – selecionado dentre os “Livros do Ano” de 2011, pela Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias – categoria medalha de ouro; 25. **7 de Março** (2012), em coautoria com Affonso Renato Meira e Guido Arturo Palomba – Disponível também na página eletrônica da Academia de Medicina de São Paulo: www.academiamedicinasaopaulo.org.br; 26. **Esculápios da Casa de Machado de Assis** (2012); 27. **Prógonos da Academia de Medicina de São Paulo** (2014) – Disponível também na página eletrônica da Academia de Medicina de São Paulo: www.academiamedicinasaopaulo.org.br; 28. **Matéria-Prima** (2014); 29. **Rotary Club de São Paulo Tremembé – Dezesesseis Anos de Interação e Serviços, Transformando a Vida Comunitária, em coautoria com Alan Tadeo Camera**; 30. **Presidentes da Casa de Luiz Pereira Barreto em seus 120 Anos (1895-2015) de Existência** (2015) – Disponível também na página eletrônica da Academia de Medicina de São Paulo: www.academiamedicinasaopaulo.org.br; 31. **Um Escritor que Virou Cidade** (2016); 32. **Rugas** (2017); 33. **Helio Begliomini em Prosa e Verso** (2018), editor Marcos Gimenes Salun – Disponível também na página eletrônica da Sobrames do Estado de São Paulo: www.sobramespaulista.blogspot.com.br – Memórias Literárias; 34. **Um Médico Entre Historiadores – Agradecendo a um Especial Convite de Clio** (2018); 35. **Entrelinhas** (2018); 36. **Memórias de um Caríssimo Ambulatório** (2019); 37. **Antigos Membros da Centenária Academia de Medicina de São Paulo** (2021) – Disponível também na página eletrônica da Academia de Medicina de São Paulo: www.academiamedicinasaopaulo.org.br; 38. **Mulheres Notáveis e Pioneiras na Área da Saúde do Brasil do Século XIX** (2021) – Disponível também na página eletrônica da Academia de Medicina de São Paulo: www.academiamedicinasaopaulo.org.br; 39. **Nobel e Prêmios Nobel da Academia de Medicina de São Paulo** (2021); e 40. **Marie Rennotte – Professora, Feminista, Médica, Humanista e Empreendedora – Primeira Mulher a Ingressar na Academia de Medicina de São Paulo!** (2021).

Seus livros encontram-se disponibilizados em acervos de diversas escolas, bibliotecas e entidades. Dentre elas têm-se, em **São Paulo**: bibliotecas Mario de Andrade, Mário Schenberg, Narbal Fontes, Prestes Maia e Pedro Nava; Colégio Santa Gema, Associação Paulista de Medicina, Academia Cristã de Letras, Academia Paulista de Letras, Academia de Medicina de São Paulo, Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – SP, Faculdade de Medicina de

Jundiaí, Faculdade Cásper Líbero, Museu Histórico Professor Carlos da Silva Lacaz, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), Banco de Dados Bibliográficos da USP, Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, Hospital do Servidor Público do Estado de São Paulo, Hospital São Camilo – Pompeia, Hospital São José da Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência, Centro Universitário São Camilo – *campi* Ipiranga e Pompeia, Universidade Federal de São Paulo, Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, Sociedade Brasileira de Urologia – Seccional de São Paulo, Sociedade Brasileira de História da Medicina, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP), União Brasileira de Escritores e Sindicato dos Médicos de São Paulo. No **Rio de Janeiro**: Biblioteca Nacional, Academia Nacional de Medicina, Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, Academia Brasileira de Médicos Escritores, Sociedade Brasileira de Urologia, Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – RJ e Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio de Janeiro. Em **Minas Gerais**: Academia Mineira de Medicina. Em **Brasília**: biblioteca do Congresso Nacional e Conselho Federal de Medicina. No **Paraná**: Biblioteca Pública do Paraná. Em **Pernambuco**: Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Regional de Pernambuco, e Academia Pernambucana de Letras. Em **Sergipe**: Academia Sergipana de Medicina. No **Rio Grande do Sul**: Sociedade União Israelita de Passo Fundo.

No exterior, exemplares de sua obra podem ser encontrados nos seguintes países:

Argentina: *Biblioteca Nacional Mariano Moreno de la República Argentina* – Buenos Aires; **Austrália**: *National Library of Australia* – Canberra; **Canadá**: *National Library of Canada – Library and Archives Canada* – Ottawa; **Estados Unidos da América**: *National Library of Medicine – National Institutes of Health* – Bethesda, Maryland, e *Library of Congress* – Washington, DC; **Finlândia**: *National Library of Finland* – Helsinque; **Portugal**: Biblioteca Nacional de Portugal – Lisboa; **Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte**: *British Library* – Londres; e **Rússia**: *National Library of Russia* – São Petersburgo.





Impressão e Acabamento:



Fones: (11) 3951-5240 | 3951-5188 | 3966-3488
E-mail: atendimento@expressaoearte.com
www.graficaexpressaoearte.com.br